



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**IMPACTOS PSICOLÓGICOS DA IMIGRAÇÃO VOLUNTÁRIA:
A EXPERIÊNCIA DE UNIVERSITÁRIOS IMIGRANTES**

Mestranda: Júlia de Freitas Girardi
Orientadora: Prof^ª Dr^ª Lucienne Martins Borges

Florianópolis
2015

Júlia de Freitas Girardi

**IMPACTOS PSICOLÓGICOS DA IMIGRAÇÃO VOLUNTÁRIA:
A EXPERIÊNCIA DE UNIVERSITÁRIOS IMIGRANTES**

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lucienne Martins Bores

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Girardi, Júlia de Freitas
Impactos Psicológicos da Imigração Voluntária : a
experiência de universitários imigrantes / Júlia de
Freitas Girardi ; orientadora, Lucienne Martins Borges -
Florianópolis, SC, 2015.
178 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Universitários imigrantes. 3.
Estudantes estrangeiros. 4. Estudantes internacionais. 5.
Impactos psicológicos. I. Martins Borges, Lucienne. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Psicologia. III. Título.

Júlia de Freitas Girardi

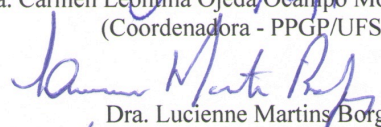
***Impactos psicológicos da imigração voluntária: a experiência de
universitários imigrantes***

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 25 de novembro de 2015.



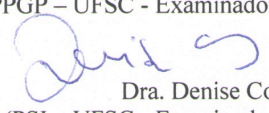
Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré
(Coordenadora - PPGP/UFSC)



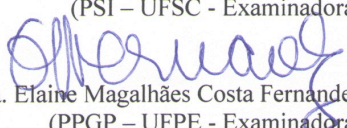
Dra. Lucienne Martins Borges
(PPGP - UFSC - Orientadora)



Dra. Ana Lúcia Mandelli de Marsillac
(PPGP – UFSC - Examinadora)



Dra. Denise Cord
(PSI – UFSC - Examinadora)



Dra. Elaine Magalhães Costa Fernandez
(PPGP – UFPE - Examinadora)

Dra. Andréa Barbará da Silva Bousfield
(PPGP - UFSC - Suplente)

*Quando vim da minha terra,
se é que vim da minha terra
(não estou morto por lá?),
a correnteza do rio
me sussurrou vagamente
que eu havia de quedar
lá donde me despedia.*

*Os morros, empalidecidos
no entrecerrar-se da tarde,
pareciam me dizer
que não se pode voltar,
porque tudo é consequência
de um certo nascer ali.*

*Quando vim, se é que vim
de algum para outro lugar,
o mundo girava, alheio
à minha baça pessoa,
e no seu giro entrevi
que não se vai nem se volta
de sítio algum a nenhum.*

*Que carregamos as coisas,
moldura da nossa vida,
rígida cerca de arame,
na mais anônima célula,
e um chão, um riso, uma voz
ressoam incessantemente
em nossas fundas paredes.*

*Novas coisas, sucedendo-se,
iludem a nossa fome
de primitivo alimento.
As descobertas são mascaras
do mais obscuro real,
essa ferida alastrada
na pele de nossas almas.*

*Quando vim da minha terra,
não vim, perdi-me no espaço,
na ilusão de ter saído.
Ai de mim, nunca sai.
Lá estou eu, enterrado
por baixo de falas mansas,
por baixo de negras sombras,
por baixo de lavras de ouro,
por baixo de gerações,
por baixo, eu sei, de mim mesmo,
este vivente enganado,
enganoso.*

(A ilusão do migrante – Carlos Drummond Andrade)

AGRADECIMENTOS

Quero deixar os agradecimentos primeiramente aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando e que me ensinaram o gosto pelo estudo, se estou aqui hoje é graças a vocês!

À Lucienne, minha orientadora, pelos conselhos e contribuições, pela confiança e acima de tudo, por abrir meus olhos para essa temática tão importante com a qual eu encontrei o meu lugar.

Ao Diego, meu companheiro, que ficou firme ao meu lado durante todo esse processo, sempre pronto a me encorajar e me escutar.

À toda minha família, ao meu irmão André, todos sempre presentes.

Aos colegas do NEMPSiC por compartilharem comigo essa experiência. Obrigada pelo carinho e pelas colaborações.

Aos meus amigos, de longo e pouco tempo, que compartilharam comigo momentos inesquecíveis e me apoiaram mesmo nos momentos em que precisei ficar um pouco distante. Obrigada!

À Jadete e à Marilena, pelos grupos de estudo que proporcionaram um aprendizado essencial.

Ao Jean-Bernard e à Lucienne pela possibilidade e suporte na viagem ao Quebec.

À Ana Lúcia Mandelli de Marsillac por me orientar no Estágio em Docência, experiência essencial para minha formação.

À professora Dra. Andréa Barbará da Silva Bousfield e a professora Dra. Elisângela Boing pelos comentários e contribuições ao projeto de qualificação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) pelo apoio e a CAPES pelo financiamento do meu projeto.

Aos participantes dessa pesquisa, que compartilharam comigo suas histórias e sem os quais essa dissertação não seria possível.

À todos vocês, muito obrigada!

RESUMO

Os universitários imigrantes são sujeitos que deixam seus países de origem em busca de realizar uma formação superior em outro país. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) estima um aumento de 7,1% ao ano de pessoas nessa categoria de imigração, sendo que em 2010 o total era de 4.1 milhões de universitários imigrantes no mundo. Como qualquer tipo de imigração, essa também acarreta em impactos psicológicos para os sujeitos envolvidos, uma vez que deixar sua cultura de origem e passar a viver em uma outra, desconhecida, pode gerar vulnerabilidade psicológica devido as mudanças, transições e elaborações de lutos. No entanto, ainda são poucos os estudos, no Brasil, que trabalham com essa população, sendo escassos aqueles que investiguem diretamente a questão dos impactos psicológicos. Dessa forma, esta pesquisa teve como objetivo compreender os impactos psicológicos decorrentes da imigração em universitários imigrantes. Para tanto, seguiu-se uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com 15 participantes e pela aplicação de um questionário sociodemográfico. A análise de dados foi realizada com base na técnica de análise de conteúdo, com suporte do *software* Atlas.ti, o que possibilitou elaborar quatro categorias de análise: processo migratório, sofrimento psíquico, fatores de risco e fatores de proteção; cada uma dessas com suas próprias subcategorias e unidades temáticas. Em relação ao processo migratório percebeu-se a influência das características do país de origem, da família e da motivação individual no processo de escolha por imigrar. Além disso, notou-se a dificuldade de deixar o país de origem e o impacto da diferença cultural ao chegar no país de acolhimento, expressa por meio do idioma, da dificuldade de se relacionar com pessoas nativas, dos hábitos alimentares, dos problemas financeiros, em experiências de discriminação e das dificuldades nas disciplinas da universidade. Essas dificuldades são mediadas por fatores que atuam de forma protetiva, de modo que esses estudantes desenvolvem estratégias de inserção na sociedade como religião, relações sociais, atividades e lazer; e ao mesmo tempo de manutenção do vínculo com a cultura de origem, como o contato com conterrâneos, o uso da língua materna, a manutenção de hábitos alimentares, as músicas típicas. No que se refere ao sofrimento psíquico, observou-se que os participantes da pesquisa relatam um sentimento de não pertencimento, isto é, de dificuldade de se sentir como parte do país de acolhimento e de nele se projetar, o que leva muitos a desejarem o

retorno ao país de origem. Por fim, ressalta-se o papel que a universidade possui na integração e adaptação dos estudantes universitários estrangeiros, uma vez que ela assume um lugar de referencia fundamental para esses sujeitos e possibilita a articulação com a comunidade. Tendo isso em vista, é necessário o desenvolvimento de estratégias de convivência, tanto com outros estudantes estrangeiros como com pessoas do país de acolhimento, e também em relação a capacitação de servidores e funcionários para as especificidades desses sujeitos.

Palavras-chave: Universitários imigrantes. Estudantes estrangeiros. Estudantes internacionais. Imigrantes. Impactos psicológicos.

ABSTRACT

The university immigrants are individuals who leave their countries of origin seeking to have a university degree in another country. The United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) estimate an increase of 7.1% per annum of people in this category of immigration, and in the year of 2010 there were 4.1 million of university immigrants in the world. Like any type of immigration, this also leads to psychological impacts for those involved, since leaving their culture of origin and therefore living in another one, unknown, can cause psychological vulnerability because of the changes, transitions and elaborations of mourning. However, there are few studies in Brazil the worked with this population, and there are even fewer who directly investigate the issue of psychological impacts. Thus, this study aimed to understand the psychological impacts of immigration on university immigrants. To this end, this study followed a qualitative, exploratory and descriptive approach. The data were collected through semi-structured interviews with 15 participants and by applying a sociodemographic questionnaire. The data analysis was based on a content analysis technique, with the support of the software Atlas.ti, which enabled to classify four categories of analysis: migratory process, psychological distress, risk factors and protective factors; each of these with its own subcategories and thematic units. Regarding the migratory process it was seen the influence of the characteristics of the country of origin, family and individual motivation in the process of the decision to immigrate. In addition, it was noted the difficulty of leaving the country of origin and the impact of cultural differences on arriving in the host country, expressed through the language, the difficulty of relating to host people, the eating habits, the financial problems, in the experiences of discrimination and in the difficulties in the classes of the university. These difficulties are mediated by factors that act in a protective manner, in which these students develop integration strategies as religion, social relationships, and leisure activities; and at the same time they maintained the bonds with the culture of origin, by the contact with peers, the use of the mother tongue, maintaining eating habits, and by typical songs. With regard to psychological distress, it was observed that the research participants reported a feeling of not belonging, that is, the difficulty to feel like part of the host country and to project itself on it, which leads many to wish the return to their country of origin. Finally, it is emphasized the role that the university has in the integration and adaptation of foreign university students, since it is a fundamental

reference place for these individuals and also because it enables interaction with the community. Keeping this in view, it is necessary the development of strategies of interaction, both with other foreign individuals and also of the host country, and also the training of the university staff and teachers for the necessities of these subjects.

Key Words: University immigrants. Foreign students. International students. Immigrants. Psychological impacts.

LISTA DE SIGLAS

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

BVS-PSI – Biblioteca Virtual em Saúde e Psicologia

CEPSH – Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos

CONARE – Comitê Nacional para os Refugiados

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MERCOSUL – Mercado Comum do Sul

NEMPSiC – Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas

OECD – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

OIM – Organização Internacional de Migrações

ONG – Organização Não Governamental

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PEC-G – Programa de Estudantes-Convênio de Graduação

PEC-PG – Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação

PRAE – Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis

PROPG – Pró-Reitoria de Pós Graduação

SAPSI – Serviço de Atenção Psicológica

SINTER – Secretaria de Relações Internacionais

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Características gerais dos artigos publicados no âmbito nacional.....	42
Tabela 2 – Características gerais dos artigos publicados no âmbito internacional.....	43
Tabela 3 – Fatores de risco e de proteção em saúde mental para universitários imigrantes.....	58
Tabela 4 – Número de universitários imigrantes na graduação e na pós graduação por país de origem.....	83
Tabela 5 – Caracterização dos partici.....	89
Tabela 6 – Categoria, subcategorias e unidades temáticas.....	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Subcategorias e unidades temáticas da Categoria 1: Processo migratório.....	93
Quadro 2 – Unidades temáticas referentes à subcategoria 1.1 Contexto.....	94
Quadro 3 – Unidades temáticas referentes à subcategoria 1.2 Motivação para migrar.....	100
Quadro 4 – Unidades temáticas referentes à subcategoria 1.3 Etapas pré-migratórias.....	106
Quadro 5 – Subcategorias e unidades temáticas da Categoria 2: Sofrimento psíquico.....	111
Quadro 6 – Unidades temáticas referentes à subcategoria 2.1 Manifestações sociais.....	114
Quadro 7 – Unidades temáticas referentes à subcategoria 2.2 Sintomas psicológicos.....	120
Quadro 8 – Unidades temáticas referentes à subcategoria 2.2 Sintomas físicos.....	124
Quadro 9 – Subcategorias e unidades temáticas da Categoria 3: Fatores de risco.....	125
Quadro 10 – Unidades temáticas referentes à subcategoria 3.1 Antecedentes migratórios.....	127
Quadro 11 – Unidades temáticas referentes à subcategoria 3.2 Dificuldades de adaptação.....	137
Quadro 12 – Unidades temáticas referentes à subcategoria 3.3 Problemas na universidade.....	137
Quadro 13 – Subcategorias e unidades temáticas da Categoria 4: Fatores de proteção.....	137
Quadro 14 – Unidades temáticas referentes à subcategoria 4.1 Envolvimento social.....	137
Quadro 15 – Unidades temáticas referentes à subcategoria 4.2 Manutenção do vínculo com a cultura de origem.....	140
Quadro 16 – Unidades temáticas referentes à subcategoria 4.3 Projetar-se no Brasil.....	146

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	25
2 OBJETIVOS.....	31
2.1 OBJETIVO GERAL.....	31
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	31
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	33
3.1 CONCEITOS GERAIS DE IMIGRAÇÃO.....	33
3.1.1 Imigração no contexto brasileiro.....	35
3.2 IMPACTOS PSICOLÓGICOS DA IMIGRAÇÃO EM UNIVERSITÁRIOS IMIGRANTES: REVISÃO DE LITERATURA.....	39
3.2.1 Fatores pré-migratórios.....	46
3.2.2 Fatores pós-migratórios.....	47
3.2.2.1 <i>Características do país de acolhimento e questões socioeconômicas.....</i>	47
3.2.2.2 <i>Desempenho acadêmico.....</i>	49
3.2.2.3 <i>Identidade e discriminação.....</i>	52
3.2.2.4 <i>Redes sociais.....</i>	55
3.2.3 Características pessoais.....	57
3.2.4 Saúde mental.....	57
3.2.5 Serviços universitários e de saúde mental.....	60
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	63
4.1 VERTENTES PSICOLÓGICAS.....	63
4.2 CULTURA, IMIGRAÇÃO E SOFRIMENTO PSÍQUICO.....	66
4.2.1 <i>Luto, nostalgia e elaboração.....</i>	71
4.2.2 <i>Desamparo, angústia, trauma e ruptura cultural.....</i>	74
4.2.3 <i>Sintoma e psicopatologia.....</i>	77
5 MÉTODO.....	81
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	81
5.2 CONTEXTO E PARTICIPANTES.....	82
5.3 INSTRUMENTOS.....	84
5.3.1 Entrevista semiestruturada.....	84
5.3.2 Questionário sociodemográfico.....	85
5.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	85
5.5 ASPECTOS ÉTICOS.....	86
5.6 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS.....	87
6 RESULTADOS.....	89
7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	93
7.1 CATEGORIA 1: PROCESSO MIGRATÓRIO.....	93
7.2 CATEGORIA 2: SOFRIMENTO PSÍQUICO.....	109
7.3 CATEGORIA 3: FATORES DE RISCO.....	123

7.4 CATEGORIA 4: FATORES DE PROTEÇÃO.....	136
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	149
REFERÊNCIAS.....	157
APÊNDICE 1 – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	171
APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	173
APÊNDICE 3 – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO.....	177

1 INTRODUÇÃO

A busca por realizar uma formação de ensino superior em outro país que não o de origem é uma prática já recorrente no contexto mundial e no imaginário da população de forma geral. No entanto, costuma-se focar nas vantagens proporcionadas por essa experiência, como a aprendizagem de uma nova língua, a formação de alta qualidade e o conhecimento de outra cultura. Pouco se fala dos efeitos que esse tipo de imigração tem sobre o psíquico desses sujeitos que deixam seus países e passam a integrar outro país, até então desconhecido, no qual devem recomeçar suas vidas. Nesse recomeço estão implicadas diversas questões tanto de adaptação psicossocial quanto aquelas referentes à subjetividade do sujeito e sua relação com sua identidade e cultura (Andrade & Teixeira, 2009; Hirsch, 2009; Liberato, 2012; Mungoi, 2012; Silva & Moraes, 2012).

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO – define a categoria “estudantes estrangeiros” como composta por estudantes de nacionalidade diferente daquela do local em que estão fazendo seus estudos; aqui não se diferencia a razão ou o tempo de imigração, somente a nacionalidade. Dentro dessa grande categoria, encontra-se uma subcategoria que são os “estudantes internacionais”, definidos como indivíduos que atravessam fronteiras com o objetivo de estudar em outro país. Apesar de utilizar uma nomenclatura específica para se referir a pessoas que se deslocam por fins acadêmicos, não se deixa de pensar considerar esses sujeitos como imigrantes (OECD, 2012). Portanto, em consonância com a Organização Internacional de Migrações – OIM – que define o imigrante como aquele que atravessa a fronteira de um país, independente da causa ou

duração da sua permanência no país de acolhimento (OIM, 2009). Na presente pesquisa, faz-se a opção por utilizar o termo universitários imigrantes.

O processo migratório é composto por um variado e complexo conjunto de fatores psicossociais e socioeconômicos. Passar a conviver com outra cultura representa uma ruptura do quadro de significados e referências do sujeito, o que traz à tona questões relacionadas ao modo de ser e a quem se é, ou seja, sua própria identidade (Dantas, 2012). O imigrante é aquele que, pelo menos temporariamente, encontra-se longe do contexto cultural no qual ele se constituiu como sujeito. Seu mundo interno – psíquico – e externo – em que ele está inserido – não pertencem ao mesmo registro cultural. As reações do sujeito imigrante decorrentes do contato a diferença cultural provocam impactos, instabilidade, vulnerabilidade etc. (Martins-Borges, 2013).

Nesse sentido, a imigração envolve diversos tipos de transições, entre as quais se destacam: a mudança e a reconstrução dos laços sociais, a modificação do *status* e do sistema socioeconômico e a alternância de um sistema cultural para outro. Por si só, essas alterações podem gerar vulnerabilidade (Kirmayer *et al.*, 2011), que pode vir acompanhada de sintomas como tristeza profunda, isolamento social, conflitos com a cultura do país de acolhimento, queixas somáticas (Martins-Borges, 2013). Ainda em relação aos sintomas desencadeados pela migração, Dantas (2012) observa o aumento de ansiedade, depressão, confusão identitária, sintomas psicossomáticos, sentimento de alienação. Já Coutinho, Rodrigues e Ramos (2012) ressaltam o aparecimento de transtornos psicológicos, como os Transtornos Mentais Comuns (TMC), que são caracterizados por sintomas de fadiga,

esquecimento, insônia, dificuldade de concentração, irritabilidade e queixas somáticas.

No entanto, é importante ressaltar que a migração, por si só, não é considerada um fator de risco. O impacto gerado por ela depende de uma série de fatores que envolvem o tipo de migração (voluntária/involuntária, legal/ilegal), a situação geral tanto do país de origem como do de acolhimento, as redes sociais do migrante, as políticas migratórias do país de acolhimento etc. (Dias & Gonçalves, 2007; Padilla, 2013). Martins-Borges (2013) acrescenta a esses fatores as características psicológicas dos próprios sujeitos.

São múltiplas as histórias, as nacionalidades, os percursos dos universitários imigrantes pelo mundo. Dados da UNESCO apontam que, em 2010, mais de 4.1 milhões de pessoas estavam cursando ensino superior em um país diferente do de origem; esse número era de 2.1 em 2000, ou seja, houve um aumento de 99% em 10 anos. Além disso, há um aumento anual de 7.1% dessa categoria de imigração. Os principais países receptores são: Estados Unidos, Reino Unido, Austrália, Alemanha, França e Canadá, sendo que 83% do total de universitários imigrantes estão em um país que faz parte do G20. Quanto à origem dos universitários imigrantes, 52% do total de universitários imigrantes são de países asiáticos como China, Índia e Coreia (OECD, 2012).

O perfil de universitários imigrantes em cada país varia de acordo com políticas internacionais dos respectivos países, com a proximidade geográfica ou com características da cultura e do idioma (OECD, 2012). O Brasil é um país que tanto recebe como envia universitários imigrantes. Dados da UNESCO apontam que 32.051 brasileiros estão cursando ensino superior em outros países, com destaque para os

Estados Unidos, Portugal, França, Alemanha e Reino Unido. Quanto aos universitários imigrantes que estão no país, o número é de 12.221 com predominância de pessoas vindas de Angola, Guiné-Bissau, Argentina, Paraguai, Cabo Verde e Portugal (UNESCO, 2014).

Como a maior parte dos imigrantes, os universitários imigrantes também passam por questões relativas à reestruturação de identidade, ao contato com a diferença cultural, à discriminação social e de se adequar ao novo contexto acadêmico, que é diferente do de seus países de origem (Andrade & Teixeira, 2009; Chalungsooth & Schneller, 2011). No entanto, existe carência de pesquisas no contexto nacional que investiguem as necessidades e especificidades dessa população em termos de adaptação, vivências sociais e, especialmente, sobre os impactos da imigração que podem ser também observados no estado de saúde – física e mental – desta população (Andrade & Teixeira, 2009).

Frente aos apontamentos apresentados, esta dissertação dispõe-se a ampliar a produção do conhecimento no que concerne os impactos psicológicos e a população de universitários imigrantes. A relevância científica deste estudo encontra-se no fato de serem poucas as pesquisas com essa população no Brasil, uma vez que são encontrados, por meio de revisão sistemática da literatura nacional¹, somente dez trabalhos sobre o tema, sendo apenas um no âmbito da Psicologia. No que tange à relevância social, espera-se que essa pesquisa possa servir de subsídio para outros estudos sobre a temática de impactos psicológicos e imigração voluntária, mais especificamente sobre os universitários imigrantes. Também, por meio das informações levantadas, busca-se

¹ A descrição detalhada do processo de revisão sistemática da literatura inicia-se na página 20.

possibilitar a discussão de estratégias de acolhimento para essa população dentro das universidades e no contexto da saúde pública. Dessa maneira, ao serem consideradas as informações apresentadas e a relevância científica e social bem como a importância da contribuição da Psicologia acerca da temática, essa dissertação se propõe a responder à seguinte indagação: **Quais os impactos psicológicos decorrentes da imigração em universitários imigrantes?**

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender os impactos psicológicos decorrentes da imigração em universitários imigrantes.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar o processo de imigração de universitários imigrantes;
- Investigar evidências de sofrimento psíquico em universitários imigrantes;
- Levantar fatores de risco em universitários imigrantes;
- Identificar fatores de proteção em universitários imigrantes.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Na primeira parte deste capítulo, são apresentados os principais conceitos envolvidos no processo de imigração bem como um panorama do assunto no cenário brasileiro. Em seguida, discutem-se os impactos psicológicos decorrentes da imigração em universitários imigrantes por meio de uma revisão sistemática da literatura nacional e internacional.

3.1 CONCEITOS GERAIS DE IMIGRAÇÃO

A palavra “migração” tem sua origem etimológica no termo latino *migrare*, que significa deslocar-se de um local para outro (Coutinho & Oliveira, 2010). A OIM (2009) define o fenômeno da migração como o atravessamento de fronteiras – nacionais ou internacionais – por pessoas, independente de sua causa, duração, extensão ou composição. Entre as classificações de migrações, chama-se migração internacional aquela em que os sujeitos atravessam a fronteira entre países. Do ponto de vista do país de acolhimento, o termo imigrante é utilizado para fazer referência aos sujeitos que chegam de outro país por esse tipo de imigração. Apesar de a definição geral de imigração ser centrada no deslocamento geográfico, esse processo implica em diversos outros aspectos, como a experiência de passar a conviver com outra cultura e com o modo de compreender o mundo diferente da forma vigente na cultura de origem (Coutinho & Oliveira, 2010).

É importante ressaltar que os imigrantes não formam um grupo homogêneo, mas suas diferenças podem ser expressas em diversas

esferas como idade, gênero, *status* socioeconômico, país de origem, cultura, religião, etc. (Padilla, 2013). Além disso, as migrações podem ser classificadas de acordo com diferentes características, como a voluntariedade e motivação, a legalidade, a fronteira atravessada.

Quanto à voluntariedade, a migração pode ser voluntária ou involuntária. A migração voluntária – também chamada de espontânea – refere-se a sujeitos ou grupos que migram por objetivos próprios e sem ajuda externa – isto é, sem auxílio estatal ou de outro órgão nacional ou internacional –, devido a fatores de repulsão ou atração de seu país de origem e/ou do de acolhimento (OIM, 2009). As motivações para tanto são as mais diversas, entre elas: trabalho, formação ou continuação de estudos, relações afetivas, vontade de conhecer outros países e culturas. Devido ao caráter de busca por melhor qualidade de vida inerente a esse tipo de migração, muitas vezes se faz referência a esses sujeitos como migrantes econômicos (Padilla, 2013).

Já a migração involuntária – ou forçada – é aquela que ocorre devido a uma ameaça à vida ou à sobrevivência dos sujeitos, podendo ocorrer no contexto de guerras, perseguições, desastres naturais, tráfico de pessoas, exílios políticos etc. (Martins-Borges, 2013; OIM, 2009; Padilla, 2013). Dentro dessa categoria, entende-se por refugiados aqueles que, em razão de perseguições relativas à raça, nacionalidade, religião, etnia, ao grupo social de pertencimento e à opção política saem de seu país de origem e para ele não podem ou não querem regressar em função dessas perseguições (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – ACNUR Brasil, 2004). Aqui se torna necessário diferenciar os refugiados dos requerentes de asilo. Esses últimos fazem o pedido de refúgio após entrarem – legal ou ilegalmente – no país,

enquanto os primeiros já chegam reconhecidos oficialmente como refugiados (Padilla, 2013).

Não existem regras universais – isto é, que se apliquem a todos os países – em relação à legalidade das migrações. No entanto, chamam-se de migração irregular ou ilegal os movimentos de pessoas que não ocorrem de acordo com as leis do país. Da perspectiva dos países de envio – ou de origem – refere-se a sujeitos que não possuem a documentação necessária para deixar o país. Já, em relação ao país de acolhimento, costuma dizer respeito a situações em que o imigrante não tem os documentos ou autorizações exigidos pelo país, que podem ser relativos à entrada, à permanência ou ao tipo de visto (trabalho, estudo etc.). Ressalta-se que, em alguns casos, o termo migração ilegal também é utilizado para descrever contrabando ou tráfico de pessoas (OIM, 2009).

3.1.1 Imigração no contexto brasileiro

O Brasil tem uma história na qual o papel da imigração é determinante, iniciando-se com a colonização dos portugueses que também originou, até 1850, o tráfico de escravos africanos e trouxe cerca de 4 milhões de escravos ao país. No início do século XIX, começou a imigração livre, ou seja, àquela de pessoas vindas de outros países além de Portugal. Isso se deu como consequência do incentivo de Portugal à colonização do Brasil e teve como principais imigrantes os alemães e italianos. Estima-se que entre os anos de 1870 e 1930 tenham chegado ao Brasil cerca de 40 milhões de pessoas. Já, a partir da Segunda Guerra Mundial, os fluxos migratórios para o Brasil se

interromperam, sendo retomados, de forma significativa, somente a partir de 1980 (Patarra & Fernandes, 2011).

Nas duas últimas décadas, tem-se observado que o Brasil passa a ocupar um lugar de destaque no contexto dos movimentos migratórios (Patarra & Fernandes, 2011; Reis, 2011). Isso pode ser ilustrado pelos dados do censo demográfico, que evidenciou um aumento de 66% no número de imigrantes no país entre os anos de 2000 e 2010, com destaque para fluxos de pessoas originárias dos Estados Unidos, Japão, Paraguai, Portugal e Bolívia (IBGE, 2010). Estima-se que o número de estrangeiros que vive no país varie entre 600 mil e um milhão, incluindo aqueles indocumentados (Reis, 2011). Observa-se, assim, uma diversidade tanto de fluxos de imigrantes vindos para o país, como os fluxos de pessoas oriundas de outros países da América Latina, principalmente daqueles que fazem parte do Mercado Comum do Sul – MERCOSUL. Também se ressalta o caso dos imigrantes africanos que passaram a imigrar para o Brasil devido a acordos na área de educação, especialmente aqueles vindos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – PALOP –; e de forma involuntária, devido aos conflitos que irromperam no continente africano nas últimas décadas. Outro fluxo importante diz respeito aos haitianos, que começam a imigrar para o país em grande número após o terremoto de 2010 (Patarra & Fernandes, 2011).

Destaca-se também, no contexto atual, a chegada dos imigrantes econômicos e requerentes de refúgio no Brasil. A migração econômica – ou qualificada – tem aumentado nos últimos anos juntamente com o crescimento da economia brasileira, o que gerou uma demanda por profissionais qualificados que não pôde ser suprida pela oferta de

profissionais brasileiros. Dessa forma, esse tipo de imigração apresentou um crescimento de 132%, de 2007 a 2011. Salienta-se também que mais de 60% desses imigrantes possuía curso superior completo (Patarra & Fernandes, 2011). Nesse sentido, apontam-se também os imigrantes universitários, que vêm para o Brasil completar uma formação superior, oriundos, principalmente, de países da África e da América Latina (Silva & Moraes, 2012; Subuhana, 2007, 2009).

A entrada de refugiados no país e suas respectivas nacionalidades variam de acordo com as guerras e conflitos no cenário mundial. Na década de 1990, os refugiados que chegaram ao Brasil eram originários da Angola, Libéria e Serra Leoa. Em 2000, iniciou-se o fluxo de refugiados da República Democrática do Congo e do Iraque, além da entrada de refugiados colombianos no país e, em 2013, de Sírios e Libaneses (Patarra & Fernandes, 2011). De acordo com relatório do Comitê Nacional para os Refugiados – CONARE –, o número de refugiados no país em setembro de 2015 é de 8.400 refugiados reconhecidos e de 12.668 pessoas aguardando deferimento no processo de refúgio (CONARE, 2015). Outro fluxo importante é a vinda de haitianos após o terremoto ocorrido no Haiti em 2010 (Patarra & Fernandes, 2011). Dados do CONARE (2015) apontam que, até setembro de 2015, 45.607 haitianos residiam no país com visto humanitário, sendo que esse número não considera os haitianos que vivem no país em situação irregular.

O aumento do número de imigrantes e refugiados desafia o país em diversas esferas, o que torna necessário repensar políticas e leis específicas para as novas demandas que surgem com o aumento dessa população. Nesse sentido, no país está em curso uma proposta de nova

lei para estrangeiros, uma vez que a atual ainda se baseia na Lei 6815 de 1980, considerada ultrapassada para as necessidades atuais do país (Patarra & Fernandes, 2011; Reis, 2011). No momento, este projeto de Lei encontra-se aguardando apreciação pela Câmara de Deputados, já tendo sido aprovado, em 21 de maio de 2015, pela Comissão de Relações Exteriores (Senado, 2015). Nas duas últimas décadas também se observa maior investimento em políticas de gestão das fronteiras do país e nos tratados com países do MERCOSUL, Chile e Bolívia, que, entre outras medidas, permite que pessoas dessas origens residam e trabalhem no Brasil por dois anos com status de residência provisória, com possibilidade de, após esse período, conseguirem a residência permanente (Reis, 2011).

A nova postura do Brasil em relação à questão dos imigrantes e sua busca por alinhar as políticas públicas com os direitos humanos também podem ser demonstradas pelas três anistias – de 1988, 1998 e 2009 – que regularizaram a situação de estrangeiros no país. Ao considerar apenas a anistia de 2009, concedida pela Lei 1.644, ela foi responsável pela regulamentação da situação de 43 mil estrangeiros no país (Reis, 2011). Ressalta-se ainda a concessão, em 2012, de visto humanitário a cerca de cinco mil haitianos e o acordo de concessão de 1.200 vistos anuais para imigrantes provenientes do Haiti (Martins-Borges, 2013).

No âmbito das medidas adotadas pelo Brasil, evidencia-se a ação dos acordos internacionais no contexto da educação superior: Programa de Estudantes-Convênio de Graduação – PEC-G – e o Programa de Estudantes-Convênio de Pós Graduação – PEC-PG. O PEC-G, vigente desde 1965, conta com 56 países participantes, sendo 24 da África, 25

da América Latina e sete da Ásia. Entre os anos de 2000 e 2013, foram acolhidos pelo programa 7.676 estrangeiros, dos quais 78% eram africanos. Já o PEC-PG está em andamento desde 1981 e também conta com a participação de 56 países. De 2000 a 2013, 2.166 estrangeiros integraram o programa, sendo 75% de origem latino-americana (Divisão de Temas Educacionais, n.d.).

Como é possível de ser observado por meio dessas colocações, o Brasil procura ocupar uma posição central no cenário mundial em relação ao recebimento de imigrantes e refugiados, o que o leva a repensar leis e políticas públicas específicas a essas populações de forma a estar em alinhamento com as diretrizes globais (Patarra & Fernandes, 2011; Reis, 2011). No entanto, não é somente na esfera das leis que mudanças se fazem necessárias, mas também em outros âmbitos, entre eles: educação, trabalho, saúde e assistência social.

3.2 IMPACTOS PSICOLÓGICOS DA IMIGRAÇÃO EM UNIVERSITÁRIOS IMIGRANTES: REVISÃO DE LITERATURA

O número de estudantes que buscam realizar sua formação em outros países tem crescido em todo o mundo (Liu & Winder, 2014). No Brasil, a maior parte dos universitários imigrantes chegam por meio de acordos bilaterais como o PEC-G e o PEC-PG, com destaque para o número de estudantes vindos da África no primeiro e da América Latina no segundo (Silva & Moraes, 2012; Subuhana, 2007, 2009). Além do PEC-G e PEC-PG, existem convênios específicos entre o governo brasileiro e as universidades brasileiras com o governo de países específicos (Fonseca, 2009; Hirsch, 2009; Subuhana, 2007). Também se

destaca o financiamento pela família e por organizações não governamentais – ONG's (Subuhana, 2007).

É importante salientar que esta categoria diferencia-se dos intercambistas, que vêm ao país por tempo determinado, em geral um ano. Apesar de a literatura utilizar a palavra “imigrantes” ao se referir aos estudantes que saem de seus países de origem com objetivo de permanecer vários anos para cursar uma graduação ou pós-graduação, por lei eles não são definidos como imigrantes. Em geral, entram no Brasil com o “Visto Temporário IV”, que deve ser renovado anualmente. No entanto, é possível que o pedido de imigração seja feito após estarem no país e passarem a ser assim reconhecidos perante a lei (Subuhana, 2007). Não existem dados sobre o número desses estudantes que decidem permanecer no Brasil; sabe-se que isto ocorre com o objetivo de constituir a vida no país ou de fazer uma pós-graduação, apesar de os convênios estabelecerem o retorno em até três meses após o fim dos estudos (Fonseca, 2009; Silva & Morais, 2012).

Em geral, estudantes já passam por mudanças ao entrarem no meio universitário; no entanto, os estudantes internacionais enfrentam desafios específicos nesse processo de transição para o novo país, a cultura, e o meio acadêmico (Chalungsooth & Schneller, 2011). Como a maior parte dos imigrantes, os universitários imigrantes também passam por questões de reestruturação de identidade, de contato com a diferença cultural, de discriminação social e de se adequar ao novo contexto acadêmico, que é diferente do de seus países de origem (Andrade & Teixeira, 2009).

Devido ao aumento e à representatividade dessa categoria de imigrantes, tem-se observado, no cenário mundial, uma atenção

específica a pesquisas sobre o ajustamento cultural e psicológico dos estudantes internacionais (Yakushko, Davidson & Sanford-Martens, 2008). No entanto, existe carência de pesquisas no contexto brasileiro que investiguem as necessidades e especificidades dessa população, em termos de adaptação, vivências sociais e especialmente sobre os impactos da imigração (Andrade & Teixeira, 2009).

De forma a conhecer o cenário de produção a respeito da temática de impactos psicológicos específicos para a população de universitários imigrantes, procedeu-se à revisão sistemática da literatura em duas bases de dados, uma nacional e outra internacional. Foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão para a seleção dos artigos: a) estar diretamente relacionado ao tema de universitários imigrantes e aspectos de impactos da imigração; b) ter sido publicado na última década, ou seja, entre os anos de 2004 e 2014; c) ser artigo científico.

No levantamento de literatura nacional, a pesquisa foi realizada no banco de dados da Biblioteca Virtual em Saúde e Psicologia (BVS-PSI), que reúne diversas bases de pesquisa, entre as quais: SciELO, PePSIC, Index Psi, LILACS. Para tanto, utilizaram-se os seguintes indexadores: “imigração” AND “universidade”, “imigração” AND “estudantes”, “universitários imigrantes”, “estudantes imigrantes”, “estudantes internacionais”, “estudantes estrangeiros”, “estudantes africanos” e “estudantes latino-americanos”. Assim, foram levantados 348 artigos. Em seguida, leitura do resumo desses documentos e foram selecionados aqueles que se encaixavam nos critérios estabelecidos, totalizando 10 artigos.

Já na etapa de levantamento de literatura internacional utilizou-se a base de dados *PsycNET*. Foram pesquisados os seguintes descritores

em inglês: “immigration” AND “university”, “immigration” AND “students”, “university immigrants”, “university students”, “international college students” e “foreign college students”. Dessa forma, foram encontrados 1.161 artigos. Após a leitura dos resumos para verificar a pertinência, permaneceram 52 artigos.

Dessa forma, por meio do levantamento bibliográfico, identificou-se um total de 62 artigos, que foram consultados na íntegra e analisados de acordo com as seguintes variáveis: ano de publicação, país em que foi realizado o estudo, natureza quantitativa ou qualitativa, técnica de coleta de dados, população e tema central.

Os dados referentes aos 10 artigos publicados no contexto brasileiro podem ser observados na Tabela 1. Apesar de o período de abrangência da pesquisa ser entre os anos de 2004 e 2014, só foram encontrados artigos publicados a partir de 2007 e nos anos de 2008 e 2014 nenhum estudo foi localizado.

Tabela 1 – Características gerais dos artigos publicados no âmbito nacional

Variáveis		n
Ano de publicação	2007	1
	2009	4
	2010	1
	2012	3
	2013	1
País em que foi realizado	Brasil	9
	Estados Unidos	1
Natureza da pesquisa	Quantitativa	3
	Qualitativa	7
Técnica utilizada	Questionário/ instrumento de medida	3
	Entrevista	2
	Etnografia e entrevista	4
	Pesquisa documental	1
População	Universitários imigrantes	3
	Universitários imigrantes de Angola	1
	Universitários imigrantes de Guiné Bissau e São	1

	Tomé e Príncipe	1
	Universitários imigrantes de Cabo Verde	1
	Universitários imigrantes de Moçambique	1
	Universitários imigrantes da África	2
	Universitários imigrantes do PALOP	
Temas centrais	Identidade	5
	Socialização	2
	Adaptação	2
	Aculturação	1
TOTAL		10

Fonte: (Andrade & Teixeira, 2009; Brown, Gibbons & Hughes, 2013; Fonseca, 2009; Garcia, 2012; Garcia & Goes, 2010; Hirsch, 2009; Mungoi, 2012; Silva & Morais, 2012; Subuhana, 2007, 2009)

Já os dados dos 52 artigos obtidos por meio da revisão da literatura internacional podem ser observados na Tabela 2. Em relação ao número de publicações por ano, pode-se notar a maior constância de pesquisas na temática, com uma média de 4,73 estudos por ano, sendo que o maior pico de produção foi em 2014 com 9 artigos.

Tabela 2 – Características gerais dos artigos publicados no âmbito internacional

Variáveis		n
Ano de publicação	2004	5
	2005	3
	2006	1
	2007	5
	2008	5
	2009	3
	2010	5
	2011	8
	2012	2
	2013	6
	2014	9
País em que foi realizado	Estados Unidos	31
	Canadá	04
	Austrália	03
	Israel	03
	França	02
	Reino Unido	02
	África do Sul	01
	Alemanha	01

	Argentina	01
	Botswana	01
	Singapura	01
	Taiwan	01
	Turquia	01
Natureza da pesquisa	Quantitativa	28
	Qualitativa	24
Técnica utilizada	Questionário/ instrumento de medida	26
	Entrevista	20
	Pesquisa documental	02
	Pesquisa documental, entrevista e observação	01
	Entrevista e grupo focal	01
	Pesquisa teórica	02
População	Universitários imigrantes	26
	Universitários imigrantes da Ásia	07
	Universitários imigrantes da China	04
	Universitários imigrantes indocumentados	04
	Universitários imigrantes da África	04
	Universitários imigrantes da América Latina	02
	Universitários imigrantes da Índia	01
	Universitários imigrantes do Japão	01
	Universitários imigrantes de Gana	01
	Universitários imigrantes da Etiópia	01
	Universitários imigrantes do Vietnã	01
Temas centrais	Adaptação	15
	Identidade	09
	Saúde Mental	06
	Impactos Psicológicos	05
	Experiências universitárias	05
	Aculturação	02
	Uso de serviços de saúde mental	02
	Estressores	02
	Discriminação	02
	Socialização	01
	Satisfação	01
	Motivação	01
	Resiliência	01
TOTAL		52

Fonte: (Arar, Masry-Harzalla & Haj-Yehia, 2013; Arieli & Hirschfeld, 2013; Barrette *et al.*, 2004; Bonazzo, 2007; Brisset *et al.*, 2010; Calderwood *et al.*, 2009; Chalungsooth & Schneller, 2011; Caluya, Probyn & Vyas, 2011; Constantine *et al.*, 2005a, 2005b; Constantine, Okazaki & Utsey, 2004; Doku & Meekums, 2014; Elis & Chen, 2013; Fotovatian & Miller, 2014; Fritz, Chin & DeMarinis, 2008; Garcia & Tierney, 2011; Gonzalez, 2013; Grayson, 2008; Iwamoto & Liu, 2010; Jenkins & Galloway, 2009; Kagnici, 2012; Kayitesi & Mwaba, 2014; Khawaja & Dempsey,

2007; Kim, 2012, 2014; Kurman, Eshel & Sbeit, 2005; Lee & Opio, 2011; Liu & Winder, 2014; Malcom & Mendoza, 2014; Maundeni *et al.*, 2010; McClure, 2007; Misra & Castillo, 2004; Morales, Herrera & Murry, 2011; Nilsson *et al.*, 2008; Oliffé *et al.*, 2010; Perez *et al.*, 2009; Phinney, Dennis & Osorio, 2006; Poyrazli *et al.*, 2004; Poyrazli & Lopez, 2007; Schwartz *et al.*, 2013; Sinacore *et al.*, 2011; Solano & Perugini, 2013; Stebleton, Soria & Huesman Jr., 2014; Sumer, Poyrazli & Grahame, 2008; Trice, 2004; Wong *et al.*, 2014; Wong, Wang & Maffini, 2014; Yakunina & Weigold, 2011; Yakushko, Davidson & Sanford-Martens, 2008; Yan & Berliner, 2011; Ying, Lee & Tsai, 2007; Zhang, Mandl & Wang, 2010).

A produção de pesquisas em contexto intercultural – isto é, situações de contato entre culturas – é uma questão delicada, principalmente no que se refere à coleta de dados, principalmente em estudos quantitativos, já que deve considerar que cada uma das culturas envolvidas possui seu próprio sistema de significação e de representações (Costa-Fernandez, 2011). Caetano, Clark e Tam (1998) chamam a atenção para as especificidades e as dificuldades desse tipo de estudos, uma vez que elas devem considerar uma série de aspectos relacionados à identidade étnica, à amostragem, à escolha do instrumento de coleta de dados e à própria coleta de dados. Especificamente em relação ao uso de instrumentos de medida, os autores apontam que muitas das pessoas pertencentes a minorias étnicas não se sentem confortáveis com o idioma dominante, o que implica na necessidade de traduzir e validar a tradução, se necessário, desses instrumentos. Outro apontamento refere-se às diferentes conotações sobre comportamentos que variam de acordo com as culturas, que implicam na validade de um instrumento para mais de uma cultura ao mesmo tempo. Pode-se observar que as publicações nacionais seguem a tendência de pesquisas qualitativas e as internacionais trabalham tanto com estudos de natureza qualitativa quanto quantitativa.

Em relação à nacionalidade dos participantes dessas pesquisas, no cenário nacional, verifica-se que três artigos trabalharam com universitários imigrantes de nacionalidades diferentes e sete com nacionalidades específicas; porém, todas as nacionalidades referem-se ao continente africano. Já, no contexto internacional, dos 52 artigos encontrados, a metade (26) trabalhou com a categoria de universitários imigrantes, sem focar nacionalidades específicas. Os demais estudos que focam populações específicas variaram entre diversas nacionalidades agrupadas por continente ou por país de origem.

Para compreender a dinâmica e os impactos psicológicos envolvidos nesse processo, deve-se considerar os aspectos nele envolvidos. Por meio da leitura dos artigos levantados na revisão de literatura, foi possível observar um destaque para os seguintes temas quanto a à sua relação com impactos psicológicos: fatores pré-migratórios, características do país de acolhimento e questões socioeconômicas, desempenho acadêmico, identidade, socialização, saúde mental e serviços universitários e de saúde mental. Após a discussão desses temas, apresenta-se aqui uma relação com os principais apontamentos e suas atuações como fatores de proteção ou de risco nos impactos psicológicos.

3.2.1 Fatores pré-migratórios

Os fatores pré-migratórios referem-se a questões presentes antes da imigração propriamente dita, ou seja, antes da saída do país de origem. Assim, pode-se pensar na motivação para a migração, procedimentos burocráticos, escolha do país, preparo para a viagem,

apoio familiar e vivências anteriores (destacando-se o papel dos traumas).

Em relação à motivação para a busca por uma formação em outro país, alguns dos fatores citados são: crença em um nível de educação superior, maior disponibilidade de serviços de apoio ao aprendizado, maiores oportunidades de emprego ao retornarem, experiência de vida (Andrade & Teixeira, 2009; Liu & Winder, 2014; Subuhana, 2007, 2009). Destaca-se também o papel das recomendações de pais e familiares bem como de outros conhecidos (Liu & Winder, 2014). Entre os universitários imigrantes que vieram para o Brasil, destaca-se a imigração de outras pessoas – familiares, amigos e conhecidos – para o país. Além disso, grande parte desses estudantes que vêm para o país são originários de sociedades mais tradicionais, nas quais as decisões possuem um caráter mais coletivo. Assim, estudar em outro país envolve escolhas e decisões de toda a família (Silva e Moraes, 2012).

3.2.2 Fatores pós-migratórios

Os fatores pós-migratórios são aqueles que se apresentam após o contato com o país de acolhimento e desencadeiam uma série de mudanças que tendem a afetar a dinâmica psicológica dos universitários (Constantine *et al.*, 2005a; Khawaja & Dempsey, 2007). Entre esses, destacam-se: as características do país de acolhimento, o desempenho acadêmico, a identidade e discriminação e as redes sociais.

3.2.2.1 Características do país de acolhimento e questões socioeconômicas

Diversas questões do país de acolhimento relacionam-se com impactos psicológicos em universitários imigrantes como: idioma, problemas socioeconômicos, diferenças no clima e ambiente, residência, falta de atividades sociais, estabilidade política (Andrade & Teixeira, 2009; Khawaja & Dempsey, 2007; Liu & Winder, 2014; Maundeni *et al.*, 2010). A questão financeira é uma constante fonte de preocupações para esses estudantes, uma vez que muitos recebem bolsas do país de origem ou do de acolhimento que, em geral, não permitem que esses estudantes trabalhem. Dependendo do país, o dinheiro da bolsa não chega a ser suficiente para as necessidades dos estudantes. Aqueles que não recebem bolsa costumam ser financiados pela família ou trabalham para pagar os estudos e demais gastos (Maundeni *et al.*, 2010).

O idioma é, muitas vezes, apontado por esses estudantes como uma das principais preocupações e fonte de dificuldades (Chalungsooth & Schneller, 2011; Constantine *et al.*, 2005a; Maundeni *et al.*, 2010). Maundeni *et al.* (2010) realizaram um estudo com 33 universitários imigrantes em uma universidade da África. Os participantes dessa pesquisa apontaram que o idioma atuava como fonte de discriminação pois, devido ao seu sotaque ou por não possuírem domínio da língua, eram logo percebidos como estrangeiros e, portanto, tratados de forma diferente. O idioma também é entendido como uma barreira no ambiente universitário, pois o desconhecimento da língua leva alguns desses estudantes ao receio de exporem-se e tirarem dúvidas em sala de aula (Andrade & Teixeira, 2009). Além disso, o desconhecimento da língua do país de acolhimento, além de dificultar a comunicação no meio

acadêmico, pode prejudicar a interação social e a formação de rede (Khawaja & Dempsey, 2007).

Para os estudantes estrangeiros no Brasil, na maior parte das vezes, a língua portuguesa não é sua língua materna. Assim, o fato de não falarem corretamente o português coloca-os em uma posição explícita de estrangeiros e os leva a se sentirem envergonhados de se manifestarem em sala de aula. Mesmo para estudantes oriundos dos países do PALOP, nos quais o português é a língua oficial, seu uso no país de origem está, muitas vezes, restrito a espaços como escola e estabelecimentos burocráticos; assim, a comunicação no cotidiano, com as redes sociais e familiares, se dá em outro idioma, como o crioulo, no caso de Guiné Bissau e Cabo Verde (Silva & Moraes, 2012).

3.2.2.2 Desempenho acadêmico

Problemas e estresse no âmbito acadêmico são frequentes entre os universitários imigrantes, que comumente chegam ao país de acolhimento sem conhecer os métodos de ensino e aprendizagem específicos do país e devem se ajustar ao novo sistema de educação, que difere do já conhecido em aspectos de valores, costumes e tradições. Esses estudantes chegam com expectativa de manter o status de estudantes talentosos – o que é um critério na obtenção de bolsas, por exemplo – e ao serem confrontados com a nova realidade devem desenvolver novos métodos e estratégias de estudo (Chalungsooth & Schneller, 2011). Muitos dos estudantes estrangeiros entram nas universidades dos países de acolhimento sem experiências de estudo em outros países, o que implica em um desconhecimento das expectativas e

formas de aprender específicos desses países, além das diferenças na relação estudante-professor (Liu & Winder, 2014). Devido à necessidade de a essas novas expectativas acadêmicas, esses estudantes podem apresentar fadiga e outros sintomas físicos desencadeados pelo constante esforço cognitivo que esta situação demanda (Solano & Perugini, 2013). Também entre essa população observa-se uma autoexigência excessiva em relação ao desempenho acadêmico (Khawaja & Dempsey, 2007), o que leva muitos desses estudantes a dedicarem muitas horas de seus dias aos estudos, em detrimento de outras esferas de suas vidas (Constantine *et al.*, 2005a).

McClure (2007) efetuou uma pesquisa com 12 universitários imigrantes originários da China, que cursavam pós-graduação em Singapura, em uma universidade de orientação acadêmica ocidental. Esses estudantes relataram determinada dificuldade quanto à adaptação ao modelo ocidental de pesquisa e aprendizagem, uma vez que, em seus países de origem, estavam acostumados com uma abordagem mais diretiva e supervisionada. Em Singapura, encontraram uma realidade que exigia deles um grau de independência que, a princípio, gerava dificuldades e que levava esses estudantes a sentirem-se perdidos, ansiosos e inseguros, exigindo também um grande esforço de adaptação.

Outro apontamento importante refere-se à permanência dos universitários imigrantes ao longo de todo o curso. Calderwood *et al.* (2009) apontam a desistência de grande número de estudantes internacionais no curso de serviços sociais, em uma universidade do Canadá. Entre os diversos fatores que podem estar associados a isto – idioma, questões financeiras, isolamento, discriminação –, os autores destacam a questão da diferença nos valores pessoais de indivíduos de

diferentes culturas com os ensinados no curso – no caso, valores e regras da cultura canadense. Os autores notaram que os valores pessoais são, em geral, fonte de conflito frente a aqueles ensinados no curso, principalmente em temas como: a manutenção do sistema familiar, monoparentalidade, famílias homoparentais, divórcio, envolvimento da comunidade e comportamento frente a idosos. Os participantes percebiam a necessidade de se adaptarem à cultura dominante mesmo se sentindo desconfortáveis frente a esses assuntos, fato esse que gerava conflitos internos.

Especificamente em relação ao Brasil, o processo de conquista de uma vaga para o convênio é complexo e depende da disponibilidade de vagas oferecidas e de contatos entre os ministérios dos países envolvidos. Os estudantes vêm, muitas vezes, sem saber em qual curso estão matriculados ou acabam cursando um programa diferente daquele que pretendiam, devido ao remanejamento das vagas, o que pode gerar insatisfação e até abandono do curso (Andrade & Teixeira, 2009; Subuhana, 2007, 2009). Andrade e Teixeira (2009) realizaram uma pesquisa com 29 estudantes estrangeiros que vieram ao país por meio do PEC-G e observaram que destes, 44,8% não estavam matriculados em sua primeira opção de curso. Nesse contexto, também se destaca o despreparo das universidades brasileiras e das comunidades acadêmicas para lidar com as especificidades e dificuldades apresentadas por essa população, além do desconhecimento das realidades sociais, econômicas, políticas e culturais de muitos dos países de origem desses estudantes, nomeadamente aqueles vindos de países africanos (Fonseca, 2009).

3.2.2.3 Identidade e Discriminação

O contexto universitário não promove somente educação, mas também encontros com outras formas de ser, de conhecimentos e de culturas diferentes, o que gera conflitos – como choque cultural, experiência de discriminação – e também mudanças subjetivas e questionamentos que colocam em questão as configurações da identidade, que devem ser resignificadas (Arar, Masry-Harzalla & Haj-Yehia, 2013; Silva e Morais, 2012).

Uma das questões que se sobressai na literatura em relação aos impactos psicológicos nessa população é o choque cultural. Ele pode estar vinculado a diversas dimensões do contato desses sujeitos com o país de acolhimentos como alimentação, idioma, clima, forma de se vestir, normas sociais (Maundeni *et al.*, 2010). No entanto, também se destaca o papel da subjetividade desse encontro com a diferença que confronta esses estudantes quanto a seus valores e suas identidades (Silva e Morais, 2012). Nesse contexto, trabalha-se com a ideia de distância cultural entre o país de origem e o de acolhimento, sendo que quanto maior essa distância – isto é, diferença entre as culturas – maiores são a necessidade e a dificuldade de adaptar-se (Solano & Perugini, 2013).

Chalungsooth e Schneller (2011) apontam dificuldades advindas da diminuição do contato com as redes de suporte habituais e da nostalgia – falta da rede social, tradições, comida típica, idioma e outras questões que são associadas à cultura e ao país de origem. Especificamente em relação à questão psicológica, Yakushko, Davidson e Sanford-Martens (2008) assinalam o conflito de valores culturais, o

choque cultural, a perda de suporte social, os sentimentos de inferioridade e a solidão, a confusão identitária e as experiências de racismo e xenofobia. Andrade e Teixeira (2009) também destacam que a perda dos referenciais de origem, principalmente dos símbolos e sinais que convencionam a interação social, podem desencadear isolamento e perda de autoestima.

Arar, Masry-Harzalla e Haj-Yehia (2013) realizaram um estudo com 14 mulheres muçulmanas de origem palestina que imigraram para estudar em universidades em Israel e na Jordânia. Os autores observaram que ambos os grupos de universitárias (7 que imigraram para Israel e 7 para a Jordânia) lidavam com questões relativas a serem mulheres muçulmanas que frequentam o ensino superior (tema culturalmente polêmico), o que é uma possibilidade recente dentro desse contexto e que representa desafios em relação à imagem perante a família e a comunidade. No entanto, também apontam dificuldades maiores de adaptação das estudantes em Israel do que das que estavam na Jordânia. Os autores relacionam esse fato à diferença cultural, uma vez que Israel é um país majoritariamente judaico e a Jordânia possui cultura muçulmana (portanto, culturalmente mais próxima à da Palestina). Nesse caso, as participantes residentes em Israel relataram angústia frente às diferenças na forma de vestir-se e nas questões de gênero, o que gerava sentimentos de não pertencimento à universidade, invisibilidade e discriminação.

A problemática em torno da identidade também trás a dimensão do sentimento de pertencimento dos imigrantes. Assim, utilizam estratégias e formas de manter um vínculo com sua cultura de origem, como o uso da língua materna, as relações com conterrâneos, a

manutenção do contato com pessoas que permanecem no país de origem e de aspectos dessa cultura como comida, roupas, costumes. Destaca-se também a prática religiosa como forma de manutenção da identidade e do sentimento de continuidade (Doku & Meekums, 2014).

Além dos pontos assinalados, os universitários imigrantes passam, muitas vezes, por experiências de discriminação (Fonseca, 2009; Mungoi 2012; Liu & Winder, 2014; Silva e Morais, 2012). Muitos desses estudantes estrangeiros, como no caso de africanos e asiáticos, vêm de países nos quais há uma homogenia étnica da qual fazem parte, o que implica em dificilmente terem convivido com a questão da discriminação antes de imigrarem para países ocidentais nos quais passam a pertencer a uma minoria (Constantine *et al.*, 2005). Nesse sentido, a discriminação pode atuar como potencializador da perda de autoestima e da autoconfiança (Khawaja & Dempsey, 2007). Liu e Winder (2014) apontam que esses estudantes podem ser vistos pela população local como socialmente desajustados e problemáticos e como se estivessem removendo recursos financeiros que deveriam ser destinados a estudantes locais. Além disso, no âmbito da universidade, devido a dificuldades com o desempenho acadêmico, às vezes esses estudantes são erroneamente percebidos como preguiçosos ou desinteressados.

No Brasil, autores ressaltam a discriminação racial sofrida principalmente por estudantes originários de países da África negra, tanto dentro das universidades como fora delas (Fonseca, 2009; Mungoi 2012; Silva e Morais, 2012). Fonseca (2009) aponta o papel da falta de conhecimento sobre as culturas africanas, o que acarreta estereótipos ou de uma África selvagem ou dominada por guerras civis e baixas

condições sociais e econômicas. Outros autores falam da discriminação devida à confusão com o negro brasileiro e relatam que ao serem percebidos como africanos, portanto estrangeiros, são vistos com menos desconfiança (Mungoi, 2012). Assim, observam-se, entre os universitários imigrantes provenientes de países da África, processos de evocação da identidade de origem, que acontecem em espaços que relembrem esses países – como as festas – (Silva & Moraes, 2012, Subuhana, 2007, 2009) e na esfera individual em questões como alimentação, vestimenta, música (Andrade & Teixeira, 2009; Hirsch, 2009; Mungoi, 2012; Subuhana, 2007, 2009).

3.2.2.4 *Redes sociais*

A interação social é um dos aspectos centrais no processo de integração de imigrantes e, portanto, também dos universitários imigrantes (Maudeni *et al.*, 2010). A falta de relações sociais e o isolamento estão diretamente relacionados com dificuldades de adaptação e problemas psicossociais (Constantine *et al.*, 2005). Quanto aos padrões de relações desses estudantes, o que se observa na literatura é uma certa dificuldade por parte destes a interagir com pessoas do país de acolhimento e uma tendência a se relacionarem principalmente com conterrâneos e com imigrantes de outras nacionalidades (Constantine *et al.*, 2005aa; Garcia, 2012; Garcia & Goes, 2010; Liu & Winder, 2014; Silva & Moraes, 2012; Solano & Perugini, 2013). A falta de uma rede social com pessoas naturais do país de acolhimento pode dificultar o ajustamento dessa população ao novo país, sendo apontado como um dos principais fatores a falta de abertura ou desinteresse por parte dos

“nativos” (Maundeni *et al.*, 2010). Também se ressalta como um fator dificultador nestas relações as diferenças culturais de padrões de comunicação e relação (Constantine *et al.*, 2005a). Nesse sentido, esse contato costuma ser de natureza mais instrumental, ou seja, voltada para a resolução de objetivos acadêmicos (Solano & Perugini, 2013).

Entre os aspectos positivos das relações com conterrâneos, destaca-se a função destes na manutenção da identidade de origem por falarem a mesma língua, por estarem na mesma situação e possuírem o mesmo quadro de referências culturais. Também se ressalta a contribuição das redes na redução de estresse e de solidão (Garcia, 2012; Garcia & Goes, 2010; Maundeni *et al.*, 2010; Solano & Perugini, 2013). Em geral, essas amizades iniciam-se no próprio país de acolhimento, principalmente dentro da universidade, o que indica uma reorganização da rede social desses estudantes a partir da imigração (Garcia & Goes, 2010).

Os universitários estrangeiros costumam relatar a estreita relação com a família, mesmo quando esta permanece no país de origem. Isto é ainda mais visível em pessoas oriundas de culturas mais tradicionais, nas quais a família é a fonte de apoio e de interação mais essencial (Wong, Wang & Maffini, 2014; Ying, Lee & Tsai, 2007). As grandes dificuldades enfrentadas por esses estudantes são tanto a distância da família como lidar com a saudade e o sentimento de solidão (Andrade & Teixeira, 2009). Dessa forma, muitos estudantes mantêm contato com membros da família e outras pessoas que ficaram no país de origem, por diversos meios de comunicação, com objetivo de manter o vínculo e diminuir o sentimento de separação e perda (Doku & Meekums, 2014). Em estudo com 33 universitários imigrantes de uma universidade na

África, Maundeni *et al.* (2010) destacam que cerca de um terço desses estudantes residiam com algum membro da família – pais, irmãos mais velhos, cônjuges ou tios. Residir com alguém da família permitia que os participantes desse estudo se sentissem mais seguros no novo país, pois essa relação trazia suporte social, financeiro e também psicológico.

2.3.3 Características pessoais

Outro fator que influencia diretamente os impactos psicológicos decorrentes da imigração diz respeito às características pessoais de cada universitário imigrante e seus padrões e formas de enfrentamento de situações de estresse. Nesse sentido, pessoas com propensão a lidar com problemas por meio de isolamento, negação, autoacusação e abuso de substâncias podem agravar as dificuldades de integração e desencadear problemas de saúde mental (Khawaja & Dempsey, 2007). Ao contrário disso, características como determinação, capacidade de superação e abertura intercultural atuam de forma protetiva e em favor de uma boa adaptação psicossocial dessa população (Maundeni *et al.*, 2010; McClure, 2007).

3.2.4 Saúde mental

A imigração, o contato com o novo ambiente e a cultura, além das demais questões já citadas, afetam diretamente a saúde mental, de forma mais ou menos marcante. Tem-se observado na literatura que a imigração acarreta diversos impactos na saúde mental dos universitários imigrantes, e pode desencadear reações na forma de estresse, ansiedade,

depressão, não pertencimento, incompetência e inferioridade, somatização, solidão, bem como confusão identitária e isolamento (Andrade & Teixeira, 2009; Khawaja & Dempsey, 2007; Liu & Winder, 2014; Maundeni *et al.*, 2010; Wong, Wang & Mafini, 2014; Yakushko, Davidson & Sanford-Martens, 2008). A prevalência de transtornos mentais varia muito dentro da literatura, sendo difícil estabelecer algum tipo de padrão. Khawaja e Dempsey (2007) sugerem que a porcentagem de universitários imigrantes que chegam a desenvolver problemas de saúde mental varia de 15% a 25% do total desta população. O que se observa é que, muitas vezes, problemas nessa esfera manifestam-se por meio de somatizações como dores de cabeça, cansaço e problemas gastrointestinais, respiratórios e de sono.

Tendo em vista essas considerações, torna-se necessário abordar os fatores de risco e de proteção em saúde mental. Segundo Schenker e Minayo (2005), o risco é inerente à vida humana, e, em saúde mental, refere-se ao perigo real ou potencial de o sujeito ser acometido por algum transtorno. Assim, fatores de riscos são elementos – pessoais, ambientais ou socioculturais – que sob determinadas condições ou se associados, podem gerar impactos negativos na saúde. Já os fatores de proteção são os elementos – intrapsíquicos, sociais, culturais – positivos que promovem a superação de situações adversas sem impactar o psiquismo dos sujeitos.

Assim, por meio da leitura dos artigos levantados nessa revisão, é possível identificar fatores de risco e de proteção na população de universitários imigrantes, como pode ser observado na Tabela 3.

Tabela 3 – Fatores de risco e de proteção em saúde mental para universitários imigrantes

	FATORES DE RISCO	FATORES DE PROTEÇÃO
Fatores pré-migratórios	<ul style="list-style-type: none"> • Problemas burocráticos (visto) • Desconhecimento da realidade do país de acolhimento • Vivências traumáticas anteriores a imigração 	<ul style="list-style-type: none"> • Apoio familiar • Conhecimento da cultura de acolhimento • Experiência de contato com outras culturas
Fatores pós-migratórios	<ul style="list-style-type: none"> • Problemas financeiros • Problemas de moradia • Não falar o idioma do país de acolhimento • Dificuldade de adaptar-se ao sistema de ensino-aprendizagem • Problemas com notas e repetência de disciplinas • Dedicção excessiva aos estudos • Insatisfação com o curso escolhido • Choque/diferença cultural • Conflito de identidade • Experiências de discriminação • Nostalgia • Não se relacionar com pessoas do país de acolhimento • Isolamento • Falta de atividades sociais e de lazer 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento do idioma do país de acolhimento • Boa adaptação ao sistema de ensino-aprendizagem • Satisfação com o curso • Proximidade cultural • Manutenção da identidade cultural • Religião • Participação em atividades sociais e de lazer • Boa rede social • Amizades com conterrâneos e “nativos” • Manutenção de contato com pessoas que ficaram no país de origem e familiares
Características pessoais e estratégias de enfrentamento	<ul style="list-style-type: none"> • Baixa tolerância à frustração • Abuso de substâncias 	<ul style="list-style-type: none"> • Abertura intercultural • Determinação • Capacidade de superação

O grupo de universitários imigrantes é bastante diverso, assim, salienta-se a importância de pensar nas diferentes dificuldades e nos problemas apresentados pelos estudantes estrangeiros bem como suas necessidades específicas, que variam de acordo com características individuais e com o país de origem (Andrade & Teixeira, 2009; Liu & Winder, 2014). Nesse cenário também se deve considerar as características da imigração em relação ao suporte recebido, tanto anterior como posterior à imigração; o tempo de inserção na nova cultura e suas características específicas – nível de abertura a novas culturas, diferenças e semelhanças entre a cultura de acolhimento e de origem –; características sociodemográficas – idade, sexo, escolaridade, idioma, recursos financeiros, vivências anteriores em situações interculturais – e psicológicas – personalidade, nível de abertura, comportamentos e estratégias de enfrentamento, envolvimento acadêmico, senso de identidade étnica (Andrade & Teixeira, 2009).

3.2.5 Serviços universitários e de saúde mental

A literatura trabalha, principalmente, com dois tipos de serviços relacionados com a população de universitários imigrantes: serviços da própria universidade e serviços de saúde mental da rede pública. O papel da universidade na integração e adaptação desses estudantes é essencial. A oferta de serviços – desde bibliotecas até oferta de serviços de saúde e de aconselhamento – no campus das universidades facilita a integração dos estudantes estrangeiros (Maundeni *et al.*, 2010). No entanto, ainda é limitado o número de estudos que procuram compreender a relação entre

o papel dos estabelecimentos universitários e as necessidades individuais desses estudantes (Liu & Winder, 2014).

Devido ao papel central da universidade na vida cotidiana dos universitários imigrantes, alguns autores sugerem que essas universidades devam investir em formas de facilitar a integração dos estudantes com pessoas nativas do país de acolhimento, por meio de programas de apadrinhamento (Calderwood *et al.*, 2009; Maundeni *et al.*, 2010). Maundeni *et al.* (2010) destacam que este tipo de programa cria uma fonte importante de troca de informações, permite iniciar uma rede de suporte para esses estudantes antes mesmo de sua chegada ao país de acolhimento e promove formas de se familiarizá-los com a cultura local. Calderwood *et al.* (2009) também propõem o desenvolvimento de plataformas que possibilitem a troca e o compartilhamento de experiências entre os próprios universitários imigrantes. Algumas universidades já oferecem palestras de orientação aos novos estudantes, o que pode ajudar até certo ponto, pois não costumam focar em questões culturais (Maundeni *et al.*, 2010). Assim, não é só a questão da oferta de serviços dentro da universidade que deve ser considerada, mas também a adequação deles e a consideração do contexto de origem destes estudantes (Andrade & Teixeira, 2009; McClure, 2007). Além da dimensão referente ao trabalho com os universitários imigrantes, McClure (2007) ressalta a importância da formação e da capacitação de professores e funcionários da universidade de forma a sensibilizá-los quanto à questão da cultura e dos impactos da imigração nessa população.

Também é limitado o número de estudos que investiguem tanto a busca por serviços de aconselhamento ou de saúde mental como quais

fatores levam os estudantes estrangeiros a utilizá-los (Andrade & Teixeira, 2009; Yakushko, Davidson & Sanford-Martens, 2008). Em geral, quando necessitam de ajuda, os universitários imigrantes costumam recorrer, primeiramente aos amigos e à família e, em seguida, aos professores. A busca por serviços de saúde mental tende a ser feita em último caso (Chalungsooth & Schneller, 2011; Yakushko, Davidson & Sanford-Martens, 2008), pois, muitas vezes, esse tipo de serviço não existe em seus países de origem, o que os leva a ter dificuldade em buscar ajuda profissional nesse âmbito (Maudeni *et al.*, 2010). Além disso, a busca por serviços como a psicoterapia pode constituir uma zona de conflito com os valores culturais de origem (Wong, Wang & Maffini, 2014).

Yakushko, Davidson e Sanford-Martens (2008), em seu estudo com estudantes internacionais, que utilizaram um centro de aconselhamento de uma universidade dos Estados Unidos, apontam que do número total de universitários imigrantes que passaram por essa universidade, durante um período de cinco anos, somente 1,8% buscou aconselhamento. Os autores apontam como principais preocupações, relatadas por esses estudantes, os problemas de relacionamentos e depressão. Também foram observadas dificuldades relacionadas a isolamento, ansiedade, problemas de autoestima, estresse, problemas acadêmicos e de carreira, dificuldades de ajustamento cultural, problemas de alimentação, questões traumáticas e decisão de retornar ao país de origem.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma compreensão teórica sobre os impactos psicológicos da imigração por meio de contribuições da Psicanálise e da Etnopsiquiatria. Para tal, as duas vertentes teóricas serão apresentadas, com os objetivos de situá-las historicamente e de expor seus principais pressupostos teóricos utilizados para a compreensão da temática aqui estudada. Em seguida, este capítulo traz a articulação entre as duas teorias sob os aspectos do papel da cultura no desenvolvimento psíquico e o sofrimento psíquico em contexto de imigração.

4.1 VERTENTES PSICOLÓGICAS

A Psicanálise é uma abordagem amplamente difundida, sendo de conhecimento comum seus aspectos históricos; dessa forma, optou-se por não os apresentar nesse momento. Já os conceitos dessa abordagem serão trabalhados nos próximos itens. Cabe aqui apontar que a presente pesquisa enfoca, principalmente, os seguintes textos de Freud: Totem e Tabu; Futuro de uma Ilusão; Mal-Estar na Civilização; Luto e Melancolia; Inibição, Sintoma e Angústia; e Conferências Introdutórias.

Ao contrário da Psicanálise, a difusão da Etnopsiquiatria não possui o mesmo alcance, cabendo, então, aqui fazer um breve panorama histórico e introduzir alguns conceitos. Uma das questões centrais da Etnopsiquiatria é a relação entre a cultura e o psiquismo. Essa abordagem consiste em um modelo de compreensão e tratamento do sofrimento psíquico à luz de elementos culturais. É com base nas

discussões sobre esta relação cultura/psiquismo que surgem diferentes posições teóricas e formas de intervenção (Laplangtine, 1998; Sturm, 2011). Pretende-se neste tópico apresentar brevemente o contexto histórico do surgimento da Etnopsiquiatria, seus principais autores e suas problemáticas centrais.

Como corrente teórica, a Etnopsiquiatria constituiu-se baseada na Psicanálise e na Antropologia, na medida em que essas abordagens se propuseram a considerar o lugar da cultura na constituição do sujeito (Laplangtine, 1998). A Psicanálise, já nas primeiras décadas do século XX, passa a se preocupar com essa problemática, como é possível observar nos textos de Freud: “Totem e Tabu”, de 1913; “O Futuro de uma Ilusão”, de 1927; “Mal-Estar na Civilização”, de 1930; e “Moisés e o Monoteísmo”, de 1939 (Barros & Bairrão, 2010; Laplangtine, 1998). Freud questiona a validade das propostas da Psicanálise para outras culturas ou se elas seriam somente aplicáveis à sociedade ocidental. Geza Róheim – psicanalista e etnólogo – realizou, em 1929, uma pesquisa com povos de Nova Guiné de forma a investigar, por meio de dados etnográficos, um dos principais conceitos da teoria psicanalítica, a saber, o Complexo de Édipo, trabalho que inaugura um marco histórico importante na discussão do papel da cultura (Barros & Bairrão, 2010; Laplangtine, 1998).

George Devereux, psicanalista e antropólogo húngaro, retoma, na década de 1970, as reflexões já iniciadas por Geza Róheim. Instigado – intrigado e incomodado – pela leitura homogênea do sofrimento psíquico, ele inicia suas reflexões teóricas em torno dos sintomas e de sua codificação cultural (Laplangtine, 1998). Em seu trabalho com populações nativas norte-americanas, Devereux passa a integrar saberes

da cultura e do contexto dos pacientes como facilitadores da relação terapêutica. Ressalta-se que o autor utiliza as codificações culturais – ou alavancas culturais – não como complemento da teoria psicanalítica, mas como ferramenta de contextualização dos enunciados dos pacientes (Sturm, 2011). Destaca-se, como um dos princípios fundamentais da Etnopsiquiatria o conceito de universalidade psíquica, que postula o funcionamento psíquico dos sujeitos como sendo o mesmo para todos. No entanto, apesar de todas as pessoas tenderem à universalidade desse funcionamento, elas fazem isso por meio de uma codificação cultural, e isso é particularmente perceptível na formação de patologias (Moro & Laschal, 2008).

A Etnopsiquiatria diferencia-se, também, por não se basear em um quadro de referências em que o profissional é o detentor do saber, e sim por considerar o sujeito como principal informante sobre suas próprias referências e experiências. Como prática, essa disciplina não é uma teoria fechada, pelo contrário, ela é necessariamente mutável, pois tem como questão central o reconhecimento da diferença e se apóia no exercício de múltiplas mestiçagens: de maneiras de pensar, de formas de intervenção e tratamento, de universos lógicos e culturais. Assim, não se pode falar em uma única forma de Etnopsiquiatria e sim em múltiplas formas diferentes de se praticar Etnopsiquiatria (Martins-Borges & Pocreau, 2009).

Dessa forma, a Etnopsiquiatria olha para além do sintoma e busca o sentido dessas manifestações na história pessoal e no contexto cultural e social do sujeito, por ele relatados (Pussetti, 2010). Esta disciplina, propõe, assim, uma articulação entre aquilo que pertence à cultura de origem do sujeito com a situação cultural na qual ele se encontra

inserido. Para além do trabalho com o conteúdo explícito, ela trabalha com as representações simbólicas que a situação evoca. Neste sentido, os impactos psicológicos são compreendidos na sua estreita relação com a ruptura dos laços de origem e de pertencimento, com as dimensões da identidade do sujeito, com a alteridade e pela incoerência entre as situações passadas e atuais (Pocreau & Martins-Borges, 2013; Sturm, 2011). São estes elementos que caracterizam o percurso existencial do imigrante, que justificam a utilização deste referencial teórico na investigação dos impactos psicológicos decorrentes da imigração.

4.2 CULTURA, IMIGRAÇÃO E SOFRIMENTO PSÍQUICO

A Antropologia Cultural considera a cultura como um sistema complexo de significações e símbolos inseridos dentro de um grupo social; assim, todos os elementos que a constituem relacionam-se e interagem a todo tempo. Devido a esse caráter dinâmico, a cultura também está sujeita a modificações, que podem surgir por meio de movimentos internos a ela própria ou após o encontro entre diferentes culturas. Ela também pode ser considerada como uma herança social, uma vez que é tanto adquirida como transmitida por cada um de seus membros; nesse sentido, considera-se que a cultura independe do sujeito (Guerraoui, 2011). A identidade do sujeito, para a Antropologia, está subordinada à cultura na qual ele está inserido. A cultura aqui codifica a identidade por meio das relações destes com o grupo e pelos rituais que marcam o ciclo de vida e o pertencimento a esta cultura (Pirlot, 2011).

Freud não chega a definir cultura, no entanto, pode-se notar a presença da compressão de cultura e do seu lugar no psiquismo ao longo

de toda a sua obra (Betts, 2013; Pirlot, 2011). Em *Totem e Tabu*, pode-se compreender o mito do assassinato do pai pela horda como o acontecimento que leva à introjeção do sentimento de culpa que inaugura a cultura e o recalque (Freud, 2012/1912-1913). Da mesma forma, em *Futuro de uma Ilusão*, utiliza a palavra civilização como sinônimo de cultura e afirma que ela cumpre uma dupla função: de fornecer formas de controlar e extrair suas necessidades da natureza, de forma a satisfazer-se ao mesmo tempo em que formula regulamentos e instaura a ordem, de forma a permitir o convívio social (Freud, 2014/1927). Também se encontra essa mesma noção de renúncia às pulsões em proveito da sociedade em *Mal-Estar na Civilização*, que resulta no sentimento de mal-estar inerente à condição humana e controlado com base no Superego, chamado também de Superego cultural. É nessa relação de conflito entre as exigências da civilização e da pulsão que se encontra a etiologia das neuroses (Freud, 2010/1930).

O que se pode compreender disto é que, para a Psicanálise, a cultura é um determinante na formação do psiquismo, ao mesmo tempo em que cria uma relação de ambivalência frente a ela, já que se deve a ela a própria identidade, ao mesmo tempo em que ela impõe restrições à satisfação pulsional. Além disso, “considerar a cultura como conceito psicanalítico implica tomar as incidências subjetivas e sociais da diferença cultural como indissociáveis das formulações freudianas” (Betts, 2013, p.91), isto é, compreendê-la em relação com o inconsciente, com as pulsões sexuais, com o aparelho psíquico.

Assim, podem-se estabelecer alguns pontos de diálogo entre o conceito de cultura para a Antropologia e para a Psicanálise, mas também estabelecer diferenças, principalmente em relação ao foco de

cada uma das disciplinas. Como visto, a Antropologia coloca a cultura como chave na formação da identidade do sujeito e trabalha baseada na compreensão de cada cultura e do processo pelo qual os sujeitos se apropriam dela. A Psicanálise também coloca a cultura como essencial no desenvolvimento do sujeito, com a especificidade de considerar também a dimensão do inconsciente e do aparelho psíquico psicanalítico. Diferentemente da Antropologia, a Psicanálise tem seu foco no sujeito, sendo o lugar ocupado pela cultura compreendido principalmente na dimensão de desenvolvimento psíquico.

Já a Etnopsiquiatria parte da abordagem complementarista entre Antropologia e Psicanálise e traz como um de seus conceitos centrais a concepção da indissociabilidade entre cultura e psiquismo (Laplantine, 1998; Sturm, 2011). Em face da importância de ambos os aspectos, tanto os culturais quanto os psíquicos, é necessário ressaltar que não existe predominância de um sobre o outro, ou seja, ambos são coemergentes, isto é, não há como concebê-los separados, pois toda cultura é experienciada por um psiquismo. Da mesma maneira, é impossível considerar a personalidade de um sujeito de forma independente da cultura, “em outros termos, os mecanismos psíquicos nada mais são do que a face ‘interna’ de processos culturais que podem ser, desse ponto de vista, qualificados de ‘externos’”, sendo que ambos remetem um ao outro (Laplantine, 1998, p.73).

A cultura assume diversas funções tanto em nível de sociedade quanto na esfera individual e subjetiva de cada um de seus membros. Uma de suas funções primordiais é realizar a mediação entre o sujeito e seu meio – ou sua comunidade –, postulando tanto maneiras de agir e pensar como quais os comportamentos adequados e os que são

divergentes, estruturando, dessa forma, as relações do grupo. Assim, pode-se afirmar que ela permite a identificação do indivíduo tanto com o grupo como pelo grupo (Guerraoui, 2011).

Relativamente ao sujeito, a cultura coloca à disposição recursos para se defender das ameaças e dos sofrimentos inerentes a vida (Dócolas, 2011). Martins-Borges e Pocreau (2009, p. 234) acrescentam que a cultura possui diversas funções sobre o psiquismo, entre elas “tornar o real suportável, proteger o indivíduo e o grupo colocando à sua disposição modalidades de defesa, significações, soluções possíveis de reparação, tornando-se indispensável à sobrevivência da pessoa”. Laplantine (1998) ressalta a importância de compreender que o processo de transmissão e aquisição de uma cultura não consiste apenas em conteúdos materiais e explícitos, mas sim na introjeção de formas de agir que guiam os sujeitos quanto àquilo que podem expressar e o que deve ser reprimido. Tobie Nathan desenvolve essa noção de continente e envelope cultural, no qual a cultura fornece ao aparelho psíquico as representações constituintes do Ego e tem como principais funções: o sentimento de continuidade, a contenção e a proteção do psiquismo (Pirlot, 2011).

O encontro intercultural, isto é, entre diferentes culturas, é, necessariamente, uma dinâmica complexa, na qual os sujeitos são confrontados com a diferença cultural. Nele estão presentes tanto mecanismos de abertura como de fechamento, provenientes de tensionamentos e conflitos intrapsíquicos, destacando-se assim seu caráter ambivalente e paradoxal no qual há uma transformação – inerente ao contato intercultural – do sistema cultural subjetivo de cada um e, ao mesmo tempo, uma manutenção da própria identidade cultural.

É exatamente neste local de sujeito intercultural que o imigrante se encontra (Guerraoui, 2011).

Dentro desse contexto de contato intercultural, o imigrante passa por um processo de questionar sua própria cultura, suas crenças, seus valores e com base nisso, reestruturar sua identidade de forma a gerir esses dois universos culturais: o de origem e o de acolhimento (Guerraoui, 2011). Nesse sentido, considerar a cultura como processo contínuo possibilita que ela se transforme, isto é, que o sujeito se aproprie das representações tanto da cultura de origem quanto da de acolhimento, e reinterprete-as de forma a criar uma mestiçagem, uma identidade cultural sempre única a cada sujeito. Dessa forma, apesar de ter uma cultura de origem e estar em uma determinada cultura de acolhimento, a identidade cultural do sujeito se modifica com base em suas experiências pessoais, criando uma “ponte” entre ambas, de forma a manter o sentimento de coerência e de continuidade (Sturm, 2011).

Esse processo gera conflitos intrapsíquicos, ambivalência, crises de identidade, confronto com a alteridade, lutos, isolamento e múltiplas formas de expressão de sofrimento psíquico que precisam ser elaborados pelo sujeito (Guerraoui, 2011). Todos esses conflitos envolvidos no encontro intercultural causam confusão psíquica e podem ser expressos por formação de quadros psicopatológicos e somatizações (Pirlot, 2011). Dessa forma, justifica-se a necessidade de levar em conta o sofrimento psíquico envolvido no processo de contato intercultural.

De forma a discutir a complexidade do sofrimento psíquico envolvido na imigração, é necessário trabalhar com diferentes conceitos, aqui divididos em três tópicos: trauma e ruptura cultural; luto, nostalgia e elaboração; e, sintoma e psicopatologia. Ressalta-se, no entanto, que

esta divisão é meramente didática e que, em geral, são temáticas que se sobrepõem.

4.2.1 Luto, nostalgia e elaboração

Em *Luto e Melancolia*, Freud define o luto como uma reação normal – isto é, esperada – a perda de um objeto, que pode ser uma pessoa ou uma abstração/ideal (Freud, 2010/1915). A noção de objeto é aqui compreendida no sentido psicanalítico, ou seja, algo ou alguém que foi investido libidinalmente e que, no luto, passa a faltar, transformando o objeto de amor em objeto perdido. Existe, portanto, uma perda real, e o que está em jogo não é a existência desse objeto, mas o vínculo com ele formado (Laplanche, 1993/1980). Nesse sentido, pode-se considerar o luto, na imigração, como decorrente da perda da cultura de origem e demais significantes a ele ligados (Akhtar, 1999; Stern, 1994). No processo migratório existe, necessariamente, a presença de lutos – da família, relações sociais –, independente de ser voluntária ou involuntária, uma vez que todos os elementos nos quais a identidade do sujeito e que mediaram seu contato do sujeito com a realidade passam a faltar. Não são somente os elementos da realidade do país de origem que os imigrantes enlutam, mas a cultura em si e a sensação de pertencimento e coerência interna que tinham com ela; assim, pode-se dizer, que o sujeito sofre um luto por uma versão de si mesmo que foi deixada para trás, na cultura de origem (Ainslie, Tummala-Narra, Harlem, Barbanel & Ruth, 2013).

O luto é considerado, por Freud, como um afeto bastante particular e é acompanhado de sintomas como a perda de interesse pelo

mundo externo, uma vez que ele não lembra o objeto perdido [cultura/país de origem], da incapacidade de eleger um novo objeto [a cultura do país de acolhimento] e de uma inibição de atividades que não estejam relacionadas ao objeto. Dessa forma, o sujeito ocupa-se somente de seu luto (Freud, 2010/1915; Laplanche, 1993/1980). Ao perder-se o objeto, a quantidade de investimento nele colocada passa a ficar solta no psiquismo e precisa encontrar um novo destino; para isso, efetua-se todo um “trabalho do luto”. A princípio, o Ego opõe-se ferozmente a eleger um novo objeto e passa, num primeiro momento, a superinvestir o objeto perdido de forma que

Produz-se um afastamento da realidade e um apego ao objeto mediante uma psicose de desejo alucinatória. O normal é que vença o respeito à realidade. Mas a solicitação desta não pode ser atendida imediatamente. É cumprida aos poucos, com grande aplicação de tempo e energia de investimento, e enquanto isso a existência do objeto perdido se prolonga na psique. Cada uma das lembranças e expectativas em que a libido se achava ligada ao objeto é enfocada e superinvestida, e em cada uma sucede o desligamento da libido (Freud, 2010/1915, p.173-174).

Após esse lento trabalho, o Ego encontra-se livre e pode reinvestir em um novo objeto [país de acolhimento] (Freud, 2010/1915; Laplanche, 1993/1980). O mesmo acontece no trabalho do luto do imigrante, isto é, ocorre um superinvestimento nos objetos perdidos que se referem à cultura de origem, de forma que os afetos que ocupam o imigrante remetem a memórias de um tempo e lugar que não o presente, com seus lugares, cheiros, comida. Assim, o imigrante se apega a essas memórias idealizadas e vê o país de origem como um paraíso perdido,

sentimento que no imigrante também pode ser chamado de nostalgia (Akhtar, 1999).

Para Freud, o luto torna-se patológico quando se soma a ele o elemento da ambivalência, de uma relação de amor e ódio com o objeto. Aqui há a presença de sentimento de ter sido abandonado pelo objeto (recriminações acusatórias), mas o sujeito também se considera como autor dessa perda e passa a se autorrecriminar. Para surgir este elemento, o conflito de ambivalência não precisa, necessariamente, ser em relação ao objeto perdido, mas esta perda pode reativar uma ambivalência já própria à constituição deste sujeito, remetendo à primeira perda, isto é, à perda do amor da mãe (Freud, 2010/1915; Laplanche, 1993/1980). Da mesma forma, no imigrante, a nostalgia assume esse papel ambivalente, uma vez que o objeto perdido não é desinvestido. A nostalgia pode seguir dois caminhos: a elaboração do luto por conversão do objeto perdido em objeto nostálgico ou permanecer como um afeto de luto não elaborado, que impede que o imigrante se integre e projete uma vida no novo país e permaneça em um estado de ocupar-se com o passado idealizado e com um futuro em que o retorno ao país de origem seja possível (Akhtar, 1999).

Dessa forma, o processo de trabalho do luto também ocupa um lugar de destaque no processo de integração do imigrante ao país de acolhimento, pois envolve uma remodelação do mundo interno e das representações de objeto. O imigrante é um sujeito em uma complicada luta interna, isto é, por um lado integrar uma nova cultura e por outro manter aquela transmitida pelos pais e pela cultura de origem (Ainslie *et al.*, 2013). Durante um primeiro momento, o luto é mais acentuado, destacando sentimentos depressivos e nostálgicos. Aos poucos, a

nostalgia passa a cumprir uma função integrativa, e o objeto perdido converte-se em objeto nostálgico, inicialmente como forma de defesa perante a perda, e, por fim, de forma a permitir que as relações com o objeto perdido sejam conservadas. Assim, mantém-se o contato com as imagens internas que já não estão presentes na realidade externa, o que pressupõe que já é possível entender essa nova realidade e nela projetar-se, permitindo, então, uma coerência e continuidade do psiquismo do sujeito. Assim, evoca-se esse objeto nostálgico por meio de representações como comida, música, costumes, uso da língua materna, relações com conterrâneos etc. (Stern, 1994).

4.2.2 Desamparo, angústia, trauma e ruptura cultural

Já com o nascimento do bebê advém sua condição de dependência do outro – geralmente a mãe – que supre suas necessidades básicas ao mesmo tempo em que estrutura e acalma suas tensões internas, sua angústia. Dessa forma, o contato com esse outro se torna uma referência mediadora entre as experiências subjetivas do recém-nascido e o mundo externo, ou cultural, por meio do qual se constitui o aparelho psíquico. Nomeia-se este estado inicial de dependência do recém-nascido como condição de desamparo primordial e que é marcada pela instauração da primeira experiência de angústia (Betts, 2013; Rudge, 2009). Apesar da estreita ligação entre a condição de desamparo com o estado de impotência e dependência do bebê, o conceito de desamparo abarca um estado de falta de garantias, isto é, um sentimento advindo da impotência do sujeito frente ao destino, que o acompanha por toda a sua vida (Dócolas, 2011). No adulto:

O estado de desamparo torna-se o protótipo da situação traumática. É assim que, [...] Freud reconhece uma característica comum aos “perigos internos”: perda, ou separação, que provoca um aumento progressivo de tensão, a ponto de, num caso extremo, o sujeito se ver incapaz de dominar as excitações, sendo submergido por elas – o que define o estado gerador do sentimento de desamparo (Laplanche & Pontalis, 2001, p.112).

Dessa forma, é impossível desvincular os conceitos de desamparo, angústia e trauma, uma vez que o desamparo é uma experiência fundamental e primeira da condição humana a qual o sujeito é remetido após as experiências futuras do sentimento de angústia (Betts, 2013; Rudge, 2009). Aqui, é importante também pensar sobre o conceito de angústia. Em *Inibição, Sintoma e Angústia*, Freud conceitua a angústia como a reação do sujeito a um transbordamento de excitações que fogem a seu controle, e que podem ter origem externa ou interna. Nesse texto, Freud distingue angústia e sinal de angústia, sendo esta última um mecanismo que o ego coloca em ação diante de uma situação de ameaça real ou simbólica, de forma a desencadear processos de defesa e evitar ser tomado pelo sentimento de angústia (Freud, 2014/1926; Laplanche & Pontalis, 2001). Nesse sentido, em situações nas quais o sujeito se confronta com perdas, separações ou outras formas de ameaça – real ou simbólica –, há um aumento de tensão interna – sinal de angústia –, que pode fazer ressurgir esse sentimento de desamparo, como no caso de situações traumáticas (Betts, 2013).

Na concepção freudiana, o trauma refere-se exatamente ao excesso e à intensidade de pulsão que acomete o sujeito e da qual o ego não consegue dar conta por meio de mecanismos de defesa (Laplanche & Pontalis, 2001). Aqui é importante ressaltar que o que é traumático

não é o acontecimento em si, mas a forma como ele afeta o psiquismo, uma vez que remete ao desamparo e a experiências anteriores de angústia, o que desestrutura o psiquismo e impõe uma condição de árduo trabalho psíquico com o objetivo de reorganização (Rudge, 2009).

O conceito de temporalidade ou *a posteriori* também se entrelaça com a concepção de trauma. Freud aponta para a impossibilidade de compreender o sujeito com base em uma história linear passado-presente. Nesse sentido, a noção de temporalidade é tida como a possibilidade de remodelação das experiências do passado em função de acontecimentos recentes (Laplanche & Pontalis, 2001). Na questão do trauma, isso implica tanto ao que remete às experiências passadas bem como à possibilidade de, em algum momento do futuro, ele vir a desenvolver uma conotação patogênica e desencadear sintomas. Assim, destaca-se que o trauma não pode ser compreendido somente pelo evento, mesmo que extremo, mas como o impacto deste sobre um psiquismo singular de um sujeito específico no qual ele adquire seu sentido traumático (Rudge, 2009).

A imigração, independente do seu tipo – voluntária ou involuntária –, envolve sair de sua cultura de origem, todo o quadro externo, social, cultural, linguístico passe a estar em falta; essa ruptura com a cultura de origem pode constituir, de forma mais ou menos acentuada, um evento traumático para o psiquismo (Betts, 2013; Pirlot, 2011). É possível pensar, em alguns casos, na imigração também como um trauma, devido a essa ruptura cultural em cuja base se estruturava a realidade. No entanto, é importante ressaltar que a imigração não é um fato traumático por si só, depende da subjetividade de cada sujeito e

pode ser agravada por vivências traumáticas anteriores e pelo estado de vulnerabilidade (Pirlot, 2011).

4.2.3 Sintoma e psicopatologia

Não existe um consenso sobre o que é a normalidade. Ela pode ser compreendida de diversas formas, dependendo do enfoque teórico. A compreensão do que são transtornos mentais, de sua etiologia e das formas de tratamento também não são universais e, além do olhar teórico, elas variam de acordo com a cultura. Pode-se dizer que a diferença entre o que é normal e o que é patológico também pode ser estabelecida pela cultura, ou seja, o que é normal dentro de determinada cultura pode ser considerado como anormal em outra. Assim, a natureza desviante do sintoma dependerá da forma como ele é compreendido dentro de seu grupo de pertença. Exemplos são encontrados em diversas sociedades, como no caso dos índios das Grandes Planícies americanas que caracterizam estados de alucinações como fenômenos normais. Dessa forma, se um dado comportamento não pode ser considerado sintomático simplesmente pela sua manifestação, o que permite pensar na vivência do sintoma como experiência subjetiva do sujeito e qual o sentido atribuído a ele, isto é, seus componentes culturais (Laplantine, 1998; Martins-Borges, 2013; Martins-Borges & Pocreau, 2009, 2012; Pirlot, 2011; Pocreau & Martins-Borges, 2013; Pussetti, 2010; Tatossian, 2001). É importante ressaltar que, em psicopatologia, apesar de ocupar um lugar importante, a cultura não é o único determinante envolvido. É necessário considerar as experiências individuais, a

singularidade de cada sujeito e o contexto em que ele está inserido (Pirlot, 2011).

A Psicanálise postula que todo sintoma tem um sentido e que este tem uma estreita ligação com as vivências do sujeito no qual ele aparece. Esse sentido do sintoma é inconsciente ao sujeito e, em geral, sua formação é um substituto para algo que não ocorreu, um processo psíquico (pulsão) que foi interrompido pelo recalque e que encontra no sintoma uma satisfação substituta (Freud, 2014/1917). Assim, o sintoma é indissociável da subjetividade e identidade de cada sujeito; no entanto, essa compreensão sobre o lugar da singularidade na formação de sintomas implica também na noção do sintoma como expressão da identidade e, portanto, do aspecto cultural (Betts, 2013). Essa codificação cultural do sintoma é ao mesmo tempo uma forma de defesa – aceita pelo grupo de pertença – contra a angústia e uma tentativa de manutenção da identidade de origem. Um exemplo disso pode ser observado em pessoas originárias da África Subsaariana, uma vez que nesses países é difícil, por questões culturais, expressar a tristeza, de forma que estados delirantes e/ou queixas somáticas costumam ser uma forma culturalmente aceita, em nível inconsciente, de mascarar uma depressão (Pirlot, 2011).

Em contexto migratório, encontra-se uma série de quadros de sofrimento que possuem estreita relação do contato com a diferença cultural, que coloca em questão a identidade do sujeito (Betts, 2013; Dantas, 2012). Nesse sentido, já foi trabalhado o luto e o trauma. Cabe aqui, então, colocar diferentes sintomatologias que aparecem com certa frequência em imigrantes e refugiados; destacam-se, nesse sentido: as depressões mascaradas, as depressões essenciais, a somatização, o

pensamento operatório, as crises de identidade, as queixas hipocondríacas e as fantasias persecutórias (Pirlot, 2011).

O objetivo aqui, por meio dessas colocações, não é reduzir o sujeito somente a seu contexto cultural de origem, e, sim, apontar o papel que a cultura tem sobre o psiquismo desse sujeito e os mecanismos que entram em ação quando essa se encontra ausente e o sujeito depara-se com outra cultura (Martins-Borges, 2013). Assim, é importante atentar para, frente à diferença apresentada pelo imigrante, não reduzi-lo a classificações nosológicas ocidentais e nem ir pelo lado contrário e localizar seu mal-estar somente na questão cultural (Pussetti, 2010).

5 MÉTODO

O presente capítulo apresenta a metodologia utilizada nesta pesquisa, tanto na compreensão e abordagem adotadas como nos procedimentos de coleta e análise dos dados. Dessa forma, subdivide-se nas seguintes sessões: caracterização da pesquisa, contexto e participantes, instrumentos, procedimentos de coletas de dados, aspectos éticos e tratamento e análise dos dados.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. Caracteriza-se como exploratória, pois pretende compreender um tema até então pouco estudado em contexto nacional. Também é considerada descritiva, uma vez que busca descrever a relação entre fenômenos – imigração e impactos psicológicos (Gil, 2010). O método qualitativo realça a compreensão do fenômeno em si, buscando conceber o significado coletivo ou individual que ele possui para os sujeitos, isto é, compreender as ligações entre os elementos, de forma a entender como o objeto de estudo se manifesta na vida desses sujeitos (Turato, 2005). Outra questão que foi considerada para a escolha do método qualitativo diz respeito à dificuldade de utilizar instrumentos padronizados para a população de imigrantes, principalmente ao se considerar uma amostra composta por participantes de diferentes culturas (Caetano, Clark & Tam, 1998; Costa-Fernandez, 2011). Além do que, pesquisar com foco qualitativo condiz com os referenciais teóricos de base da presente pesquisa – Psicanálise e Etnopsiquiatria –,

uma vez que se atribui um lugar central para a subjetividade e a dimensão simbólica dos fenômenos, que dificilmente poderiam ser acessados de outra forma.

5.2 CONTEXTO E PARTICIPANTES

O contexto da presente pesquisa refere-se a alunos universitários que são também imigrantes. Consideram-se aqui como imigrantes, aquelas pessoas que saíram de seu país de origem e estão residindo no Brasil há pelo menos um ano, com o visto temporário ou permanente. Cabe ressaltar que a condição de universitário imigrante diferencia-se da de intercambista, uma vez que diz respeito aos sujeitos que estão devidamente matriculados para a totalidade de um curso de graduação ou pós graduação, e não somente por um curto período. Dessa forma, foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão para os participantes da pesquisa: a) serem imigrantes com visto temporário ou permanente; b) estarem no Brasil há pelo menos 1 ano; c) estarem devidamente matriculados na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, e; d) falarem a língua portuguesa.

Na UFSC, os universitários imigrantes que vêm cursar a graduação costumam chegar por meio de dois convênios: o Pró-Haiti e o PEC-G. No ano de 2015, estão matriculados 134² universitários imigrantes: 22 pelo Pró-Haiti e 112 pelo PEC-G. Já na Pós Graduação o número de estudantes estrangeiros vinculados ao convênio PEC-PG é de 52³. Os dados referentes aos 27 países de origem desses estudantes

² Dados fornecidos pela Secretaria de Relações Internacionais (SINTER) da UFSC.

³ Dados fornecidos pela Pró-Reitoria de Pós Graduação (PROPG) da UFSC

podem ser observados na Tabela 4. É importante apontar aqui que estes dados referem-se somente aos estudantes estrangeiros que entraram na UFSC por meio desses convênios, sem considerar estudantes que possam ter ingressado pelas vias normais da universidade (vestibular), o que leva a pensar que o número de universitários imigrantes na Universidade é ainda maior.

Tabela 4 – Número de universitários imigrantes na graduação e na pósgraduação por país de origem.

País	Graduação	Pós Graduação	Total
Cabo Verde	25	03	28
Haiti	22	01	23
Guiné-Bissau	19	-	19
Paraguai	15	02	17
Angola	14	-	14
Bolívia	06	00	06
Moçambique	06	05	11
Equador	04	05	09
Honduras	04	-	04
Congo	03	-	03
Timor-Leste	03	-	03
Benin	02	-	02
Peru	02	05	07
São Tomé e Príncipe	02	-	02
Colômbia	01	15	16
Costa do Marfim	01	01	02
Costa Rica	01	01	02
Guatemala	01	-	01
Jamaica	01	-	01
Nigéria	01	-	01
República Dominicana	01	-	01
Cuba	-	07	07
Chile	-	02	02
Uruguai	-	02	02
Argentina	-	01	01
México	-	01	01
Senegal	-	01	01
Total	134	52	186

Para os fins a que se propôs esta pesquisa, foram realizadas entrevistas com 15 universitários imigrantes que estudam na UFSC e que cursam graduação ou pós-graduação. O acesso aos participantes deu-se por meio da técnica bola de neve, que consiste em indicações dos próprios participantes sobre sua rede social. A escolha do número de participantes deu-se por ser um número considerado adequado, em termos de saturação teórica de dados, que ocorre a partir do momento em que as entrevistas passam a não fornecer novas informações (Sampieri, Collado & Lucio, 2013). No entanto, o contato com os primeiros participantes foi feito com base em um primeiro nível de referência, que se refere a pessoas que tenham algum contato com a pesquisadora, que participa do Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas – NEMPsiC –, e que possua uma rede de contatos com projetos na área de imigração, ONGs e departamentos da UFSC, que foram as referências de acesso inicial aos participantes.

5.3 INSTRUMENTOS

Os dados da presente pesquisa foram coletados por meio da realização de entrevista semiestruturada (APÊNDICE 1) com os participantes – mediante assinatura do TCLE (APÊNDICE 2) – e da aplicação de um questionário sociodemográfico (APÊNDICE 3).

5.3.1 Entrevista semiestruturada

A entrevista, como forma de coleta de dados, permite acessar reflexões do próprio sujeito a respeito de sua realidade. Para a presente

pesquisa, a entrevista semiestruturada foi elaborada com base em um roteiro com 16 questões. No entanto, essas perguntas possuíram como objetivo direcionar a fala do participante e não de restringi-la, permitindo, assim, a livre verbalização (Minayo, 2010). Além disso, foram elencados pontos a serem investigados com base nas respostas dos participantes. É importante destacar que o áudio das entrevistas foi gravado, mediante consentimento dos participantes.

5.2.2 Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico que foi aplicado é um questionário padrão do NEMPSiC composto por 27 questões, que abarcam seis categorias: dados pessoais (nome, sexo, idade, data de nascimento, estado civil, país e cidade de nascimento, cidade de residência atual), escolaridade e ocupação (escolaridade, ocupação atual e anterior à imigração), residência (número de cômodos, tipo de residência, número de pessoas com quem reside e tipo de relacionamento com elas), religião/crença (se possui e se é praticante), língua (língua materna, se fala outras línguas, grau de apropriação do português antes da imigração e atual) e dados sobre a imigração (data, se foi a primeira imigração, se imigrou sozinho ou com quem imigrou, quem ficou no país de origem, motivação, tipo de visto de entrada no Brasil e atual).

5.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Como procedimento inicial de coleta de dados, entrou-se em contato com a rede do NEMPSiC que compôs o primeiro nível de referência. Nesse contato, foram explicados os objetivos da pesquisa e como esta se realizaria, com o objetivo de estabelecer uma rede de indicações de possíveis participantes para a pesquisa. Com base nisso, foi realizada uma entrevista teste (não utilizada na análise de dados) para averiguar a pertinência e o alcance das questões propostas, na qual o roteiro de entrevista e o questionário mostraram-se adequados. Em seguida, estabeleceu-se o contato com os possíveis participantes, para os quais foram explicados não apenas os objetivos da pesquisa como também foram feitos convites para participar dela. Em caso de aceite, agendou-se um contato presencial em local sugerido pelo participante; na falta de sugestão, foi utilizada a sala do NEMPSiC.

No contato presencial, inicialmente foram retomados os objetivos da pesquisa, esclarecidas as possíveis dúvidas bem como verificado se o participante correspondia a todos os critérios de inclusão. Em seguida, fez-se a leitura e a assinatura do TCLE bem como entrevista que era foi gravada em áudio. Após a entrevista era preenchido o questionário sociodemográfico pela pesquisadora, de acordo com as respostas do participante. Por fim, interrogava-se o participante sobre possíveis indicações de outros participantes, de acordo com a técnica bola de neve.

5.5 ASPECTOS ÉTICOS

Em relação aos aspectos éticos, respeitou-se a Resolução nº 466 de pesquisa com seres humanos (Diário Oficial da União, 2013). Dessa

forma, a pesquisa foi avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH/UFSC), parecer número 41357315.7.0000.0114.

Mediante a apresentação do TCLE, aos participantes, foram esclarecidos os objetivos da pesquisa, ressaltada a questão do anonimato e sigilo e também a possibilidade de desistência do participante a qualquer momento da pesquisa. Como esta pesquisa não estava isenta de apresentar riscos psicológicos, isto é, poderia desencadear algum desconforto nos participantes ao responderem as entrevistas, estipulou-se, também no TCLE, que, nestes casos, seria realizado o encaminhamento para o atendimento na Clínica Intercultural vinculada ao Serviço de Atenção Psicológica – SAPSI – da UFSC. No entanto, isto não foi necessário em nenhuma das entrevistas.

5.6 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta dos dados, aqueles obtidos por meio do questionário sociodemográfico foram tabulados em uma planilha e analisados com auxílio do programa *Excel*. Em seguida, montou-se uma tabela baseada na distribuição de frequência das respostas dos participantes de forma apresentar a caracterização dos participantes (Tabela 5).

Quanto aos dados levantados por meio das entrevistas semiestruturadas, sua análise seguiu um delineamento qualitativo, baseado na análise de conteúdo. A análise de conteúdo é uma técnica que pressupõe a existência de uma dimensão simbólica na narrativa, a qual deve ser desvendada. Assim, possui um delineamento investigativo

ao mesmo tempo em que postula o uso de técnicas metodológicas de tratamento de dados, de forma a manter um rigor científico e enriquecer o processo de interpretação desses dados, indo além de uma leitura simples e de uma compreensão espontânea do real apresentado (Bardin, 2002). Ao considerar essa dimensão de dar lugar aos sentidos ocultos do discurso e ir além do observável, acredita-se que a análise de conteúdo está em consonância com o referencial teórico da presente pesquisa: a Psicanálise e a Etnopsiquiatria.

Inicialmente, os áudios coletados por meio da entrevistas semiestruturadas foram transcritos na íntegra para um arquivo de *Word*, e, posteriormente, foram transplantadas e organizadas com auxílio do *software Atlas.ti*. A utilização de *softwares* justifica-se por meio da complexidade da análise necessária e do grande número de elementos de análise, de forma que possibilita um maior rigor científico na organização dos dados – sem, no entanto, perder a flexibilidade e criatividade do processo qualitativo – e facilita a manipulação e normalização dos dados. Em seguida, teve prosseguimento a técnica de leitura flutuante desses documentos, que consiste no momento em que o pesquisador estabelece uma familiarização com o material que será analisado, iniciando o processo de considerar hipóteses e teorias e também de dar uma orientação codificação dos dados que ocorre em seguida. Essa etapa, que também podem ser chamada de análise categorial, tem por objetivo colocar uma ordem na complexidade e aparente desordem dos discursos, descobrindo e codificando núcleos de sentido que posteriormente, integrarão categorias mais amplas (Bardin, 2002). No fim dessa etapa, elaborou-se uma tabela com as categorias, subcategorias e unidades temáticas encontradas (Tabela 6).

6 RESULTADOS

Nesse capítulo, inicialmente, retratam-se os participantes por meio de uma caracterização fundamentada no questionário sociodemográfico. Em seguida, apresenta-se uma compilação em categorias, subcategorias e unidades temáticas dos dados coletados pelas entrevistas e investigados com o auxílio da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2002).

Em relação aos participantes, as características gerais (sexo, idade, estado civil, país de nascimento, tempo de imigração, escolaridade, religião, com quem reside, língua materna, nível de português antes e após a imigração, se foi a primeira imigração, se imigrou sozinho, tipo de visto de entrada e atual), obtidas por meio do questionário sociodemográfico, podem ser observadas na Tabela 5.

Tabela 5 – Caracterização dos participantes

Categoria		N
Sexo	Masculino	10
	Feminino	5
Idade	20-25 anos	3
	26-30 anos	9
	Mais de 31 anos	3
Estado Civil	Solteiro(a)	14
	Casado(a)	1
País de nascimento	Haiti	5
	Colômbia	3
	Cuba	2
	Cabo Verde	2
	Guiné-Bissau	1
	Panamá	1
	Moçambique	1
Tempo de imigração	Menos de 2 anos	4
	De 2 a 4 anos	7
	Mais de 4 anos	4
Escolaridade	Graduação em andamento	7
	Mestrado em andamento	4

	Doutorado em andamento	4
Com quem reside	Sozinho(a)	5
	Amigos	6
	Cônjuge	1
	<i>Host Family</i>	1
	Outros	3
Possui Religião	Sim	10
	Não	5
Se sim, qual	Católica	3
	Evangélica	3
	Batista	2
	Muçulmana	2
Língua materna	Crioulo/Francês	5
	Espanhol	6
	Crioulo/Português	2
	Português	1
	Fulani/Português	1
Nível de português antes da imigração	Nenhum	9
	Pouco	1
	Regular	2
	Bom/Ótimo	3
Nível de português atual	Regular	1
	Bom/Ótimo	14
Primeira imigração	Sim	14
	Não	1
Imigrou sozinho	Sim	14
	Não	1
Visto de entrada	Estudo	14
	MERCOSUL	1
Visto atual	Estudo	11
	MERCOSUL	3
	Residência permanente	1

Quanto aos dados coletados por meio das entrevistas semiestruturadas, foi analisado o total de 12h01min37s de narrativas, com uma média de 48min06s por entrevista. Esses dados foram tratados por meio da técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2002) e com suporte do *software Atlas.ti*. Dessa forma, elencaram-se as unidades temáticas presentes, de acordo com seu núcleo de sentido, conforme a Tabela 6.

Cada unidade temática representa um conjunto de cadeias de significados semelhantes nas narrativas dos participantes. Nesse sentido,

unidades temáticas que tratam do mesmo aspecto são agrupadas em subcategorias de temas mais amplos, que, por sua vez, permitem a compreensão de uma categoria como um todo. Assim, uma categoria é composta de subcategorias que, por fim, são compostas de unidades temáticas que permitem um entendimento minucioso, e criterioso, dos fenômenos pesquisados. Esses elementos são aprofundados na discussão que se segue.

Tabela 6 – Categorias, subcategorias e unidades temáticas

Categoria	Subcategoria	Unidade temática
CATEGORIA 1: PROCESSO MIGRATÓRIO	1.1 Contexto	<i>1.1.1 Histórico do país de origem</i>
		<i>1.1.2 Influências familiares</i>
		<i>1.1.3 Deslocamentos anteriores</i>
	1.2 Motivação para migrar	<i>1.2.1 Estudar em outro país</i>
		<i>1.1.2 Possibilidades reduzidas no país de origem</i>
		<i>1.1.3 Escolha do Brasil como país para imigração</i>
CATEGORIA 2: SOFRIMENTO PSÍQUICO	1.3 Etapas pré-migratórias	<i>1.3.1 Preparações</i>
		<i>1.3.2 Despedidas</i>
	2.1 Manifestações sociais	<i>2.1.1 Discriminação</i>
		<i>2.1.2 Desvalorização do país de origem pelo outro</i>
	2.2 Sintomas psicológicos	<i>2.2.1 Sentimento de não pertencimento</i>
		<i>2.2.2 Idealização do país de origem</i>
CATEGORIA 3: FATORES DE RISCO	2.2 Sintomas físicos	<i>2.3.1 Dores de cabeça</i>
		<i>2.3.2 Problemas de estômago</i>
		<i>2.3.3 Cansaço</i>
	3.1 Antecedentes migratórios	<i>3.1.1 Acontecimentos traumáticos</i>
	3.2 Dificuldades de adaptação	<i>3.2.1 Diferença cultural</i>
		<i>3.2.2 Português</i>
		<i>3.2.3 Relações sociais</i>
		<i>3.2.4 Hábitos alimentares</i>
		<i>3.2.5 Problemas financeiros</i>

	3.4 Problemas na universidade	3.4.1 Dificuldades nas disciplinas 3.4.2 Estudo em excesso
CATEGORIA 4: FATORES DE PROTEÇÃO	4.1 Envolvimentos sociais	4.1.2 Universidade 4.1.3 Religião 4.1.4 Atividades e lazer
	4.2 Manutenções do vínculo com a cultura de origem	4.2.1 Relações com conterrâneos 4.2.2 Elementos culturais 4.2.3 Viagens ao país de origem
	4.3 Projetar-se no Brasil	4.3.1 Satisfação com a experiência migratória 4.3.2 Possibilidade de construir a vida no país

7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesse capítulo são discutidos os dados encontrados por meio das entrevistas semiestruturadas e tratados pela técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2002). Para tanto, divide-se em quatro sessões correspondentes a cada uma das quatro categorias, conforme a Tabela 6. Nessas, são apresentados as subcategorias e unidades temáticas, debatidas com base na literatura científica acerca da temática e nas narrativas dos 15 participantes desta pesquisa.

7.1 CATEGORIA 1: PROCESSO MIGRATÓRIO

Compreende-se a CATEGORIA 1: PROCESSO MIGRATÓRIO com base em três subcategorias: **1.1 Contexto**, **1.2 Motivação para migrar** e **1.3 Etapas pré-migratórias**, cada qual com suas unidades temáticas, conforme mostra o Quadro 1. Essa categoria faz referência aos acontecimentos concretos ou subjetivos que ocorreram antes da imigração, propriamente dita, e que exercem influência direta na forma como cada sujeito vai significar sua experiência migratória.

Quadro 1 – Subcategorias e unidades temáticas da Categoria 1: Processo migratório

Categoria	Subcategorias	Unidades temáticas
CATEGORIA 1: PROCESSO MIGRATÓRIO	1.1 Contexto	1.1.1 <i>Histórico do país de origem</i> 1.1.2 <i>Influências familiares</i> 1.1.3 <i>Deslocamentos anteriores</i>
	1.2 Motivações para migrar	1.2.1 <i>Estudar em outro país</i> 1.2.2 <i>Poucas possibilidades no país de origem</i> 1.2.3 <i>Escolha do Brasil como país para imigração</i>

	1.3 Etapas pré-migratórias	1.3.1 Preparações 1.3.2 Despedidas
--	----------------------------	---------------------------------------

No que se refere à subcategoria **1.1 Contexto**, ela é composta de unidades temáticas, que remetem ao histórico do país de origem, às influências da família e aos deslocamentos anteriores de cada participante, conforme o Quadro 2.

Quadro 2 – Unidades temáticas referentes à subcategoria 1.1 Contexto

Categoria	Subcategoria	Unidades temáticas
CATEGORIA 1: PROCESSO MIGRATÓRIO	1.1 Contexto	1.1.1 Histórico do país de origem 1.1.2 Influências familiares 1.1.3 Deslocamentos anteriores

Quanto à unidade temática *1.1.1, Histórico do país de origem*, o papel da imigração no país de origem foi elencado por seis participantes, que apontaram que, em geral, em seus países de origem, já existe a constância de processos migratórios, ou seja, emigrar é algo comum e faz parte do imaginário dessas populações. Destaca-se inclusive um histórico de emigrações motivadas pelo estudo, isto é, de pessoas que buscam realizar uma formação superior ou pós-graduação em outros países, fato que está em conformidade com as seguintes falas dos participantes:

“No geral os africanos têm muito essa.. esse espírito de sempre sair e procurar algo, sempre ir além daquilo que vê ou que pode ter. Isso é um desafio dos africanos e é algo que eu acho interessante né, você sair e conhecer outras culturas né, estudar em outro lugar e voltar pra contribuir pro seu país, isso é muito importante. É claro que tem muito a questão de limitação dos recursos né, muitos querem e não conseguem [...]”. Isso [imigração para estudo] em Guiné Bissau é comum sim. Para o Brasil, começou há pouco tempo, na verdade na década de 2000, 2000 e pouco pra cá que começou a vir muitos estudantes guineenses pra cá. Geralmente era pra Europa né, e América do Norte. Então tinha mais cooperações com aqueles países né, da década de 2000 pra cá o Brasil

também abriu, teve essas cooperações internacionais maiores né, os convênios justamente. Aí começou a aparecer essas verbas de você sair e estudar também no Brasil” (P7 – Guiné-Bissau).

“É muito comum, sobretudo no Canadá e na França, sabe por quê? A imigração com a língua o idioma que é francês a nossa educação de lá também é feita usando esse idioma que é francês e quase as mesmas metodologias de ensinamento porque a nossa educação foi levada no Haiti pelos franceses [...]. Não sei como foi essa questão de relação do Brasil com Haiti sabe, porque é a primeira relação que o Brasil teve com o Haiti que eu sabia” (P9 – Haiti)

“Antes não era tão comum, agora eu acho que está aumentando. Pelo menos na minha turma, que se formaram comigo, a maioria estão fazendo mestrado fora da Colômbia, em outros países” (P5 – Colômbia).

A narrativa dos participantes reflete dados já apontados pela UNESCO de que a imigração impulsionada pela busca de formação superior atinge número superior a 4.1 milhões de pessoas no mundo e cresce com uma média de 7,1% ao ano (OECD, 2012). Uma série de fatores contribui para a busca de realizar graduação ou pós-graduação em outro país, com destaque para o valor atribuído pela sociedade de origem a um diploma internacional, a crença de que ao retornarem terão maiores possibilidades de trabalho e a perspectiva de conhecer uma nova cultura e novo idioma (Andrade & Teixeira, 2009; Brisset *et al.*, 2010; Liu & Winder, 2014).

Especificamente em relação ao Brasil, pode-se pensar que nos países de origem dos participantes, com exceção do Haiti, já existe um fluxo de migração com fins de estudo. Autores destacam o aumento do número de imigrantes que vêm para o Brasil estudar em uma instituição superior, após o Governo Lula – de 2003 a 2010 –, período no qual houve um impulso na política de cooperação internacional, principalmente com países do PALOP. É nesse momento também que programas como o PEC-G e PEC-PG passam a contemplar um número

maior de estudantes estrangeiros (Gusmão, 2008; Langa, 2014; Liberato, 2012). Subuhana (2007, 2009) traz a dimensão financeira como determinante nessa escolha, uma vez que o custo de vida no Brasil é inferior ao de outros países, como por exemplo, de países da União Europeia, da Austrália ou dos Estados Unidos. Também já existe um grande fluxo de pessoas que migram dos países da América Latina para o Brasil, principalmente de pessoas de origem de um país membro do MERCOSUL, devido aos acordos firmados que facilitam a circulação de pessoas (Patarra & Fernandes, 2011).

Em relação à unidade temática *1.1.2 Influências familiares*, pode-se também notar o espaço ocupado pela imigração no país de origem, uma vez que nas famílias de 14 participantes existem diversos membros que emigraram para estudar, o que é exemplificado nos seguintes trechos:

“Meus familiares estão morando fora né, eu tenho, a gente tem cinco... nós irmãos somos cinco, então os três estão morando fora, estudaram na Europa e foram lá e tão trabalhando. [...] Pelo menos isso é assim... a família em geral já tá um pouquinho acostumada né, a mãe já sabe lidar com essas situações e, assim, a família já entende que olha, saindo fora e estudar é claro que tem dificuldades e tudo mas a gente vai acostumando com isso, vamos tentar ver como amenizar essa saudade um pouquinho” (P7 – Guiné-Bissau).

“Não é uma coisa nova na minha família porque todos os que estudaram, estudaram fora. Mas é... Tinha meu primo que estudou em Pelotas. Uma outra que estudou na China. A outra foi para... Tinha ido para Portugal, agora voltaram. Tem que está estudando no Macau. Então, assim, minha família tem oportunidade de sair” (P12 – Cabo Verde).

“Tem um monte. Tem primas que moram nos Estados Unidos tem primo que mora no Canadá tem minha irmã também que mora... que tá estudando na República Dominicana. Tem também... deixa eu ver se tem outro país... acho que são esses... Estados Unidos, Canadá... esses país” (P1 – Haiti).

Nesse sentido, os achados dessa pesquisa estão de acordo com aqueles encontrados por Hirsch (2009), em sua pesquisa com universitários imigrantes originários de Cabo Verde, na qual aponta que, no país, o fenômeno de imigrar já é algo intrínseco e esperado pela sua sociedade. A maior parte desses estudantes relatou que membros de suas famílias ou conhecidos residiam em outros países. O autor chega a afirmar que existem mais cabo-verdianos vivendo em outros países do que no próprio Cabo Verde. Da mesma maneira, Faria (2009), ao entrevistar estudantes angolanos em Portugal, também constata a presença marcante de composições familiares nas quais diversos membros imigraram em busca de trabalho ou estudo.

Outro aspecto importante, também em relação à família dos participantes deste estudo, é o lugar que ela ocupa na decisão de emigrar, principalmente como fonte de apoio, conforme foi observado nas narrativas de seis participantes, e ilustrado da seguinte forma:

*“É, **apoiaram**, senão não teria como viajar porque a bolsa a gente vai começar recebendo aqui, daí você vai num país onde não conhece ninguém daí eles vão ter que fazer alguma coisa pra você conseguir sobreviver [...], tá se fosse pra um outro motivo seria difícil pra deixar você ir embora sabe? Mas é pra um motivo... interessante, estudar, que faz parte da cultura dos haitianos, eles gostam de estudar, até a maior parte dos imigrantes que vêm pra cá, qualquer um deles se você falar sobre a educação, seja eles estão pagando a educação pros filhos pras filhas ou os que são mais jovens querem ir pra faculdade entendeu? Esse motivos... eles não tem como superar essa emoção de deixar eles ir ou não sabe? Eles vão deixar você viajar pra um bom motivo” (P9 – Haiti).*

“Eles queriam muito, porque, é... na verdade o trabalho era bom, mas... eu não teria a oportunidade de estudar, assim, nunca, sabe? Eu poderia ter continuado muitos anos [no país de origem], mas para estudar era muito difícil, então eles me apoiaram bastante” (P14 – Colômbia).

Ainda em relação ao lugar ocupado pela família, em uma das entrevistas destacou-se que a imigração aconteceu, primeiramente, por decisão familiar, conforme a seguinte narrativa:

*“Na verdade nem... **eu nem sabia**, nem tava motivado, **ah meu pai me inscreveu** num curso técnico, assim falou com o irmão dele que tinha uma amiga aqui fazia o mesmo curso e na hora ela me falou que... depois que ele veio me dizer quando e teve combinações até gostei mas assim... **tive que aceitar sim**, [...] eu fiquei ficando mesmo, eu resolvi ficar” (P3 – Cabo Verde).*

Diversos autores destacam que a escolha pela imigração, em razão de estudo ou por outro motivo, não deve ser compreendida de forma individual, pelo menos no que diz respeito a pessoas originárias de países de culturas tradicionais. Nesses casos, a decisão passa pelos diversos membros da família e faz parte de um contexto mais amplo, com repercussões para o grupo como um todo (Faria, 2014; Gusmão, 2008; Liu & Winder, 2014; Silva e Moraes, 2012). Assim, o papel desempenhado pela família vai além do processo de decisão e abarca também a dimensão do apoio tanto financeiro como psicológico (Subuhana, 2007, 2009). Esses apontamentos da literatura corroboram as narrativas dos participantes da presente pesquisa.

Dessa forma, nessa subcategoria –**1.1 Contexto** – foi trabalhado tanto o *histórico do país de origem* como as *influências familiares*. Já a terceira e última unidade temática, *1.1.3 Deslocamentos anteriores*, destaca experiências ligadas às viagens ao exterior dos próprios participantes. Onze participantes relataram que já haviam feito viagens curtas para outros países, principalmente para visitar familiares em países que têm fronteira com o país de origem. Autores apontam que a experiência de contato com outros países e culturas permite que os sujeitos desenvolvam a abertura intercultural, que pode atuar de forma

protetiva na imigração, facilitando o processo de adaptação (Maundeni *et al.*, 2010; McClure, 2007).

É interessante notar que quatro dos participantes já tinham experiências no Brasil por curto período de tempo (isto é, sem caracterizar uma imigração de fato), conforme as seguintes falas:

“Eu vim pra fazer estágio de conclusão de curso e para fazer meu TCC” (P5 – Colômbia).

“Eu fiz aqui meu estágio, em duas fases de três meses, com intervalo de três meses” (P6 – Colômbia)

“Na verdade eu tinha ficado aqui duas vezes anteriores, em 2010 seis meses, e em 2012 quatro meses. [...] Eu vim pesquisar também, mas por questões de aqueles projetos internacionais, sanduíche, que era só por um tempo limitado né. Agora eu vim porque ganho uma bolsa, então dedicação exclusiva, são quatro anos” (P10 – Cuba).

“Eu vim... é... seis meses antes praticamente, mais para tirar férias que meu irmão já morava aqui. [...] Então conheci a cidade, conheci a universidade. E daí conheci várias pessoas que estudavam e estrangeiros também. E fiquei com... Assim, com esta de ideia que... seria legal estudar. Continuar a estudar, né, também. Mas tava trabalhando e não tinha essa oportunidade. E na Colômbia não tem essa... Não tem essa oportunidade de estudar com bolsa, sabe? Essas vantagens, então... Eu larguei tudo e vim para cá” (P14 - Colômbia).

Dessa forma, pode-se pensar que o contato prévio com o país influenciou a decisão de imigrar. Ainda assim, os participantes destacam as diferenças entre vir ao Brasil para um curto período de tempo e a imigração, como pode ser observado nos seguintes trechos:

“Ah tive algumas diferenças, [...], nas vezes anteriores eu tava saindo do meu país, mas eu tinha data de volta né, agora, ah são quatro anos né, [...], tinham essas questões que diferenciavam essa viagem das viagens anteriores né, ou seja, tavam mudando na minha vida várias coisas. Ah, o futuro nunca se sabe, mas tinha mais incertezas pro futuro. Isso era o que tava sendo diferente quando eu vim pra cá no ano passado” (P10 – Cuba).

“Foi difícil, assim, né, porque eu não... a experiência de estar aqui de férias, uma coisa que você sabe que vai ir embora daqui a pouco então

não vai... não vai ter que se adaptar muito porque não vai ficar, mais fácil, de se saber que ia ficar foi mais difícil” (P14 – Colômbia).

“No primeiro [momento, para estágio] eu estava muito feliz, porque estava empolgada que iria conhecer muitas coisas novas, um país novo. E já na segunda já foi com um pouco de dor, até pensei em descer do avião e não voltar mais, mas eu já tinha firmado contrato e pensei em vir” (P5 – Colômbia)

Nesses casos, a experiência prévia de contato com o Brasil permitiu uma visão mais realista do país no momento de decidir imigrar. Assim, é possível pensar que a experiência positiva no primeiro contato influenciou na decisão de imigrar. Da mesma forma, as redes já estabelecidas (contatos sociais e com a universidade) atuaram de forma a reduzir o primeiro impacto das transições envolvidas no processo migratório, sem, no entanto, minimizar a dimensão da subjetividade, as reconfigurações e elaboração de lutos inerentes ao processo migratório. Isso é apontado pelos participantes ao falarem das diferenças e dos desafios de deixar o país de origem sem uma data de retorno, isto é, com o futuro incerto.

A segunda subcategoria – **1.2 Motivação para migrar** – contempla os principais fatores que influenciaram e motivaram a decisão dos participantes de buscar a imigração como opção para cursar a graduação ou pós-graduação. Essa subcategoria é dividida em três unidades temáticas, conforme Quadro 3.

Quadro 3 – Unidades temáticas referentes à subcategoria 1.2 Motivação para migrar

Categoria	Subcategoria	Unidades temáticas
CATEGORIA 1: PROCESSO MIGRATÓRIO	1.2 Motivação para migrar	1.2.1 Estudar em outro país 1.2.2 Poucas possibilidades no país de origem 1.2.3 Escolha do Brasil como país para imigração

Dessa forma, a unidade temática *1.2.1 Estudar em outro país* refere-se ao desejo de os participantes buscarem a formação superior em outro país. Essa unidade temática foi observada nas falas de oito participantes e é exemplificada da seguinte forma:

*“Antes de estudar aqui eu estudei um pouquinho no Haiti, mas estudei no Haiti como... não foi isso que eu queria, não foi o meu sonho mesmo, **eu queria estudar mesmo fora**, mas como que eu não posso ficar sem estudar assim, eu comecei a estudar, assim, mas com... na minha mente: **“um dia vou poder estudar em outros países”**, assim. Foi assim que chegou essa oportunidade de estudar no Brasil, aqui eu fiquei sabendo estudar que se chamava PEC-G, que aí me candidatei, tudo, e aí eu fui escolhido”* (Participante 11 – Haiti).

*“Fiz dois anos lá de Gestão, de Administração. Que é o mesmo que Administração aqui. E depois eu, no final do primeiro... do segundo ano lá, de Administração, **decidi que eu queria ir para fora, não queria ficar mais lá**. Eu queria viver outras coisas, queria ter alguma experiência de algum lugar que eu pudesse me dar melhores ferramentas para ir encontrar esse sonho”* (Participante 13 – Moçambique).

Esta unidade temática ressalta a dimensão ocupada pelo desejo dos participantes. Mesmo que, muitas vezes, a decisão de migrar passe pelo grupo familiar, ela não deixa de constituir, também, a motivação individual, ou seja, reflete a vontade de o sujeito emigrar a sua relação com um projeto de vida (Subuhana, 2007).

Já a unidade temática *1.2.2 Poucas possibilidades no país de origem* abarca duas vertentes. A primeira foi observada em cinco participantes de países como Cuba, Colômbia e Panamá – isto é, países com uma forte cultura latina – e reflete a dificuldade de prosseguir os estudos em nível de pós-graduação, em seus países de origem. Nesse sentido, as narrativas dos participantes apontam o alto custo dos programas de pós-graduação, a falta de possibilidade de receber bolsas, a necessidade de trabalhar concomitantemente ao estudo e também a

inexistência de programas específicos para suas áreas de interesse, conforme exemplificado nos seguintes trechos:

“Em ter a possibilidade de fazer pós-graduação, porque lá, embora têm, não têm todas as facilidades que têm aqui, de ter essa bolsa, educação grátis. Lá, se eu fizesse mestrado, doutorado eu teria que pagar e, além disso, ter dinheiro para me manter. Aqui eu poderia me dedicar exclusivamente em estudar, fazer pesquisa, que é aquilo que eu gosto e ter o dinheiro para me manter, não ter que ocupar meu tempo em outras coisas” (P5 – Colômbia).

“Eu fazia lá já o mestrado, porque lá você trabalha e estuda depois que a gente se forma entendeu? Só que para o mestrado tem que trabalhar e quando a gente soube a oportunidade de com bolsa a gente...[...], então... a gente optou e ganhamos a bolsa então eu vim pra essa bolsa primeiro aí eu fiz o mestrado com essa bolsa em Biotecnologia terminei me formei e comecei o doutorado” (P8 – Cuba).

“Na Colômbia, no meio que eu tava, assim... laboral. Eu só conhecia pessoas que trabalhavam sabe? [...] Dai fiquei muito encantada quando vim aqui [passar férias no Brasil], porque todo mundo que eu conhecia tava estudando. E era assim a pós-graduação. [...] Porque eu tinha esse desejo, mas não tinha como trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Ficava muito complicado pagar uma universidade, uma pós-graduação, que é muito caro, não tinha condições de fazer isso, então larguei tudo e decidi vir” (P14 – Colômbia).

Já o segundo tipo de posicionamento em relação a possibilidades reduzidas no país de origem foi observado entre os cinco participantes do Haiti. Diferentemente dos demais participantes dessa pesquisa, os haitianos fizeram parte de um dos primeiros fluxos migratórios de seu país de origem para o Brasil. Isso se deu por meio de um programa do governo brasileiro chamado Pró-Haiti e é decorrente das consequências do terremoto ocorrido em 2010 no país (CAPES, 2010), como pode ser observado na fala desses participantes:

“Hã... o meu caso foi diferente né. É que eu... o terremoto de 2010... que aconteceu lá no Haiti faz que não tinha muita... tipo lá na minha universidade foi difícil de continuar eu postulei pra fazer meu estudo fora, eu consegui achar uma bolsa de estudo aqui... foi isso né, [...] foi essa dificuldade mesmo” (P1 – Haiti)

*“Bom eu já tinha começado a estudar lá, na minha terra, e **depois do terremoto, né, as universidades destruíram.** Daí tinha várias oportunidades pra estudar fora do país e eu participei do processo seletivo pra vir pro Brasil, daí eu consegui então vim pra cá” (P15 – Haiti)*

O terremoto ocorrido no Haiti tem suas próprias consequências na subjetividade desses participantes, como será trabalhado posteriormente nessa discussão. No entanto, notou-se que, nesses casos, já existia previamente nos participantes o desejo de buscar uma formação em outro país, de forma que isso também já estava inserido na lógica de seu país de origem e em seus projetos de vida individuais.

Outro aspecto a ser considerado, quanto à motivação, envolve a unidade temática *1.1.3 Escolha do Brasil como país para imigração*. Aqui se observam dois posicionamentos. O primeiro reflete um desejo de imigrar especificamente para o Brasil, observado em seis participantes, conforme os seguintes exemplos:

*“**Pro Brasil foi mais uma vontade minha né.** [...] Só que eu gosto e gostava também do Brasil né. Então **eu assistia muito TV do Brasil, acompanhava precisamente futebol** e outras atividades que passam na TV brasileira que a gente assiste lá, então **eu sempre me identifiquei com o Brasil**, falei “não, eu sei que outros países poderão ser bons, mas eu vou pro Brasil, é ali que eu quero ir, eu me identifico com o Brasil, então eu vou pra lá”” (P7 – Guiné-Bissau)*

*“Foi uma, digamos, uma sorte que eu tive, porque **eu sempre gostei do futebol do Brasil e da música né**, eu gosto muito do futebol e desde que eu era criança eu comecei a assistir os jogos né, e aí também foi porque meu pai e meus tios gostavam dos times do Brasil e tal, e aí eu gostava, muito né. E da música também. Então surgiu a oportunidade e beleza né, eu vim pra cá. Foi uma grande sorte que eu tive” (P10 – Cuba)*

*“Então... Eu já tinha vivido na Europa. [...] E assim eu queria viver algo de intenso, algo diferente. Que sáisse completamente do meu cotidiano. Viver na Europa seria mais um, mais um país da Europa, a mesma coisa. **E o Brasil, outro continente.** A língua é igual, é portuguesa, mas têm essas diferenciações que são muito legais, eu acho... Eu amo falar brasileiro. **E as pessoas são diferentes, a cultura é diferente, então eu queria isso**” (P12 – Cabo Verde)*

Na literatura, observam-se como motivos que levam os universitários imigrantes, principalmente os originários de países do PALOP, a escolherem vir para o Brasil: a questão da língua, das proximidades históricas e culturais (Langa, 2014; Liberato, 2012; Subuhana, 2007, 2009). Muitas vezes, esses estudantes vêm para o Brasil com expectativas idealizadas da realidade brasileira, transmitidas por novelas, pela mídia e pela crença de que a realidade cultural aqui seria semelhante à de seus países de origem, o que pode acarretar em dificuldades no momento de contato com o real e com a experiência da diferença cultural (Langa, 2014). Da mesma forma, Dantas (2012) adverte que conhecer uma cultura por meio de difusão em meios de comunicação não é o mesmo que possuir um contato intercultural. Esse último somente será possível pela interação e pelo convívio com a diferença, que é muitas vezes fonte de conflitos intrapsíquicos, conforme será trabalhado adiante.

Já o segundo tipo de posição envolve a opção de imigrar para o Brasil como uma oportunidade, conforme notado em sete participantes. Assim, o desejo era pela imigração e não pelo Brasil como país de acolhimento, tendo esse surgido apenas como um meio.

*“A primeira opção não era o Brasil. Eu não tinha como primeira opção o Brasil. Eu queria ir para algum outro país diferente, um país que falasse, que tivesse um idioma diferente do português. Só que meu irmão estava cá. E de vez em quando ia lá nas férias, contava coisas boas daqui. **Eu disse Poxa, já que existe essa oportunidade, porque não né?**” As vezes a gente tem que... **por mais que não seja a situação perfeita, né, a gente tem que seguir aquele caminho**” (P13 – Moçambique).*

*“Não... assim... tinha várias oportuni... vários países que tinha oportunidade de estudar pelo convênio se fosse o PEC-PG ou outro, só que **a gente fez pelo Brasil porque foi o que abriu na época**” (P8 – Cuba)*

“É tipo na verdade não... eu não queria vim pro Brasil, mas a opor... a oportunidade chegou não queria pedir também tipo queria ir pra outro país tipo a França, que fala francês seria melhor pra mim, mas o... o Brasil chegou primeiro, só vim aqui” (P1 – Haiti)

Além disso, outro aspecto que pode ter influenciado na decisão dos participantes dessa pesquisa de imigrarem para o Brasil foi possuir familiares ou uma rede de conhecidos, que estavam ou já estiveram no país, fato observado nas narrativas de cinco participantes. Nesse sentido, destacam-se os seguintes exemplos:

“É, na verdade eu tinha um amigo [...], ele estava aqui já no Brasil, estava também no Ceará, estudando, então meu primo estava no Pernambuco e esse estava no Ceará. [...] Então aí ele me recebeu né não teve dificuldades né eu cheguei já tinha onde morar [...]. Isso é muito bom, na verdade [...],isso é decisivo pra sua integração, porque quando você chegar, pelo primeiro momento, você não entende como funciona a sociedade, [...], então você tendo alguém que já está naquele local ele te orienta muito bem, vocês saem juntos, ele te mostra “ó, isso é assim, isso é aquilo”, então isso ajuda muito, ajuda muito na integração, com certeza, é fundamental” (P7 – Guiné-Bissau)

“Só que meu irmão estava cá. E de vez em quando ia lá nas férias, contava coisas boas daqui. [...] Haviam uns moçambicanos que haviam se formado aqui. É... Na UFSC. [...] E ele falou muito bem de Florianópolis. Ele disse que a UFSC e Florianópolis, é... A UFSC dá muitas condições e Florianópolis é uma boa cidade para se estudar. Dá todas as condições para... é um ambiente muito bom. E pronto já. Então é isso” (P13 – Moçambique)

Isso vai ao encontro do achado de Subuhana (2007) em seu estudo com moçambicanos que cursavam ensino superior no Rio de Janeiro, no qual constata que, antes da imigração, esses estudantes já possuíam uma rede de conhecidos, ou conhecidos de membros da família, que vieram ou ainda estavam no Brasil. Por meio dessas relações, eram transmitidos retratos da experiência migratória no país que validavam a decisão de para cá imigrar.

Assim, também se pode pensar que, muitas vezes, são as redes já existentes que farão o primeiro acolhimento desses universitários imigrantes; são essas relações que medeiam o primeiro contato com o país, ao apresentar a cidade e as primeiras relações sociais, ao fornecer moradia, explicar a lógica do funcionamento do país de acolhimento e ao desempenhar uma forma de suporte emocional para esse momento de transição (Mourão, 2009).

A subcategoria **1.3 Etapas pré-migratórias** abarca as preparações e as despedidas realizadas pelos participantes antes de sair do país de origem, conforme o Quadro 4.

Quadro 4 – Unidades temáticas referentes à subcategoria 1.3 Etapas pré-migratórias

Categoria	Subcategoria	Unidades temáticas
CATEGORIA 1: PROCESSO MIGRATÓRIO	1.2 Motivação para migrar	1.3.1 Preparações 1.3.2 Despedidas

Os procedimentos relativos à unidade temática *1.3.1 Preparações*, podem ser exemplificados pelas falas:

“Foi uma correria. Os resultados saíram sei lá no começo de dezembro e aí eu tive um dois meses pra terminar, pra quitar todos os papeis, todas as coisas porque é... foram muitos documentos que você tem que ter prontos, quanto à embaixada do Brasil.. quando eu te disser que eu tirei minha... meu visto do Brasil uma semana antes da viagem porque eu já tinha comprado a passagem e foi uma correria total” (P4 – Panamá)

“Abriu essa questão de inscrição para essas bolsa em se não me engano em setembro de 2010, era pra sair o resultado em novembro de 2010 e era pra chegar no Brasil em março de 2011, o primeiro semestre e passou o tempo nunca saiu o resultado e achei que... [...] chamaram em 15 de julho, de 15 de julho a 10 de agosto tudo foi resolvido e eu cheguei aqui então 10 de agosto, [...].Menos de um mês, recebi uma carta me falou vai me ligar qualquer hora do último mês pra viajar e foi... tenho que ir atrás pra só validar alguns papéis só isso foi rápido... o que era parece muito difícil era de ter saído o resultado em novembro de 2010 saiu só em julho” (P2 – Haiti).

No relato dos participantes, nota-se que as preparações se referem a procedimentos burocráticos e a certo sentimento de falta de tempo para esse preparo, conforme foi observado em cinco participantes. No entanto, um participante que teve um tempo maior para se preparar para a imigração também relatou um sentimento de urgência:

*“É... Foi questão de três meses mais ou menos, que eu fiz tudo. Dai eu, ajeitei primeiro um trabalho para minha mãe. [...] E dai depois eu fui na... na embaixada e dai fiz todos os papéis, né? Todos os documentos, então reuni todos e... [...] Que mais? Reuni todos os documentos, ai também fiz, consegui fazer um curso de português antes de vir para a viagem, só para me preparar um pouquinho para não chegar tão perdida, dai fiz isto, só, **uns três, quatro meses e depois comprei também a passagem e vendi tudo e viajei.** Então foi assim bem... Na verdade foi meio inesperado assim também, porque eu não estava planejando isto, mas foi chegando lá que eu decidi fazer” (P14 – Colômbia)*

É importante destacar que as preparações não se referem somente ao nível concreto, mas também têm uma dimensão subjetiva, como pode ser observado na unidade temática 1.3.2 *Despedidas*. Nessa, os participantes trazem a influência das despedidas, principalmente em relação a membros da família:

*“Eu fiquei muito feliz quando recebi a notícia mas **no último dia de deixar a família era muito ruim eu passei quase de meio dia até... até cinco horas no avião chorando**, minha família também chorando e chegando aqui também, **antes de me recuperar totalmente passei quase três meses com muito dores pensando na família** chegando aqui sem amigos nem sabe conversar, o português a gente aprendeu aqui” (P2 – Haiti)*

*“É, na verdade eu acredito que **a despedida da família foi mais difícil né, pra mim.** É difícil deixar a mãe, deixar os irmãos, a família em geral, você nasce em um lugar e convive com essas pessoas dia e noite, os amigos é tem os amigos que eu considero irmãos e tudo sabe então deixar essas pessoas né e você vai para um lugar onde você sabe que não é onde eu vou hoje pra voltar amanhã, eu to indo pra passar anos e anos né, **então saindo hoje você não sabe o que vai acontecer amanhã com essas pessoas e você mesmo né então uma coisa incerta na sua cabeça assim que fica incomodando** mas como você já decide né ‘eu vou tomar essa*

decisão e vou fazer isso' decidi fazer aquilo né, mas o mais difícil foi deixar a família" (P7 – Guiné-Bissau)

"Foi difícil, mas... porque eu queria ir, quando a gente tem um sonho luta e eu vim, chorei uma semana, tinha saudade da minha mãe do meu namorado, mas..." (P8 – Cuba)

Nove participantes trouxeram a dificuldade sentida no momento das despedidas. Pode-se pensar que, nesse sentido, essas não se referem somente às dificuldades de separar-se da família, mas refletem também a dimensão de deixar sua cultura de origem e seguir em rumo ao desconhecido. É nesse momento que se inicia o processo de luto frente à separação da família, do país, da cultura, do conhecido e de tudo aquilo que costumava estruturar a realidade – mundo externo e interno – do sujeito. Esse luto é mediado por uma série de características que vão influenciar diretamente em como a imigração é experienciada pelo sujeito. Dessa forma, compreender as circunstâncias envolvidas no processo de imigração, isto é, o contexto, a motivação, os preparativos e as despedidas são essenciais (Ainslie *et al.*, 2013).

Conclui-se, por meio da discussão da CATEGORIA 1: PROCESSO MIGRATÓRIO, das três subcategorias que a compõem (**1.1 Contexto**, **1.2 Motivação para migrar** e **1.3 Etapas pré-migratórias**) e das unidades temáticas, que existe uma série de fatores e características relacionadas com a decisão de sair do país de origem para estudar em outro, bem como dos preparativos para que isso seja possível. Assim, os universitários imigrantes enfrentam diversos desafios que se iniciam antes da chegada no país de acolhimento e que contribuem para visualizar a complexidade do fenômeno migratório e as mudanças e impactos que surgem após essa experiência com uma nova cultura (Andrade & Teixeira, 2009).

Em relação ao contexto, notou-se que, em geral, os participantes vieram de países nos quais a imigração para fins de estudo já é algo instituído e valorizado socialmente, sendo parte também das histórias familiares. Quanto à motivação, destacou-se tanto o desejo dos participantes em buscar a formação superior em outro país – sendo que em alguns casos, o Brasil não era inicialmente o país ansiado – como a falta de possibilidades de realizarem essa formação em seus países de origem. Já em relação às etapas pré-migratórias, observou-se não apenas um sentimento de falta de tempo referente aos procedimentos necessários e às preparações para imigrar como também as dificuldades relacionadas a deixar o país de origem, expressas por meio de angústia em despedir-se da família e de insegurança frente ao desconhecido. Dessa forma, pode-se pensar que todas essas questões apresentadas têm influência direta em como será experienciada a imigração em um primeiro momento e, também, irão refletir naquilo que será discutido nas próximas categorias quanto ao sofrimento psíquico, aos fatores de risco e fatores de proteção.

7.2 CATEGORIA 2: SOFRIMENTO PSÍQUICO

Dentro de um contexto intercultural, os imigrantes passam por um importante processo intrapsíquico, o qual os coloca em posição de questionar sua identidade – baseada em valores e normas culturais que já não estão mais presentes no mundo externo – e, ao mesmo tempo, ressignificá-la de forma a fazer uma “ponte” entre o universo cultural de origem e o de acolhimento (Guerraoui, 2011; Sturm, 2011). Diversos mecanismos atuam nesse momento, entre os quais diferentes formas de

expressar o sofrimento psíquico, sintomas somáticos, isolamento, crises de identidade, lutos e também o desenvolvimento de quadros psicopatológicos (Dantas, 2012; Guerraoui, 2011; Martins-Borges, 2013; Pirlot, 2011).

Não é possível separar o sintoma das experiências subjetivas, uma vez que cada sujeito manifesta seu sofrimento de forma que este reflita suas vivências singulares (Volich, 2013), o que também não exclui o papel da cultura de origem nessa forma de expressão, pois também é indissociável a relação sujeito-cultura (Betts, 2013). Nesse sentido, a CATEGORIA 2: SOFRIMENTO PSÍQUICO, faz referencia a indicadores de sofrimento psíquico, expressos nas narrativas dos participantes. Dessa forma, foi possível agrupar as cadeias de significado em três subcategorias: **2.1 Manifestações sociais**, **2.2 Sintomas psicológicos** e **2.3 Sintomas físicos**, cada qual com suas unidades temáticas, conforme Quadro 5.

Quadro 5 – Subcategorias e unidades temáticas de sofrimento psíquico

Categoria	Subcategorias	Unidades temáticas
CATEGORIA 2: SOFRIMENTO PSÍQUICO	2.1 Manifestações sociais	2.1.1 <i>Discriminação</i> 2.1.2 <i>Desvalorização do país de origem pelo outro</i>
	2.2 Sintomas psicológicos	2.2.1 <i>Sentimento de não pertencimento</i> 2.2.2 <i>Idealização do país de origem</i>
	2.3 Sintomas físicos	2.3.1 <i>Dores de cabeça</i> 2.3.2 <i>Problemas no estômago</i> 2.3.3 <i>Cansaço</i>

A subcategoria **2.1 Manifestações sociais** contempla expressões de sofrimento que surgem baseadas no olhar do outro. Inclui-se aqui a leitura feita pelos participantes acerca da percepção do outro sobre si. Assim, com base nas narrativas dos participantes, distinguiram-

se duas unidades temáticas: *discriminação e desvalorização do país de origem pelo outro*, conforme Quadro 6.

Quadro 6 – Unidades temáticas referentes à subcategoria 2.1 Manifestações sociais

Categoria	Subcategoria	Unidades temáticas
CATEGORIA 2: SOFRIMENTO PSÍQUICO	2.1 Manifestações sociais	2.1.1 <i>Discriminação</i> 2.1.2 <i>Desvalorização do país de origem pelo outro</i>

A unidade temática *2.1.1 Discriminação* abarca percepções dos participantes acerca do olhar do outro. Oito participantes trouxeram relatos de experiências de discriminação sob uma perspectiva racial, exemplificados pelos seguintes trechos:

*“E aí fui perguntar pras pessoas elas não paravam, **meio que ignoravam, olhavam estranho assim**, ‘pô tem alguma coisa errada’ a pessoa fica mal assim na hora, **isso não é normal no meu país nem imaginava que fosse**, [...] Tu não entendes o que isso é, tua reação... **tu se sente mal por causa disso**. Na rua também as pessoas... várias pessoas assim... tava andando na calçada **as pessoas desviam assim**, tinha medo talvez não sei é preconceito talvez porque tu parece que mora no morro”* (P3 – Cabo Verde)

*“Meus amigos muitos comentaram sobre isso mas não é um tema que eu gosto de conversar mas eu sei que isso existe e as vezes até falo com meus amigos **isso é um dos maiores motivos que eu não pretendo ficar no Brasil**, depois dos meus estudos eu quero voltar ajudar o meu país ou se for pra viver num outro país viver num outro país [...]. Porque era difícil achar um grupo para trabalho eu não posso dizer que era exatamente o racismo se era porque eu não falava português eu... eu não gosto de dizer que era isso, [...] entrando na internet eu vi muitas coisas que me deixaram um pouco... com os haitianos muitos haitianos entrando no país de uma forma que eu até não gostei e eu vi os comentários de brasileiros [...] **melhor não pensar**”* (P2 – Haiti)

*“Daí, por exemplo, se tu tirar a pele, debaixo da pele somos iguais, entendeu? Aí vai depender de cada pessoa. E é como já tinha falado: as pessoas daqui são um pouco fechadas. Daí, eu sou, tipo, um pouco observador. Quando eu percebo que já existe tal coisa, daí eu não me, tipo, **eu tento o máximo possível não me inserir pra não sentir o efeito**. [...] vários dos meus amigos falaram isso, sempre que eles sofreram preconceitos, na universidade, com professores, com os próprios*

estudantes. Principalmente na hora de fazer trabalho em equipe. Por isso que eu prefiro fazer trabalho sozinho” (P15 – Haiti).

Na literatura também sobressaem relatos de experiências de discriminação sofridas pelos universitários imigrantes (Constantine *et al.*, 2005a; Fonseca, 2009; Khawaja & Dempsey, 2007; Mungoi 2012; Liu & Winder, 2014; Silva e Moraes, 2012). Constantine *et al.* (2005a) apontam que, muitas vezes, esses estudantes nunca experienciaram posturas discriminatórias antes da imigração, uma vez que normalmente vêm de sociedades nas quais não fazem parte de uma minoria. Isso está de acordo com o observado nesta pesquisa, na qual os participantes relatam a falta de compreensão e o sentimento de mal-estar nesses momentos. Pode-se pensar que essa é uma primeira experiência de serem percebidos de forma diferente, o que os confronta com sua identidade cultural e com a questão da diferença.

O que se percebe nas narrativas de sete de oito participantes, que nomearam a discriminação, é que essas experiências desencadeiam comportamentos de evitação, ou seja, os participantes buscam esquivar-se de situações em que isso possa ocorrer novamente. Nesse sentido, Khawaja e Dempsey (2007) alertam para o sofrimento potencializado pela discriminação, especialmente no que diz respeito à perda de autoestima.

Outra forma de discriminação, que não a racial, foi trazida por dois outros participantes e refere-se a experiências de discriminação frente à condição de estrangeiros, conforme ilustrado pelas seguintes falas:

“Tenho conhecido pessoas que não gostam e que acham que a gente tá... tirando alguma coisa de vocês, sabe.? Que “ah, veio um estrangeiro ficar com uma bolsa da gente. Uma bolsa de um brasileiro.” Você escuta esse

tipo de comentário. Especialmente... assim de pessoas, de professores também” (P14 – Colômbia)

*“Acho que tem algumas... tem algumas situações é... eles tem um certo “ah porque você ganha bolsa, **está aqui com o dinheiro do povo**, dinheiro do imposto, nosso” tudo isso” (P8 – Cuba)*

Esse mesmo apontamento é feito por Liu e Winder (2014) ao destacarem o posicionamento de pessoas da sociedade de acolhimento que desmerecem os universitários imigrantes e os percebem como se estivessem roubando oportunidades dos estudantes locais. Nesse mesmo sentido, observa-se também na unidade 2.1.2 *Desvalorização do país de origem pelo outro*, a desqualificação dos universitários imigrantes pela população local, quando desvalorizam suas origens culturais e os confrontam com sua posição de estrangeiros. Isso foi observado na fala de cinco participantes, exemplificadas assim:

*“Tinham algumas pessoas que tá, o conceito que eles têm na Colômbia, que eles assistem no jornal, das **FARC, guerrilha, cocaína**, isso e aquilo, era no começo tinha muitas coisas que falavam, quando eu conversava com eles e falava, “ah, não tem só isso, tem café, tem flores”. [...] Então era **muita coisas assim que as pessoas não conheciam**” (P5 – Colômbia)*

*“A violência ou as drogas, sabe. **É como um rótulo assim que a gente tem**. [...]Então isso é assim um preconceito, assim de... olhares estranhos [...], na verdade no começo meio que **me deixava meio sem graça**, sabe assim. Então... Mas... Mas eu acho que depois que eles... depois quando eu conheci mais gente, sabe, ficou mais tranquilo, já sabem que a gente vem aqui, não para tirar nada, só para ter uma oportunidade. Que na verdade o mundo, assim, os países têm limites, né. Tem fronteiras, mas que o mundo não é de ninguém. É de todo mundo assim (P14 – Colômbia)*

Pussetti (2010) ressalta, entre as problemáticas que podem gerar vulnerabilidade, a exposição constante, quase cotidiana, a situações de discriminação. Nesse sentido, a autora questiona o papel da sociedade de acolhimento na relação entre sofrimento psíquico e imigração, indicando

assim a natureza também social – isto é, colocada pela sociedade – do sofrimento dessa população.

A subcategoria **2.2 Sintomas psicológicos** alude a uma conflitiva psíquica. Laplanche e Pontalis (2001) conceituam o conflito psíquico originário de exigências intrapsíquicas opostas e que pode se manifestar de diferentes formas (sintomas, desordens de comportamento etc.). Traçando um paralelo com o contexto do encontro intercultural, as forças opostas que estariam na base do conflito do imigrante são o desejo de manter o vínculo com a cultura de origem, ao mesmo tempo em que busca inserir-se no país de acolhimento. O imigrante é aquele preso entre dois mundos e que, constantemente, se questiona sobre seu lugar e sua identidade e o conflito psíquico gerado por esta situação pode expressar-se por meio de sintomas psicológicos (Dantas, 2012; Martins-Borges, 2013; Pussetti, 2010). Assim, com base nas falas dos participantes, foi possível distinguir dois núcleos de expressão de sintomas psicológicos, conforme o Quadro 7.

Quadro 7 – Unidades temáticas referentes à subcategoria 2.2 Sintomas psicológicos

Categoria	Subcategoria	Unidades temáticas
CATEGORIA 2: SOFRIMENTO PSÍQUICO	2.2 Sintomas psicológicos	2.2.1 <i>Sentimento de não pertencimento</i> 2.2.2 <i>Idealização do país de origem</i>

A unidade temática *2.2.1 Sentimento de não pertencimento*, é observada nas narrativas de cinco participantes e ilustrada conforme os exemplos:

*“Eu posso dizer que eu tô no Brasil... **eu não tô me sentindo em casa sabe...** eu só posso dizer que eu tô aqui pra realizá um sonho é isso que eu... pra mim é uma boa experiência estar no Brasil porque nunca sai do meu país, nunca conheci outra cultura, sempre li nos livros, eu vi poucas*

*coisas... mas ler e viver é outra coisa, [...], **minha terra minha vida é Haiti***” (P2 – Haiti)

*“E claro, **em Cabo Verde tu se sente mais a vontade**, eu sinto mais a vontade quando tá o lá assim, porque aquela é tua cidade, não tem muitas preocupações, claro, tem teus pais, mas você se sente mais a vontade pra fazer as coisas ali entendeu? Aqui já é diferente, se tu quer fazer uma trilha aqui, ou coisas que eu faria em Cabo Verde, não tem ninguém próximo pra te ajudar. Então essas coisas”* (P3 – Cabo Verde)

*“Acho que é bem diferente tipo **lá no Haiti tipo tu sento mais em casa né tu tá perto da tua família mas aqui eu... você... eu sento que eu sou estrangeiros né porque tu não sento em casa né. [...]tu fica mais a vontade no teu país do que aqui**, é um sentimento assim* (P1 – Haiti)

Essa constatação está de acordo com o observado na literatura, que aponta a dificuldade dessa população em vincular-se e projetar-se no país de acolhimento. O que se nota é que os universitários imigrantes sentem-se como se estivessem no país de acolhimento provisoriamente, e não como residente e fazendo parte dele. Isso tem consequências na forma como esses estudantes experienciam sua imigração e causa sofrimento, afetando o desempenho acadêmico e a saúde mental (Gusmão, 2008, 2011). Especificamente em relação aos universitários imigrantes, Fatovatian e Miller (2014) questionam o posicionamento da sociedade, que a todo instante relembra a esses sujeitos sua posição de estrangeiros, marcando a diferença. O que essa unidade temática evidencia é a falta de lugar que os universitários imigrantes ocupam na sociedade de acolhimento, e também nas universidades, e que reflete o sofrimento por não conseguirem projetar-se no país em que estão.

Assim, não é por acaso que surge a unidade temática 2.2.2 *Idealização do país de origem*, também como sintoma psicológico. Essa pode ser considerada como entrelaçada ao sentimento de não pertencimento. Nela atua, a princípio, um sentimento de falta em relação

ao país de origem, destacada nos relatos de dez participantes, conforme ilustrado da seguinte forma:

*“Amigos, família, comida... a vida, **a vida em geral sente falta né**”*
(Participante 1 – Haiti)

*“É mais ou menos a gente as vezes fica com saudade, meio triste assim, porque **a gente tá afastado de todo mundo, ou seja, de tudo que foi teu mundo até esse momento.** Então as vezes é complicado né, mas ah, é uma mistura de vários sentimentos”* (Participante 10 – Cuba)

*“**Se eu pudesse ter tudo aquilo que eu tinha lá.** Meus pais é uma coisa que eu queria muito que eles viessem para cá, morar comigo. Assim perto pelo menos. Meus pais, a comida, também. E... É isso. É a comida e a família principalmente”* (Participante 14 – Colômbia)

A imigração, no geral, envolve diversas transições próprias ao contato com outra cultura e com a diferença; assim, também representa um momento de rupturas em relação ao que se deixou no país de origem. Dessa forma, o processo de imigração coloca em questão a identidade desses sujeitos, que carregam uma série de identificações com sua cultura de origem – às quais não querem renunciar – e que, no entanto, precisam ser adaptadas e ressignificadas ao novo contexto do país de acolhimento. Esse processo pode gerar vulnerabilidade psicológica e social e, portanto, sofrimento (Dantas, 2012; Kirmayer *et al.*, 2011; Martins-Borges, 2013; Pussetti, 2010).

Nesse sentido, destaca-se a elaboração de lutos, uma vez que essa ruptura com o quadro cultural envolve, necessariamente, perdas reais e simbólicas. O luto do imigrante refere-se a todos os elementos – investidos afetivamente – que mediavam o contato com a realidade e que já não estão presentes: a família, as demais relações sociais, a cultura, a forma de funcionamento da sociedade. O que está em questão no luto do imigrante é exatamente esse sentimento de pertencimento, de

identidade e de coerência interna que o deslocamento e o contato com a diferença colocam em xeque. Assim, torna-se necessário, nesse contexto, todo o processo de elaboração (Ainslie *et al.*, 2013).

Outro aspecto verificado com base nos discursos dos participantes, e também relacionado à idealização do país de origem, diz respeito ao desejo deles de retornar ao país de origem e lá construir a sua vida, desejo esse apontado por dez participantes, segundo os exemplos:

“Eu volto, se Deus quiser. Terminando eu volto” (P7 – Guiné-Bissau)

“Pra mim o sentimento pra viver aqui é bom, mas só que o passo seja pra estudar entendeu? Passar o tempo aqui pra estudar é bem adequado, mas fazer a minha vida aqui eu acho que é difícil” (P9 – Haiti)

“Eu queria muito voltar. Voltar para a Colômbia. [...] Voltar a trabalhar lá, né. Já com doutorado, com um pouco de experiência, podemos procurar... Dá para procurar um trabalho melhor. Talvez na... em uma universidade, continuar pesquisando. Mas a gente quer voltar. Então não sei se vai ser logo assim, 2 anos ou muitos anos. Mas os planos são de voltar, sabe. Quero muito me estabelecer no país. É esse o meu desejo” (P14 – Colômbia)

Muitos dos convênios de mobilidade – entre eles o PEC-G, PEC-PG e Pró-Haiti – estipulam que os universitários imigrantes envolvidos nesses programas devem retornar a seus países de origem em até três meses após a conclusão da formação (Divisão de Temas Educacionais, n.d.; CAPES, 2010). No entanto, sabe-se que isso não reflete, necessariamente, a realidade e que muitos optam por ficar. Apesar disso, autores apontam que permanece no imaginário desses estudantes o desejo pelo retorno ao país de origem, mesmo que projetado isso para muitos anos no futuro (Gusmão, 2011).

Retomando-se aqui à problemática do luto, é possível se pensar em um superinvestimento, a princípio necessário, das experiências

passadas e que não correspondem ao real – uma vez que idealizadas. De forma a elaborar os lutos presentes na imigração, inicialmente é necessário esse superinvestimento dos elementos culturais ligados ao país de origem, o que leva o imigrante a apegar-se a essas memórias, processo esse também chamado de nostalgia. O esperado é que o vínculo com essa cultura de origem possa ser mantido por meio de elementos e representantes culturais como música, comida e práticas, ao mesmo tempo em que ocorre um investimento afetivo em um novo objeto: a cultura de acolhimento (Akhtar, 1999).

Sobre o retorno ao país de origem, Dantas (2012) aponta que esse não se dá sem novos empecilhos e requer nova adaptação, uma vez que não corresponderá a imagem psíquica do sujeito. Assim, o retorno tão desejado ao país de origem coloca mais uma vez o sujeito frente à diferença e à necessidade de, novamente, adaptar-se e elaborar lutos. Um participante, que teve a possibilidade de passar férias em seu país de origem, traz a seguinte narrativa:

*“Cheguei num tempo até **quase perder contato com minha cultura** sabe [...]. Mas eu senti uma sensação de uma falta dessa cultura mesmo quando eu fui lá nesse verão, no verão 2014-2015 eu fui lá visitar meus pais, aí **quando eu cheguei nossa eu me senti perdido, as coisas parecem diferentes**, ouvindo as músicas olhando as pessoas **como fosse eu não fazia parte deles** sabe? Foi isso que eu senti, tava até vendo, mas acho que isso é fato pra qualquer pessoa, se você saiu de lá você vai mudar automaticamente sem perceber, até eu gosto de ouvir música, mas aqui é uma cidade bem tranquila até costuma passar um tempo nunca precisou escutar nenhuma música entendeu? Lá no Haiti os ônibus de trânsito tem música sabe? Uma coisa que eu já odeio, nas caminhonetes também vão músicas, eu já perdi essa cultura entendeu?” (Participante 9 – Haiti)*

Observou-se igualmente, no discurso dos participantes, outro elemento relativo ao retorno ao país de origem, que evidencia um sentimento de necessidade de contribuir com o desenvolvimento do país. Isso foi constatado nas falas de oito participantes oriundos do Haiti,

Guiné-Bissau, Cabo Verde e Moçambique, conforme as narrativas a seguir:

*“Quando eu entrar no meu país... quando eu... pra todos esses haitianos que saíram do Haiti **eu sinto que eu tenho que contribuir para uma coisa no meu país** que seja na educação ser professor de universidade seja na política mesmo que eu não gosto muito da política mas se for pra... se for pra ajudar se eu tenho oportunidade de melhorar o meu país de melhorar um departamento de melhorar um serviço lá dentro do país...”* (Participante 2 – Haiti)

*“Meu país ainda é um país que precisa muito né, precisa muito de quadros né de mão de obra qualificada pra poder desenvolver algo, criar projetos e contribuir melhor possível para o desenvolvimento do país né **então eu tenho projetos muito ambiciosos pra isso**”* (Participante 7 – Guiné-Bissau)

*“Bom, eu pensei em voltar. Voltar ao Haiti, **pra poder contribuir**, pra poder... ou não vou, não quero dizer “ah eu vou mudar o Haiti”, mas eu acho que vou fazer a minha parte”* (Participante 11 – Haiti)

O desejo de um dia retornar para o país de origem e contribuir com o seu crescimento e desenvolvimento também foi observado em pesquisas com universitários imigrantes de origem de países do PALOP (Faria, 2009; Gusmão, 2011). Faria (2009) destaca, em uma pesquisa com universitários imigrantes angolanos em Portugal, o sentimento de serem privilegiados e, portanto, com a responsabilidade de contribuir, de devolver algo ao país. Aqui se pode traçar um paralelo com o conceito psicanalítico de reparação, mecanismo ligado ao sentimento de culpa e de angústia do sujeito frente a uma ofensa – no caso dos imigrantes a culpa, inconsciente, de ter abandonado o país de origem – a qual o sujeito busca formas de reparar (Laplanche & Pontalis, 2001).

Por fim, a subcategoria **2.3 Sintomas físicos**, refere-se às manifestações de sofrimento expressas por meio do corpo, como as dores de cabeça, problemas no estômago (entre eles a gastrite), o cansaço, as alterações no sono, entre outros, conforme o Quadro 8.

Quadro 8 – Unidades temáticas referentes à subcategoria 2.2 Sintomas físicos

Categoria	Subcategoria	Unidades temáticas
CATEGORIA 2: SOFRIMENTO PSÍQUICO	2.3 Sintomas físicos	2.3.1 <i>Dores de cabeça</i> 2.3.2 <i>Problemas no estômago</i> 2.3.3 <i>Cansaço</i>

Dessa forma, a unidade temática 2.3.1 *Dores de cabeça*, foi observada em sete participantes, ilustrada da seguinte forma:

“É dores de cabeça era por estresse mesmo, estresse de estudar demais, de ler demais, de tentando entender coisas difícil demais, de dormir tarde, de ter medo de não conseguir... essas coisas” (P2 – Haiti)

“Enxaqueca. Muita. Muita. Não sabia o que era isso, até que... [...]. Não, eu tinha dor de cabeça [no país de origem], mas normal, que só tomar um remédio, um paracetamol e passa, mas do jeito daqui, de eu ter vontade de vomitar, de eu não suportar a luz, foi novo pra mim. [...] Lá era mais acho que físico, por estar muito tempo no sol trabalhando, coisas assim, mas aqui foi mais pelo estresse” (P5 – Colômbia)

“Dor de cabeça sim, várias vezes. Principalmente no final do semestre sempre acontece muito. Você se dedica mais, estuda mais, daí, por questão de concentração, mesmo. Assim, um pouco, dá dor de cabeça” (P15 – Haiti)

Todos os participantes que trouxeram as dores de cabeça relataram que elas não eram um problema quando ainda estavam em seus países de origem. Muitos relataram que passaram a ter dores de cabeça somente no Brasil; os que já haviam experienciado dores no país de origem apontam que lá elas eram menos intensas e ocorriam por causas diferentes. Assim, todos os participantes associaram as dores de cabeça com períodos de estresse, isto é, de origem psicológica.

Já a unidade temática 2.3.2 *Problemas no estômago* foi encontrada no relato de sete participantes e pode ser assim exemplificada:

“Então foi um pouco assim, eu sei que eu já percebi que, cada vez que eu fico muito estressada, seja pelo trabalho, por qualquer outra coisa, eu já

fico doente e[...] , outra vez tive um ataque de gastrite, que foi quando eu estava escrevendo o projeto, daí eu nem queria sair de casa para eu poder conseguir me concentrar mais, porque não estava fazendo do jeito certo, achava que se eu ficava lá e eu não saía e só escrevia e escrevia eu ia conseguir terminar mais rápido, mas não foi assim” (P5 – Colômbia).

*“Assim, eu tive problema de gastrite né, de estômago [...]isso foi nos primeiros dois três meses assim [...], então eu não tinha me identificado ainda com algumas comidas, tava procurando ainda encaixar, então eu comia muito pouco, **comia muito pouco**. Então nesse período eu sentia **umas dores de estômago** e tudo, aí fui ao médico, ao hospital lá e tudo, e aí eu fiz o tratamento e ficou tranquilo” (P7 – Guiné-Bissau)*

Dos sete participantes que trouxeram problemas no estômago, somente um deles apontou que isso já acontecia no país de origem. Além disso, dois relacionaram esses problemas com estresse e quatro com dificuldades frente à comida brasileira.

Por fim, a unidade temática 2.3.3 *Cansaço* esteve presente no relato de cinco participantes e pode ser ilustrada pelos seguintes trechos:

*“Estava muito cansado assim, no primeiro semestre também, **tava muito cansado mesmo, cheguei a ter que descansar na aula**, muito cansado, muito, até hoje já tô cansado” (P3 – Cabo Verde)*

*“Então no primeiro instante eu tive muita dificuldade de sentar e ler muito coisas que eu nem tô conseguindo entender deu sono muito e **era difícil sentar pra conseguir fazer ficar sem sono** porque você tá lendo aquilo não tá entendendo nada e deu vontade de dormir cada vez que peguei livro mas no final com... como eu tava avançando comecei a entender e comecei a ficar lendo, **as vezes eu durmo muito... 2 da manhã ou 3 da manhã** mesmo tendo aula as 8 da manhã e no dia quando eu tô pegando no sono” (P2 – Haiti)*

Também foram encontrados em quatro participantes três outros tipos de manifestações físicas: o aparecimento de manchas vermelhas na pele (P5 – Colômbia), dificuldades de respirar (P9 – Haiti) e taquicardia (P15 – Haiti). Todos os três participantes associaram esses sintomas a momentos de elevado nível de estresse, como fim de semestre, redação de projeto e estudo para provas.

Em relação aos sintomas físicos, não foram encontrados na revisão da literatura estudos que relacionassem essa problemática a universitários imigrantes. No entanto, no que se refere a imigrantes, no geral, é possível observar diversas pesquisas que apontam o aparecimento de sintomas físicos, como quadros de somatizações (Coutinho, Rodrigues & Ramos, 2012; Dantas, 2012; Khawaja & Dempsey, 2007; Martins-Borges, 2013; Pirlot, 2011).

Para a Psicanálise, a somatização é a forma de expressão simbólica de um conflito psíquico, que não encontra outra forma de manifestar-se (Volich, 2013). Entre os imigrantes, as queixas somáticas são extremamente comuns como forma de expressão de sofrimento, uma vez que a linguagem encontra-se inibida. Assim, o corpo empresta lugar para a linguagem; no entanto, é importante destacar que essa não se refere somente à língua, mas sim a toda uma lógica de significantes e significados – referentes à cultura – que está em falta. Apontam-se, também, duas outras funções possíveis de quadros somáticos: mascarar estados depressivos e como função de defesa frente a traumas, isto é, em pessoas que sofreram situações traumáticas a expressão do trauma pelo corpo permite manter uma distância ao mesmo tempo em que repete e revive o ocorrido (Pirlot, 2011).

Dessa forma, pode-se pensar que esses sintomas físicos relatados pelos participantes podem ser resultado de somatizações, atuando como forma de expressão de sofrimento e indicando que algo não vai bem. Isso é corroborado ainda pelas relações feitas pelos próprios participantes quanto ao surgimento desses sintomas em momentos de maior estresse.

Em conclusão à CATEGORIA 2: SOFRIMENTO PSÍQUICO, percebeu-se que a imigração impõe, necessariamente, mudanças, transições e adaptações, que são vinculadas a experiências de sofrimento psíquico, expresso de diversas formas (Dantas, 2012; Dias & Gonçalves, 2007; Martins-Borges, 2013; Padilla, 2013). Nesse sentido, observou-se interassociação entre as três subcategorias: **2.1 Manifestações sociais**, **2.2 Sintomas psicológicos** e **2.3 Sintomas físicos**. Em cada uma dessas subcategorias pode-se notar a dimensão do conflito envolvida na reestruturação da identidade, isto é, em como permanecer a mesma pessoa estando em um local diferente com uma cultura diferente. Destaca-se nessa problemática o papel do luto e percebe-se a dificuldade em elaborá-lo, permanecendo assim uma idealização do país de origem e um desejo de para lá retornar. Isso colabora também com a dificuldade de projetar-se no Brasil e com o sentimento de não-pertencimento, reforçado constantemente pela sociedade por meio de mecanismos de discriminação e exclusão.

No entanto, o grau do sofrimento psíquico irá depender de diversos fatores, tanto da sociedade de acolhimento quanto dos próprios sujeitos (Dias & Gonçalves, 2007; Martins-Borges, 2013; Padilla, 2013). Assim, trabalham-se nas categorias que se seguem e, com base nas narrativas dos participantes, os fatores de risco – que influenciam negativamente – e os de proteção – que facilitam a experiência migratória – e as respectivas relações com o sofrimento psíquico.

7.3 CATEGORIA 3: FATORES DE RISCO

Situações de risco e vulnerabilidade são inerentes à condição humana. Ao falar-se em fatores de risco, faz-se referência a elementos – do próprio sujeito, da sociedade, do ambiente ou socioculturais – que podem atuar de forma a potencializar impactos negativos no psiquismo desses sujeitos e em sua saúde mental (Schenker & Minayo, 2005). Ressalta-se que os fatores de risco não devem ser compreendidos isoladamente, mas fazendo parte da dinâmica de cada sujeito, que envolve também fatores de proteção e estratégias de enfrentamento, que serão trabalhos posteriormente nessa discussão.

Dentro da CATEGORIA 3: FATORES DE RISCO foram identificadas, por meio das entrevistas com os participantes, três subcategorias referentes a elementos de risco; são elas: **3.1 Antecedentes migratórios**, **3.2 Dificuldades na adaptação** e **3.3 Problemas na universidade**. Cada uma dessas subcategorias possui suas próprias unidades temáticas, conforme o Quadro 9.

Quadro 9 – Subcategorias e unidades temáticas da Categoria 3: Fatores de risco

Categoria	Subcategorias	Unidades temáticas
CATEGORIA 3: FATORES DE RISCO	3.1 Antecedentes migratórios	<i>3.1.1 Acontecimentos traumáticos</i>
	3.2 Dificuldades na adaptação	<i>3.2.1 Diferença cultural 3.2.2 Português 3.2.3 Relações sociais 3.2.4 Problemas financeiros</i>
	3.3 Problemas na universidade	<i>3.3.1 Dificuldade nas disciplinas 3.3.2 Estudo em excesso</i>

Assim, a subcategoria **3.1 Antecedentes migratórios** refere-se a acontecimentos que ocorreram antes da imigração, ou seja, no país de origem. São experiências intensas que podem manter seu efeito por muito tempo, como os eventos traumáticos. Nessa subcategoria foi

encontrada apenas uma unidade temática significativa, conforme o Quadro 10.

Quadro 10 – Unidades temáticas referentes à subcategoria 3.1 Antecedentes migratórios

Categoria	Subcategorias	Unidades temáticas
CATEGORIA 3: FATORES DE RISCO	3.1 Antecedentes migratórios	3.1.1 Acontecimentos traumáticos

A unidade temática *3.1.1 Acontecimentos traumáticos* foi observada nos cinco participantes de origem haitiana que passaram pelo terremoto de 2010, conforme os exemplos:

*“Eu tava na capital mesmo, eu tava dentro de uma Igreja como eu falei eu sou praticante, eu acompanhei meu pai na Igreja que ele é pastor e no culto aconteceu isso, mas a Igreja não foi atingida muito, teve algumas coisas, mas que deu pra ficar lá... [...] é... **a dificuldade é ver as pessoas... é ver a situação do povo**, é andar na rua ver coisas horrível ver como as pessoas... [...], você tava com medo das casas sabe, outras vezes **dormindo e você tá sentindo a coisa mas não, era foi um sonho sabe**, você as vezes dormindo tá tendo quase... deixando sua cama querendo correr sair da casa, mas não teve nada você ficou... [...] era muito difícil pra... de maneira pessoal e também da conjuntura geral do país, andando na rua vendo as casas vendo as pessoas, a nova condição das pessoas... era muito difícil” (P2 – Haiti)*

*“Eu perdi uma prima minha lá ela... ela era ela faleceu na Universidade dela também isso também afeta né afeta todo mundo não foi um... não foi tipo... foi difícil pra pessoa viver isso também tipo quando aconteceu isso eu tava, **isso me afeta minha mente né** eu nunca vi um... nunca vi um catas... tipo uma tragédia assim primeira vez que eu vi. [...] É eu tava na capital, acabei de sair da minha Universidade **caiu tudo na Universidade**, um prédio de 8 andar caiu tudo com professores com alunos né imagina tu tem seu colega tava contigo e depois tu ouvi caiu a Universidade com ela tudo **fica tipo chocado né triste né** mas isso é normal [...] tipo naquele momento que aconteceu o terremoto tava no ônibus só ouvi os tipo... fazendo assim né (gesto com mão movendo horizontalmente de um lado pro outro)[...]. **É tristeza isso acontece**. Depois perdeu amigos perdeu família aí tu fica triste né. Deixa eu... eu não sei eu **tipo tô tentando de esquecer** mais possível disso **não gosto de falar disso** porque é uma coisa que me deixa muito triste mas eu sempre esqueci isso consegue esquecer” (P1 – Haiti)*

A exposição a acontecimentos traumáticos pode desencadear importantes cisões no psiquismo, uma vez que o trauma é um acontecimento da ordem do excesso, que causa um rompimento devastador no aparelho psíquico que não consegue integrar as representações do ocorrido (Sturm, Baubet & Moro, 2007). No entanto, o evento traumático não é algo patogênico por si só, mas a forma como ele afeta o psiquismo de cada sujeito, dependendo assim, das condições de defesa e elaboração psíquica e das vivências anteriores de desamparo e angústia. Também se destaca aqui a temporalidade específica dos eventos traumáticos, isto é, a possibilidade de se desencadarem sintomas *a posteriori* em situações em que a vivência traumática é reativada (Rudge, 2009).

A imigração implica em sair do país e da cultura de origem de forma a passar a conviver com o novo, o diferente e o desconhecido. Essa experiência pode representar uma verdadeira ruptura cultural e pode, muitas vezes, ser entendida como um acontecimento traumático ou como um reativador de traumas anteriores (Betts, 2013; Martins-Borges & Pocreau, 2009; Pirlot, 2011). Acrescenta-se, também, que a forma como a imigração será elaborada – ou não – depende da subjetividade de cada sujeito; o que para uns pode representar um acontecimento traumático, para outros não o será (Pirlot, 2011).

A subcategoria **3.2 Dificuldades na adaptação** abarca as principais fontes de preocupações entre os universitários, desencadeadas pelo contato com a nova cultura. Muitas das questões aqui apontadas têm seu auge nos primeiros meses, nos quais o processo de adaptação e as diferenças são mais acentuadas. No entanto, também essas dificuldades podem permanecer por um tempo maior. Como toda

mudança requer a reconfiguração das formas de ser, de pensar e de agir, elas podem ser fontes de sofrimento (Dantas, 2012; Guerraoui, 2011). Nesse sentido, por meio dos relatos dos participantes, foram elencadas quatro unidade temáticas, conforme o Quadro 11.

Quadro 11 – Unidades temáticas referentes à subcategoria 3.2 Dificuldades de adaptação

CATEGORIA 3: FATORES DE RISCO	3.2 Dificuldades na adaptação	3.2.1 <i>Diferença cultural</i> 3.2.2 <i>Português</i> 3.2.3 <i>Relações sociais</i> 3.2.4 <i>Hábitos alimentares</i> 3.2.5 <i>Problemas financeiros</i>
-------------------------------	-------------------------------	--

A unidade temática *3.2.1 Diferença cultural* abarca as impressões relativas ao primeiro contato – primeiros dias ou meses – com o país de acolhimento e se expressa, em geral, pela experiência com a diferença, conforme os seguintes exemplos:

“Quando eu cheguei fui vendo muito... foi algo... tipo, como se fosse... eu caí em outro mundo” (P11 – Haiti)

“A primeira impressão era a gente saiu de um país pobre, o mais pobre da América Latina e quando você per... sobretudo a gente chegou no sul na parte mais desenvolvida do Brasil, a gente viu muita diferença na estrutura do país [...], uma universidade imensa grande a gente nunca... tem coisas que a gente viu que a gente nunca viu no nosso país, e foi essa minha primeira impressão” (P2 – Haiti)

“Quando cheguei aqui no Brasil que vi que não é tanto assim, pessoas dançando e pulando, a gente só achou que ia ter mais negro como a gente entendeu? [...] A gente não sabia disso, lá fora a gente sabia que é um país que tem bastante negros, até uma época tinha bastante negros na seleção brasileira então quando a gente via o carnaval a gente via samba e negros e alguns famosos brasileiros por exemplo que tem... que a gente conheceu um pouco lá são negros também” (P9 – Haiti)

As falas dos participantes ilustram elementos próprios do encontro intercultural, no qual cada sujeito se confronta com a diferença,

que a princípio pode ser expressa por fatores da cultura de acolhimento, como o ambiente, o clima, o idioma. Mas esses são apenas representantes de uma dinâmica muito mais complexa, que busca demarcar semelhanças e diferenças que permitam construir uma “ponte” entre esses dois mundos. A princípio, essa vivência de diferença pode desencadear um choque cultural; no entanto, aos poucos o imigrante buscará formas de ressignificar e integrar sua identidade de modo a contemplar tanto a cultura de origem como a de acolhimento (Guerraoui, 2011).

A unidade temática 3.2.2 *Português* refere-se principalmente à relação inicial dos participantes com a língua portuguesa. Como já foi visto na Tabela 5, 11 participantes vieram de países nos quais o português não se configura como a língua oficial. No entanto, mesmo os quatro participantes originários de países do PALOP (em que o português é a língua oficial) relataram a dificuldade inicial de se adaptar ao português do Brasil. Ao todo, 10 participantes trouxeram narrativas que expõem dificuldades referentes a comunicar-se com outras pessoas, segundo os seguintes exemplos:

*“É, ouvir a língua assim, as pessoas ficam falando português, **não entendi nada, completamente nada**, só... É, tipo, eu confundo, tipo, na minha mente, assim. Falei (risos) falei algumas coisas, assim, pros meus amigos, assim: “ah, essa língua: **é uma língua de “tsh tsh tsh”**, todo mundo tá “tsh tsh tsh” e eu só ouvi isso” (P11 – Haiti)*

*“Então foi difícil porque a gente veio do Haiti sem falar nada **sem saber que existia uma língua que chamava português** [...]. Quando a gente está sozinho na rua pra pedir informação pra ir em algum lugar a gente se perdeu e **não dá pra conversar**, chegar no supermercado não... não sabe o nome das coisas a gente só ia comprar e experimentar pra saber se é bom e tal foi um pouco... a gente só fazia... tentava fazer sinais pra pedir as coisas então foi difícil no início” (P2 – Haiti)*

*“Foi difícil porque **não conseguia me comunicar com as pessoas**” (P6 – Colômbia)*

*“No começo **me fechei muito**. E eu falo para todo mundo que eu fiquei dois dias sem comer, porque **eu ficava com vergonha de falar**. Daí até que eles perceberam isso, daí o menino, que tinha me feito a entrevista, ele falou pra mim: “ah, se tu não tenta falar, não tenta se comunicar, vão passar esses seis meses e tu não vai aprender a falar português”. Aí eu comecei, assim...” (P5 – Colômbia)*

Na literatura, são diversos os estudos que apontam o desconhecimento da língua do país de acolhimento como fonte de dificuldades, preocupações e problemas de adaptação (Andrade & Teixeira, 2009; Chalungsooth & Schneller, 2011; Constantine *et al.*, 2005a; Khawaja e Dempsey, 2007; Maundeni *et al.*, 2010; Silva & Morais, 2012). Khawaja e Dempsey (2007) ressaltam que a falta de domínio da língua do país de acolhimento pode ter efeitos negativos tanto na esfera acadêmica como no desenvolvimento de relações sociais com pessoas “locais”. Isso pode levar esses estudantes a relacionarem-se, principalmente, com conterrâneos e dificultar o processo de integração (Garcia, 2012; Garcia & Goes, 2010; Maundeni *et al.*, 2010). Da mesma forma, em estudos com universitários imigrantes no Brasil, destacou-se que a relação com o português influencia diretamente no ambiente acadêmico, uma vez que, devido a dificuldades com o idioma, esses estudantes podem ter vergonha e receio de posicionar-se nas aulas ou de fazer questionamentos (Andrade & Teixeira, 2009; Silva & Morais, 2012). Além disso, Maundeni *et al.* (2010) alertam que o idioma também pode atuar como fonte de discriminação, uma vez que marca a condição de estrangeiro pelo sotaque ou o desconhecimento da língua.

A unidade temática 3.2.3 *Relações sociais* evidenciou a dificuldade de sete participantes em relacionar-se com pessoas brasileiras. Nesse mesmo sentido, 10 dos participantes dizem que se

relacionam com maior frequência com conterrâneos. Assim, o contato com brasileiros pode ser ilustrado da seguinte forma:

*“Eu fiquei até agora **não posso dizer que tenho amigos brasileiros** sabe? Mas não sei também como a gente poderia definir amizade, se é uma coisa cultural, se aqui as pessoas não tem na verdade tempo pra fazer alguma coisa por alguém, como a gente define amizade lá no Haiti, [...] mas não posso dizer assim, tenho amigos brasileiros, mas **é um tipo de vínculo diferente** entendeu? Mas outros estrangeiros é mais fácil, sabe porque? É a nossa interação” (P9 – Haiti)*

*“Eu falava pros colegas que a primeira vez que eu saí de Cuba [...] **a gente estranha as pessoas** é bem diferente as pessoas, quando eu cheguei aqui me chamou atenção que aqui no **sul as pessoas são bem secas bem secas e a gente não tava acostumada**, as de lá é bem acolhedora, a gente se dá beijo quando... de manhã fala toda feliz e aqui não, as pessoas é mais distante assim entendeu e é a cultura né e... e a sua não, [...] então a gente estranha né as pessoas são mais frias” (P8 – Cuba)*

*“Eu não consigo entender muito bem a questão da amizade dos **brasileiros** muito... [...], isso, aqui na UFSC já fiz trabalho com colegas eu... você pode cruzar esse colega na rua não... nem presta atenção em você nem te cumprimenta então eu... pensei assim talvez é assim talvez é a cultura e tal” (P2 – Haiti)*

Isso está de acordo com o observado na literatura acerca das relações sociais dos universitários imigrantes, isto é, essas tendem a refletir uma dificuldade de se inserir no país de acolhimento e de se relacionar com pessoas “nativas”. Assim, como forma de defesa, muitos desses estudantes escolhem relacionar-se com conterrâneos ou outros estrangeiros (Constantine *et al.*, 2005a; Garcia, 2012; Garcia & Goes, 2010; Liu & Winder, 2014; Silva & Morais, 2012; Solano & Perugini, 2013). Quando se relacionam com pessoas do país de acolhimento, esse contato costuma ocorrer dentro das salas de aula e voltados para questões acadêmicas (Solano & Perugini, 2013).

Além da dimensão da relação com brasileiros, destacaram-se também como fatores de risco em cinco participantes os comportamentos de isolamento, exemplificados assim:

*“Lá [país de origem] eu saía muito, com muito mais pessoas do que aqui. Eu não vou pra igreja ou sair com grupo da igreja; **eu quase não saio.** [...] Porque **eu me dedico muito mais ao curso**, né, porque eu não... a gente tem o desafio de passar as matérias, aí eu me dedico muito mais ao curso. E também **por não termos muitas amizades com os brasileiros**, além das festas da igreja, **aí eu sempre fico um pouco mais em casa**” (P15 – Haiti)*

*“Não puxava conversa, ficava na faculdade só para estudar **me dediquei ao meu objetivo principal que era de estudar**, de formar e tudo o mais. [...] Talvez tornou-me uma outra pessoa no jeito de encarar os colegas. **Eu afastava.** Eram muito poucas as pessoas com quem eu tinha proximidade, conversa e tudo o mais. Atualmente tento ser simpático, tento ser... Ser humano normal com todo mundo, mas eu sou mais seletivo” (P13 – Moçambique)*

*“Aqui eu acho é... o pessoal adulto foi difícil ser... **você se encaixar é um pouco difícil** com outras pessoas mesmo [...]. **Eu sou a única panamenha que eu conheço aqui** [...], porque se você já tem alguém do seu mesmo país, conhece a sua cultura, você já tem coisas em comum pra falar tem muitas... da cidade do país dos costumes de lá é... sim, sim sinto [sozinha]” (P4 – Panamá)*

Constantine *et al.* (2005a) traz que o isolamento pode ocasionar consequências negativas na adaptação dos universitários imigrantes e desencadear dificuldades psicossociais. É importante compreender quais fatores estão atuando nesse isolamento, isto é, se ele já estava presente no país de origem e se há um comprometimento das demais atividades (acadêmicas e de lazer).

A unidade temática 3.2.4 *Hábitos alimentares* apresenta as dificuldades encontradas por 13 participantes frente à comida brasileira e a seus hábitos alimentares, conforme os seguintes exemplos:

*“A **primeira coisa que mais me apertou foi a comida**, sabe? [...] Então né, foi a primeira visita que eu fiz, foi no supermercado. E daí, entrei assim, **me deu uma angústia muito grande porque não sabia o que comprar** né porque eu gosto de cozinhar, de fazer comida em casa, tudo. E daí não sabia o que comprar, porque não conhecia as marcas... **Não conhecia nada**, não sabia que tipo de leite comprar, sabe... E tinha muitos produtos que eu não conhecia. E muitos produtos que eu queria comprar, que eu tava acostumada a comprar na Colômbia e eu não conseguia aqui.*

Então foi assim, meio “tá então agora o que eu faço”, sabe?” (P14 – Colômbia)

*“Eu lembro que **o primeiro mês foi terrível**. Em termos de alimentação, **nossa eu emagreci**. foi uma loucura. Eu me recordo, eu falei com um amigo meu, moçambicano, que **no início eu passei fome aqui**” (P13 – Mocambique)*

*“É, sabe, é... choque de cultura, assim, sempre... não tem como evitar isso. [...] Por exemplo: às vezes em casa, fazendo uma comida assim, **a pessoa pode pensar que essa comida é engraçada**, assim. Mas eu não gosto quando uma pessoa fala assim “é assim que vocês fazem?”, então **isso me trava, me deixa constrangido**. Tipo, eu não to fazendo coisas estranhas, assim” (P11 – Haiti)*

Os hábitos alimentares, embora façam parte da rotina cotidiana de cada sujeito, passam a ocupar lugar privilegiado em contextos de imigração. Pode-se pensar que isso ocorre devido ao lugar ocupado pela afetividade na alimentação. Passar a conviver com outra cultura que possui hábitos e alimentos diferentes daqueles consumidos no país de origem – e todos os vínculos afetivos a eles ligados – causam um estranhamento nos imigrantes. Assim, esses desenvolvem uma série de estratégias para conciliar aspectos relacionados à cultura de origem e à de acolhimento em relação à comida, como será trabalhado posteriormente nessa discussão.

Já a unidade temática 3.2.5 *Problemas financeiros* faz referência à relação dos participantes desta pesquisa com recursos financeiros e problemas advindos disso. A fonte de renda dos participantes é diversificada, sendo que 10 recebem bolsas pagas pelo Governo brasileiro, 2 são sustentados pela família, 2 recebem bolsa e ajuda familiar e 1 trabalha. Em relação aos problemas financeiros, eles foram observados na narrativa de sete participantes, conforme exemplos:

*“De noite, principalmente de noite, eu jantava bolacha. Um pacote de bolacha, porque **o dinheiro não era assim para tudo**. E quem enviava o*

dinheiro era meu pai. E o dinheiro era 600 reais se eu não me engano, uma coisa assim, para pagar aluguel, comer e tudo o mais também. Eu nunca tinha tido uma experiência de... de controle financeiro próprio. Eu nunca tinha tido. Então isso também foi um choque.” (P13 – Moçambique)

“Assim, dinheiro às vezes, fica apertado, não tem dinheiro pra ir pra festa, não tem... tem que só pagar as contas, tem que pagar as coisas e às vezes fica com dificuldade um pouquinho. Dinheiro é certinho e a baixa do dólar acabou complicando muito, muito complicado” (P3 – Cabo Verde)

“Estágio às vezes a gente faz, por exemplo, nesse momento acabei fazendo um estágio; acho que isso é importante em diversos fatores, primeiramente, econômico, por exemplo você tem que assinar um contrato que você vai vir pra cá pra receber uma bolsa de tal tal entendeu? E daí de repente as coisas já não dá [...]. Ficamos quase duros entendeu? daí a inflação vai permitir, não vai corresponder com as necessidades que você teve antes entendeu? Mas a gente fez estágio entendeu? Pegar estágio pra complementar” (P9 – Haiti)

Isso está de acordo com o encontrado na literatura, que aponta a questão financeira como uma contínua fonte de preocupação dos universitários imigrantes (Andrade & Teixeira, 2009; Maundeni *et al.*, 2010; Subuhana, 2007, 2009). Os convênios costumam interditar a possibilidade de esses estudantes trabalharem, mesmo aqueles que não distribuem bolsas. Entre os estudantes que recebem bolsas, o valor delas pode não ser suficiente para as suas necessidades, o que leva muitos a recorrerem à ajuda familiar, aos estágios vinculados à universidade ou a trabalhos irregulares (Maundeni *et al.*, 2010; Subuhana, 2007, 2009).

A subcategoria **3.3 Problemas na universidade** engloba elementos do contato com a vida acadêmica no país de acolhimento, isto é, em relação às disciplinas e ao estudo, conforme o Quadro 12.

Quadro 12 – Unidades temáticas referentes à subcategoria 3.3 Problemas na universidade

CATEGORIA 3: FATORES DE RISCO	3.3 Problemas na universidade	3.3.1 Dificuldade nas disciplinas
		3.3.2 Estudo em excesso

A unidade temática 3.3.1 *Dificuldade nas disciplinas* foi observada em cinco participantes e reflete tanto a dimensão do idioma como também a diferença de funcionamento da universidade em relação a seus países de origem.

*“Foi difícil pra caramba. Acho que eu lembrei que **eu rodei em umas duas disciplinas no primeiro semestre, mas foi... fazer o que é normal ter... é o primeiro contato é uma Universidade diferente os professores são diferentes também eu não falava bem a língua** tudo isso atrapalha, mas eu conse... até agora eu consigo estudar melhor entender melhor as disciplinas” (P1 – Haiti)*

*“Era bem difícil, principalmente nas aulas **pra entender os professores**, porque cada professor tem um sotaque diferente, e cada professor fala de um jeito diferente. Era um pouco complicado. **Até pra conseguir alguns colegas pra ajudar**, que seja pra coisas como onde que eu posso achar documentos, principalmente na hora de fazer os trabalhos, tarefas de casa, **era um pouco complicado**” (P15 – Haiti)*

*“Sim teve matérias que a gente pegou que era muito difícil, mas **acho que todas as disciplinas pareciam difícil... mas eu já achei que eu que era um pouco burro que não conseguia entender nada** era... era outra coisa é só que **eu não entendia a língua** mesmo e isso me deixou um pouco mal no sentido de que você é estrangeiro você é negro você tá numa sala que não tem nenhum outro negro e vão sair as notas vão colocar lá no mural e sua nota é o mais baixo e isso deixou... **me deixou muito com estresse com dor de cabeça de tentar estudar o máximo** antes de dormir fui dormi 2 da manhã pra tentar... me esforçar essas coisas” (P2 – Haiti)*

A relação com a universidade, principalmente no primeiro ano, costuma ser uma fonte de estresse para essa população, uma vez que os universitários imigrantes devem adaptar-se a um novo sistema de ensino-aprendizagem que difere do modelo já conhecido (Chalungsooth & Schneller, 2011; McClure, 2007). Somam-se a isso as dificuldades com o idioma e o ajustamento necessário às demais esferas da vida cotidiana dessa população.

Já a unidade temática 3.3.2 *Estudo em excesso* foi observada em 10 participantes e reflete uma dedicação excessiva aos estudos, em detrimento de outros aspectos da vida desses sujeitos.

*“Eu estava com pessoas no trabalho **tentava assim, trabalhar, trabalhar até eu ficar tão cansada que eu não queria pensar em nada mais, só chegar, tomar banho e dormir. Então, acho que me centrei muito nisso. [...] As vezes eu fico muito no trabalho que é um problema meu, quando eu tenho coisas para fazer eu me concentro muito em fazer isso e eu esqueço as outras coisas, às vezes até comer**”* (P5 – Colômbia)

*“Eu me dedico muito mais ao curso, né, porque eu não... a gente tem o desafio de passar as matérias, aí **eu me dedico muito mais ao curso**”* (P15 – Haiti)

*“Às vezes **eu durmo muito... 2 da manhã ou 3 da manhã** mesmo tendo aula às 8 da manhã e no dia quando eu tô pegando no sono [...]. No começo era mais difícil, mas ainda acontece porque eu **continuo a dormir tarde pra conseguir passar a lição** porque é uma grande luta pra mim de terminar a graduação e agora eu quero terminar mestrado eu tenho que terminar, **vai ser uma luta ainda de dormir tarde de tentar dedicar bem o dia pra ficar acordado**”* (P2 – Haiti)

*“Graças a Deus a gente chega e **consegue dar essa garra, essa determinação** e você coloca na sua mente que saiu longe pra fazer a mudança, ou seja, pra estudar, então **você tem que determinar, você tem que focar nisso** e tentar esquecer um pouquinho algum momento da saudade da família e **focar no estudo**”* (P7 – Guiné-Bissau)

Os universitários imigrantes, em geral, costumam ter uma autoexigência grande em relação a seus estudos e ao desempenho acadêmico (Chalungsooth & Schneller, 2011; Khawaja & Dempsey, 2007). Ao pensar nas dificuldades iniciais encontradas pelos estudantes, é possível que seu desempenho não reflita suas expectativas, ou até mesmo suas capacidades, o que pode desencadear frustração e até perda de autoestima. Assim, muitos optam por dedicar um número excessivo de horas ao estudo e negligenciar outros aspectos de suas vidas (Constantine *et al.*, 2005a). Nesse cenário, é comum o aparecimento de

sintomas físicos como dor de cabeça e cansaço (Solano & Perugini, 2013).

Em conclusão à CATEGORIA 3: FATORES DE RISCO, percebeu-se que no primeiro contato com a cultura e o país de acolhimento há um estranhamento frente à diferença, certo estado de desamparo, que requer uma série de elaborações de lutos. Nesse sentido observaram-se três subcategorias que configuram as principais fontes de dificuldades, segundo as narrativas dos participantes; são elas: **3.1 Antecedentes migratórios**, **3.2 Dificuldades na adaptação** e **3.3 Problemas na universidade**. O que se constatou com essa categoria é que as dificuldades levantadas são as mesmas pelas quais todos os imigrantes passam e que são próprias do contato com a diferença, como o idioma, os hábitos alimentares, as relações sociais e os problemas financeiros. Por outro lado, os problemas em relação à universidade são específicos à adaptação a outra forma de ensino e aprendizado e que se reflete na dificuldade com as disciplinas e acarreta em um excesso de estudo. No entanto, ressalta-se que os fatores de risco não podem ser compreendidos de forma isolada, eles fazem parte de uma dinâmica muito mais complexa. Da mesma forma, o modo com que esses sujeitos enfrentam essas adversidades, os mecanismos de defesa e outros elementos são essenciais para a superação dessas adversidades. Assim, segue-se com a discussão, na categoria seguinte, sobre os fatores de proteção.

7.4 CATEGORIA 4: FATORES DE PROTEÇÃO

O conceito de fatores de proteção possui uma estreita ligação com o termo “proteger”, que faz referência ao cuidado realizado pelo outro (pessoa, instituição, etc.). No entanto, além do amparo vindo do outro, destaca-se o papel dos recursos de que cada sujeito dispõe para lidar com as adversidades (Schenker & Minayo, 2005). Assim, na CATEGORIA 4: FATORES DE PROTEÇÃO são trabalhados os elementos trazidos pelos participantes e que atuam num sentido de suporte e de formas de enfrentamento, visando a uma integração psíquica. Por meio das entrevistas com os participantes encontraram-se três subcategorias relacionadas a fatores de proteção: **4.1 Envolvimento social**, **4.2 Manutenção do vínculo com o país de origem** e **4.3 Projetar-se no Brasil**, conforme o Quadro 13.

Quadro 13 – Subcategorias e unidades temáticas de fatores de proteção

Categoria	Subcategorias	Unidades temáticas
4 FATORES DE PROTEÇÃO	4.1 Envolvimento social	<i>4.1.1 Religião</i> <i>4.1.2 Atividades e lazer</i>
	4.2 Manutenção do vínculo com a cultura de origem	<i>4.2.1 Relações com conterrâneos</i> <i>4.2.2 Elementos culturais</i> <i>4.2.3 Viagens ao país de origem</i>
	4.3 Projetar-se no Brasil	<i>4.3.1 Satisfação com a experiência migratória</i> <i>4.3.2 Possibilidade de construir a vida no país</i>

A subcategoria **4.1 Envolvimento social** refere-se ao grau de envolvimento e inserção dos participantes no país de acolhimento, abarcando duas unidades temáticas, conforme Quadro 14.

Quadro 14 – Unidades temáticas referentes à subcategoria 4.1 Envolvimento social

CATEGORIA 4: FATORES DE PROTEÇÃO	4: DE	4.1 Envolvimento social	<i>4.1.1 Religião</i>
			<i>4.1.2 Atividades e lazer</i>

A unidade temática 4.1.1 *Religião* foi levantada pela narrativa de 10 participantes e contempla a relação que eles têm com suas respectivas religiões no Brasil, conforme os seguintes exemplos:

*“Eu cresci numa família cristã católica, daí **essa tradição fica aqui, quando chega o domingo vai na Igreja, senão não é domingo**” (P9 – Haiti)*

*“**Para mim sempre toda vida tem sido muito importante [a Igreja], [...]** Então eu tento participar nas reuniões, eles fazem às vezes grupo de estudos de algum livro, daí eu participo com eles, assim, às vezes a gente precisa levar alguma coisa, daí eu levo, mas coisas assim” (P5 – Colômbia)*

*“Eu vou todo domingo [na missa], segunda-feira eu vou no grupo de oração e sába... e domingo, [...] o grupo de jovens é a noite então quando dá eu vou, mas fixo fixo eu vou domingo e segunda-feira grupo de oração [...], aqui [no Brasil] tenho mais, porque **aqui tem mais né**, lá é bem menos, **lá no domingo ia a missa e deu**” (P8 – Cuba)*

*“Estou dentro de um grupo de jovens cristãos... [...] sei lá faz uns oito meses é... daí fiz também, tava envolvida com... fiz um curso católico, [...] agora [no Brasil] eu sou mais praticante, eu sou católica mas lá era tipo assim... [...] **só agora que eu vim aqui que eu fiquei me envolvendo** (P4 Panamá)*

A religião é um elemento que estrutura a identidade coletiva, possuindo a função psíquica de dar sentido e coerência às experiências e vivências, promovendo o sentimento de pertencimento e atuando de forma positiva na saúde mental (Galek, Flannelly, Ellison, Silto & Jankowski, 2015). No contexto de imigração, a religião também assume o importante papel na integração e na construção de redes desses sujeitos (Vilaça, 2008). Freitas (2013) aponta o papel da religiosidade em imigrantes como fator protetivo, que vai desde a fé pessoal até o papel exercido pelas Igrejas e comunidades religiosas como fonte de apoio social e psicológico. Nesse mesmo sentido, muitos dos

participantes trouxeram consigo a importância de frequentar instituições religiosas e as relacionaram como um local no qual criaram círculos de relações. Alguns participantes apontaram que foi no Brasil que passaram a se envolver de forma mais significativa com a religião, ao frequentar grupos de orações ou grupo de jovens cristãos.

A unidade temática 4.1.2 *Atividades e lazer* foi observada em 13 participantes e refere-se a um engajamento em atividades diversas, como a prática de esportes (em 9 participantes), as aulas de dança (relatado por 3 participantes) e as aulas de outros idiomas (4 participantes), conforme os exemplos a seguir:

*“Eu fiz musculação **eu gosto de jogar futebol** sempre eu... a gente joga junto participa nos campeonatos do pessoal da África sempre organiza” (P1 – Haiti)*

“As sextas jogamos futebol, nos finais de semana vôlei na praia [...]. Futebol com é... quem organiza são os colombianos, mas sempre tem pessoas de África, aqui do Brasil, Uruguai, Argentina” (P6 – Colômbia)

*“Como eu cresci na Igreja como meu pai é pastor eu nunca tive oportunidade de sair em muitas festas de saber dançar não sei... não sabia dançar absolutamente nada, **eu tentei ir na escola de dança tentando dançar o forró do Brasil** essas coisas assim mas eu não fui muito em muitas festas assim é só pra ter alguns passos básicos” (P2 – Haiti)*

*“Ah eu faço alemão ali no... esqueci como chama, do... aqui na UFSC e naquele programa de letras **também faço italiano**” (P8 – Cuba)*

O que essa unidade temática evidencia é a busca dos participantes para envolverem-se em atividades sociais e ocuparem espaços diferentes daqueles relacionados ao estudo. Entende-se tal atitude como uma tentativa de integração e interação no país de acolhimento. Outro ponto importante é o papel ocupado pela universidade nessas atividades, isto é, muitas delas são disponibilizadas pela UFSC, exemplificado pelas seguintes falas:

“Soube que a UFSC oferecia várias disciplinas e cursos e que os custos são acessíveis e eu escolhi fazer pra ter uma coisa diferente pra não ficar só na... no estudo mesmo” (P4 – Panamá)

“Eu participei de outros grupos, assim, na universidade tem outros grupos. É, eu participei de várias, várias atividades na universidade” (P11 – Haiti)

Nesse mesmo sentido, Maundeni *et al.* (2010) destacam que a universidade ocupa uma posição fundamental na integração dos universitários imigrantes, principalmente no que se refere à oferta de serviços. Os serviços disponibilizados no campus das universidades são de fácil acesso a esses estudantes e permitem que eles ocupem um espaço que vai além da sala de aula, promovendo interações com outros estudantes. Assim, a universidade também realiza uma ponte com a comunidade local, facilitando a integração dos estudantes não somente dentro do campus, mas também de forma a se apropriar de outros espaços fora dela.

A subcategoria **4.2 Manutenção do vínculo com a cultura de origem** elenca elementos que fazem referência à cultura, às pessoas e ao país de origem dos participantes. Assim, ela é dividida em três unidades temáticas, conforme o Quadro 15.

Quadro 15 – Unidades temáticas referentes à subcategoria 4.2 Manutenção do vínculo com a cultura de origem

CATEGORIA FATORES PROTEÇÃO	4: DE	4.2 Manutenção do vínculo com a cultura de origem	4.2.1 <i>Relações com contrerrâneos</i>
			4.2.2 <i>Elementos culturais</i>
			4.2.3 <i>Viagens ao país de origem</i>

Na unidade temática *4.2.1 Relações com contrerrâneos*, observou-se que 12 dos participantes relataram que se relacionam, no Brasil, principalmente com contrerrâneos, conforme os seguintes exemplos:

*“Geralmente eu... **eu me aproximei mais com os haitianos**, porque tem um monte aqui né na universidade tem 26 agora” (P1 – Haiti)*

*“Normalmente saio com os amigos, **claro cabo verdianos**, aqui tem bastante, tem uns 30 aqui” (P3 – Cabo Verde)*

*“Então atualmente, **o maior número de pessoas com quem eu convivo, eu creio que são moçambicanos**. Tanto que a gente joga uma peladinha na sexta-feira e é com os que eu mais convivo” (P13 – Moçambique)*

*“Com as pessoas da Colômbia mesmo. Eu acho que **a gente se entende muito bem**, tipo brincadeiras, coisas assim, a gente se entende muito bem [...], **eu consigo acho que interagir muito melhor com eles**.” (P5 – Colômbia)*

Isso vai de encontro com os apontamentos da literatura consultada que destaca uma tendência dos universitários imigrantes em se relacionarem com pessoas que vêm do mesmo país de origem que eles. Essas relações possuem influentes funções de proteção psíquica, uma vez que permitem a manutenção de vínculos com a cultura de origem por meio do idioma, do compartilhamento de um mesmo quadro de referências culturais e por estarem na mesma situação de imigrantes (Constantine *et al.*, 2005a; Garcia, 2012; Garcia & Goes, 2010; Liu & Winder, 2014; Maundeni *et al.*, 2010; Silva & Moraes, 2012; Solano & Perugini, 2013).

Destacou-se também, na fala de todos os participantes, o papel da manutenção de um contato regular com a família, que permaneceu no país de origem. Isso é ilustrado pelas seguintes falas:

*“Eu falo com frequência, graças a Deus, **a gente fala com frequência**. Com a família, os amigos né que eu tenho muita saudade dos amigos também né, e a gente fala muito, fala muito e minha mãe não deixa, liga direto, quer saber “tu já comeu?” fica direto em cima nessas coisas, então, graças a Deus **a gente conversa fala sempre, fala sempre**.” (P7 – Guiné-Bissau)*

“Minha família tá sempre no Skype e no facebook, até o facebook deu essa oportunidade pra... whatsapp, agora que todo mundo tá usando, antes foi

*difícil porque senão tem que conseguir o crédito pra ligar, mas agora é mais fácil, **a gente sempre mantém contato***” (P9 – Haiti)

A teoria sobre fatores de proteção traz a importância da dimensão familiar, uma vez que é uma fonte importante de vínculos (Schenker & Minayo, 2005). Autores já apontaram o papel essencial que a família ocupa na esfera cotidiana dos universitários imigrantes como fonte de apoio social e psicológico (Wong, Wang & Maffini, 2014; Ying, Lee & Tsai, 2007). Assim, observa-se que muitos desses sujeitos passam a manter os contatos com os membros da família com frequência, com o objetivo de manutenção do vínculo com o país de origem e de diminuição do sentimento de perda e angústia de separação (Doku & Meekums, 2014).

A unidade temática 4.2.2 *Elementos culturais* engloba diversos mecanismos de identificação e elementos da identidade cultural de origem, adotados pelos universitários imigrantes de forma a diminuir – simbolicamente – a distância e a solidão que sentem por deixarem o país de origem. São símbolos carregados de memórias afetivas e que contribuem para o sentimento de coerência interna: o uso da língua materna, a comida, as músicas típicas do país de origem e a dança. Entre os elementos culturais trazidos pelos participantes desta pesquisa, 11 apontaram o papel da língua materna, conforme os seguintes exemplos:

*“Sim a gente fala crioulo **a gente gosta de falar crioulo**”* (P1 – Haiti)

*“Também isso da língua, [...], os seis meses que eu tava lá [em Lages], não, minto, quatro meses que eu consegui falar espanhol com a pessoa da Colômbia, e eu tive de viajar até Pelotas para eu conseguir falar com ele pessoalmente, que **eu sentia muita falta disso**. [...] aqui em Florianópolis tem dias que **quando eu estou com estrangeiros, a gente não fala português**”* (P5 – Colômbia)

*“**A gente fala, prefere falar em espanhol**. No início a gente tentava falar em português, mas é um pouco chato porque tem coisas que não tem como*

falar em português. É... Expressões que não dá para traduzir. Então a gente prefere falar em espanhol” (P14 – Colômbia)

Inicialmente, é importante destacar que a linguagem possui uma série de funções psicodinâmicas. O processo de colocar em palavras as experiências e sensações é uma forma de assimilar memórias e sentimentos a ela vinculados, diminuindo o efeito desorganizador de afetos negativos. A língua materna também cumpre funções complexas, permitindo que o sujeito de conecte com emoções e lembranças que o remetem à sua infância e à sua origem. Dessa forma, além da função de comunicação, a linguagem contempla um papel importante nas representações culturais do sujeito (Ainslie *et al.*, 2013). O uso da língua materna também permite a identificação perante o grupo, marcando quem pertence ou não a ele, assim, criando um reconhecimento, inclusão e compartilhamento de identidade (Nathan, 1994).

Outro elemento cultural observado em 10 participantes foi em relação à comida, isto é, consumir alimentos semelhantes aos consumidos no país de origem, ilustrado assim:

*“Quando a gente cozinha em casa mesmo que no Haiti não acha todos os ingredientes aqui **tipo a nossa comida é bem típica do Haiti né**” (P1 – Haiti)*

*“Em relação à comida, **meu café da manhã é o mesmo que eu comia na Colômbia**, porque lá na minha família, sempre o café da manhã foi muito importante, mais que o almoço e a janta. Então **eu ainda conservo isso** [...] aí quando as coisas estão acabando... pelo menos o chocolate amargo, que é uma coisa que na minha região a gente toma muito de manhã, daí quando ele está acabando, pega uma pessoa que vai para lá e então, “ah será que você não pode me trazer um chocolate amargo?””(P5 – Colômbia)*

*“Ah, como... a cozinha haitiana eu gosto muito. Bom, **é uma comida que eu fuço, é comida haitiana**. É comida que eu sei fazer, não posso fazer uma comida que eu não sei fazer. [...] É, não to no Haiti, mas... **não to morando no Haiti, mas... o Haiti sempre fica no meu coração**” (P11 – Haiti)*

*“Eu tento cozinhar tudo bem próximo, sabe. **Que eu sinto, assim, uma saudade da comida da Colômbia.** Eu sinto muito. Então... Sinto muita falta. [...] Mesmo com essa semelhança você começa a sentir uma **saudade do sabores... com aquilo que você foi, né... comia quando era criança, sabe, que lembra muito seu lar.** Então eu sempre tento tudo assim, os temperos... **Usar tudo aquilo que eu usava na Colômbia**” (P14 – Colômbia)*

Em contextos migratórios, é comum que os sujeitos desenvolvam práticas de alimentação semelhantes às daquelas do país de origem como estratégias para lidar com o novo contexto, isto é, mantendo alguns elementos da identidade cultural (Assunção, 2011). Em relação aos universitários imigrantes, a manutenção do vínculo com a cultura de origem, por meio da alimentação, já foi observado como prática instituída (Andrade & Teixeira, 2009; Hirsch, 2009; Mungoi, 2012; Subuhana, 2007, 2009).

Já a música e as danças típicas do país de origem foram elementos trazidos por oito participantes, conforme os seguintes trechos:

*“Da Colômbia sim, muito. Embora **eu não escutava lá muito música colombiana, mas tem dias que dá saudade aí eu coloco e escuto muito.** [...] E outros dias assim, quando eu estou fazendo a limpeza em casa, daí eu coloco música da Colômbia, que é muito movimentada daí, dá vontade de fazer as coisas” (P5 – Colômbia)*

*“Eu escuto, porque eu tenho vários CDs que eu trouxe comigo, tenho mp3, então eu tenho muitas músicas né, de lá, aí às vezes eu coloco né, no final de semana e **tá assim alguma coisa pesando eu coloco essas músicas e fico escutando né,** às vezes acesso pela internet também” (P7 – Guiné-Bissau)*

*“Manter o contato? Ah, **escutar músicas, por exemplo? Quase o tempo todo**” (P8 – Cuba)*

*“A gente vai muito dançar salsa aqui no... numa boate que tem na lagoa. **O relacionamento com a dança é salsa [...], aqui você sente porque como você está afastado completamente do seu país tenta manter uma conexão e nesse caso a cultura latina é... todos os estrangeiros latinos sempre vão dançar salsa**” (P4 – Panamá)*

No contexto da imigração, a nostalgia ocupa um lugar importante. É por meio dela que os sujeitos retomam contato com afetos importantes vinculados a experiências da infância e de outras vivências no país de origem: cheiros, lugares, gostos, comidas, músicas. Assim, elementos que remetem o sujeito à sua cultura de origem permitem evocar o vínculo com essa mesma cultura e também com sua identidade, atuando positivamente no sentimento de pertencimento (Akhtar, 1999; Doku & Meekums, 2014). Nesse sentido, conservar elementos da cultura de origem é uma forma de manter as relações de objeto, a continuidade. A evocação nostálgica por meio desses elementos responde a uma necessidade de encontrar no mundo externo aqueles elementos que são internos e que mediavam o contato com a realidade, isto é, a cultura de origem. Externalizar em elementos que evoquem a cultura de origem é uma forma de validação da própria identidade, uma vez que são carregados de afetos e vínculos (Stern, 1994). Essa também é a ideia do conceito de envelope cultural, desenvolvido por Tobie Nathan, que possui uma função continente e protetiva do aparelho psíquico (Piriot, 2011).

A unidade temática 4.2.3 *Viagens ao país de origem* fala da possibilidade que nove participantes tiveram de visitar o país de origem após o período de imigração, em geral, para passar férias. Essa unidade é ilustrada da seguinte forma:

“Eu cheguei a ponto de contar as semanas que me faltavam para voltar para Moçambique. E foi no início. Então era muita vontade de voltar, ver os pais, ver a família, ver a... Estar em Moçambique. Onde tu cresceste, onde tu nasceste e tudo o mais. Lugares bons que ficam aqui na cabeça. E... quando eu voltava, eu sempre ficava com a promessa: “eu vou, mas eu volto. Eu vou mas eu volto”. E pronto, sempre foi essa sensação, sempre foi uma sensação de saudade antecipada ao sair de lá para cá” (P13 – Moçambique)

“Eu... geralmente, assim, só no ano que defendi o mestrado... [...] Mas fora disso, eu consegui ir cada ano, pelo menos. [...] Desde que eu compro a passagem e já começo a contagem regressiva assim, eu já to marcando no calendário [...] Porque é muita... muita saudade, assim sabe. Já tô assim muito habituada, eu gosto de ficar aqui, de morar aqui, mas nunca vai ser o meu país, sabe assim. [...] Sempre que eu chego no aeroporto falo assim, ainda no avião, que o avião tá chegando lá, sabe. É uma coisa que eu sinto uma vontade de chorar. Da alegria tão grande que eu sinto de estar lá” (P14 – Colômbia)

Akhtar (1999) relaciona a possibilidade de o imigrante retornar em visitas para o país de origem como uma fonte importante de revigoração emocional e psíquico, uma vez que retoma os vínculos culturais e sociais.

Por fim, a subcategoria **4.3 Projetar-se no Brasil** refere-se à possibilidade trazida pelos participantes de se projetarem no Brasil; assim, essa subcategoria foi analisada por meio de duas unidades temáticas, conforme o Quadro 16.

Quadro 16 – Unidades temáticas referentes à subcategoria 4.3 Projetar-se no Brasil

CATEGORIA FATORES PROTEÇÃO	4: DE	4.3 Projetar-se no Brasil	4.3.1 Satisfação com a experiência migratória
			4.3.2 Possibilidade de construir a vida no país

A unidade temática *4.3.1 Satisfação com a experiência migratória* foi observada em 10 participantes, conforme os seguintes exemplos:

“Acho que você está fora do seu país, da sua cidade, e já é uma coisa difícil, um desafio, mas eu acho que também para mim tem sido uma experiência de vida para eu aprender a viver, aprender a pensar em mim um pouco” (P5 – Colômbia)

“Tá sendo ótimo né, eu gosto e tô gostando muito do Brasil e já gostava desde lá né, eu assistia tv brasileira, torcia pra seleção brasileira de futebol e tudo mais, então chegando aqui só to constatando ou reforçando aquilo que eu tinha dentro de mim que era aquele gostar” (P7 – Guiné-Bissau)

*“Ah, pra mim **está sendo uma experiência muito boa** assim, gratificante bastante, porque eu acho que estou me dando bem, porque aquelas questões que eu te falei que eu tinha atração pelo país, porque estou fazendo o que eu gosto, porque tenho mais, digamos, liberdade econômica que eu tinha no meu país, porque to aprendendo outra língua, porque tô conhecendo a cultura daqui, porque gosto daqui, por exemplo, as paisagens daqui, de muitas coisas né, **por isso pra mim é uma experiência super positiva**. Tem desvantagens como tudo na vida, que é ficar afastado do teu país, mas tem isso, é o risco que tem que o que estar correndo né”*
(P10 – Cuba)

Isso está de acordo com o apontado por Andrade e Teixeira (2009) de que, no geral, os universitários imigrantes apresentam índice satisfatório com a e experiência imigratória. Aqui se pode fazer um paralelo com as razões que levaram esses sujeitos a decidirem realizar uma formação superior em um país que não o de origem, isto é, devido a oportunidades que talvez não tivessem lá (Subuhana, 2007, 2009).

No entanto, apesar da satisfação com a experiência de imigração, é necessário pensar sobre a unidade temática 4.3.2 *Possibilidade de construir a vida no país*, isto é, se esses participantes desejam construir a vida no Brasil. O que se observou é que somente dois participantes cogitam a possibilidade de ficar no país a longo prazo, o que é compatível com o fato, já trabalhado nessa discussão, de que a maior parte deles deseja retornar ao país de origem. Ainda assim, sete participantes trouxeram que pensam em ficar no país ainda por um tempo, dando continuidade aos estudos por meio de um mestrado ou doutorado.

Em conclusão à CATEGORIA 4: FATORES DE PROTEÇÃO é possível perceber, nos participantes, estratégias que visam à integração ao país de acolhimento referem-se à busca por se inserirem em atividades fora da sala de aula, como a prática de esportes, as aulas de

dança e de idiomas e a prática religiosa. Além disso, foi observada a importância da manutenção dos vínculos com a cultura de origem, feita por meio das relações sociais com conterrâneos, do contato constante com a família e na utilização de elementos culturais no dia a dia como comida, música etc.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sair de seu país de origem para passar a viver em outro provoca diversos impactos para os sujeitos; entre eles, destacam-se os psicológicos desencadeados, principalmente, pela ruptura com sua cultura de origem. Especificamente em relação às pessoas que imigram para realizar uma formação superior, esse momento requer adaptações nas concepções de ensino-aprendizagem bem como aquelas próprias ao contato com outra cultura (idioma, ambiente, forma de se relacionar, hábitos alimentares). Ao considerar esses apontamentos, esta pesquisa teve como objetivo compreender os impactos psicológicos decorrentes da imigração em universitários imigrantes.

Na busca por alcançar esse objetivo, esta pesquisa seguiu a abordagem qualitativa, baseada epistemologicamente na Psicanálise e na Etnopsiquiatria. Assim, os dados foram coletados por meio de aplicação de um questionário sociodemográfico e entrevistas semiestruturadas com 15 universitários imigrantes (matriculados em cursos de graduação e pós-graduação), originários de diferentes países: Haiti, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Moçambique, Cuba, Colômbia e Panamá. As entrevistas com os participantes permitiram narrativas de suas histórias pessoais e elementos referentes a seus processos migratórios, as dificuldades na adaptação ao Brasil, a manutenção do vínculo com a cultura de origem e momentos de sofrimento. Assim, esse método mostrou-se adequado para alcançar o objetivo proposto por esta pesquisa.

Com a finalidade de responder aos objetivos específicos, os dados coletados foram investigados por meio da técnica de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2002), com o suporte do *software*

Atlas.ti. Assim, foi possível estruturar os resultados em torno de quatro grandes categorias: **Categoria 1: Processo Migratório**; **Categoria 2: Sofrimento Psíquico**; **Categoria 3: Fatores de Risco** e **Categoria 4: Fatores de Proteção**. Aqui é importante ressaltar que essas observações refletem a realidade dos participantes desta pesquisa e de seus respectivos país de origem.

Na **Categoria 1: Processo Migratório** observou-se que a complexidade do fenômeno migratório inicia-se muito antes da chegada ao país de acolhimento e envolve uma série de elementos do país de origem, da família e da trajetória pessoal de cada um dos participantes. O que se nota é que os participantes vêm de países nos quais imigrar para cursar o ensino superior já era algo presente, tanto na sociedade de forma geral como em suas próprias famílias. Em relação à motivação, pode-se perceber que a decisão por imigrar a fins de estudo também é influenciada pela característica da cultura de origem e das famílias dos participantes, no entanto ela também se configura como motivação pessoal. Além disso, evidenciam-se a dificuldade e os conflitos que são mobilizados ao deixar seu país de origem, sua família e seguir rumo a um novo país, uma nova cultura, até então desconhecida.

A **Categoria 2: Sofrimento Psíquico** revelou o papel exercido pela sociedade de acolhimento no sofrimento dos universitários imigrantes. Isso se dá por meio da discriminação, da desvalorização de suas origens e por marcar constantemente sua condição de estrangeiro. Também foi possível perceber nas entrevistas o sentimento de não pertencimento, isto é, de alguém que não faz parte de um grupo e que não tem um lugar definido, que lhe é reservado. Nesse sentido, esses sujeitos passam a idealizar o país de origem e a sonhar com seu retorno.

Aqui é importante retomar que a presente pesquisa priorizou nomear essa população de “universitários imigrantes”, seguindo a lógica de entidades como a UNESCO, a OECD e a OIM, as quais se referem a sujeitos que se deslocam para outro país em busca de concretizar uma formação superior como imigrantes. Do ponto de vista da Geografia, da Demografia, do Direito, do Trabalho e até mesmo da Educação, designá-los como imigrantes é algo que faz sentido, mesmo que muitos desses estudantes estejam no país com vistos temporários. Porém, em função do que foi observado no contato com os participantes e apresentado na discussão, questiona-se se na visão da Psicologia é correto utilizar essa nomenclatura. Nesse sentido, deve-se considerar também a variável psíquica, visto que é praticamente impossível projetar-se em uma sociedade ao mesmo tempo em que estão em situação temporária e com um retorno previsto para o país de origem. Essa temporalidade desencadeia impactos que são diferentes daqueles de imigrantes com uma situação definida no país de acolhimento. Para esses sujeitos, essa questão não é apenas um detalhe, mas fonte de sofrimento por não conseguirem determinar seu lugar de pertencimento e nem se projetar no país em que estão.

É interessante pensar que mesmo nos participantes desta pesquisa que possuem vistos de residência (residência permanente ou MERCOSUL) foi observado o sentimento de não pertencimento ao país de acolhimento, a dificuldade de nele se projetar e o desejo de retornar ao país de origem. Essas considerações levam a pensar que essa condição de determinar-se como temporário não é unilateral, mas também reforçada pela sociedade e pela universidade, o que gera uma invisibilidade das necessidades e dos conflitos dessa população.

Já na **Categoria 3: Fatores de Risco** buscou-se identificar elementos que evidenciam dificuldades e riscos no contato com a cultura de acolhimento. Muitas dos contratempos dos universitários imigrantes são os mesmos já documentados na literatura acerca dos problemas de adaptação de imigrantes no geral, como o desenvolvimento de relações com a população local, o idioma, os problemas financeiros e os hábitos alimentares. Especificamente no âmbito da universidade, essas questões aparecem na dificuldade inicial de acompanhar as disciplinas, devido às diferentes técnicas de ensino-aprendizagem, o que os leva a se dedicarem em excesso aos estudos em detrimento de outros aspectos de suas vidas. No entanto, é importante demarcar que essas diferenças e dificuldades costumam aparecer de forma mais acentuada no primeiro ano de imigração, isto é, no momento mais crítico da adaptação. Dessa forma, o esperado é que elas diminuam com o tempo de inserção no país de acolhimento e deem lugar a estratégias de integração.

Por fim, a **Categoria 4: Fatores de Proteção** evidencia que as estratégias de integração ao país de acolhimento acontecem concomitantemente a uma busca por uma manutenção do vínculo com o país de origem. Assim, da mesma forma que os universitários imigrantes buscam apropriar-se da cultura de acolhimento, eles também passam pelo processo de manter o contato com a cultura de origem, de forma a diminuir os efeitos da ruptura e manter a coerência psíquica e o sentimento de continuidade. Observa-se que são essenciais para o processo de integração com o país de acolhimento tanto o papel exercido pelas instituições religiosas como também o papel da universidade, que proporcionam diversas atividades, que promovem a socialização e também a apropriação de espaços da comunidade.

De maneira geral, devido à dimensão dos impactos psicológicos em imigrantes, esse estudo agrega conhecimento à temática com a população de universitários imigrantes, principalmente no que concerne ao sofrimento psíquico dessa população. Além disso, é necessário assinalar que ainda há uma lacuna de pesquisas e produções em âmbito nacional acerca dessa temática, o que ressalta a importância da necessidade de realizar novos estudos, principalmente que trabalhem com populações mais específicas como, por exemplo, somente graduandos ou pós-graduandos e que implementem pesquisas com universitários imigrantes de países distintos, de forma a averiguar as demandas específicas e possibilidades de intervenção. Também seria interessante realizar pesquisa com essa população controlando a variável de tempo em que esses estudantes estão no país de acolhimento. Outra possibilidade seria trabalhar sobre a dimensão dos projetos e programas oferecidos pelas universidades e seus impactos na adaptação dessa população, o que se justifica principalmente pelo papel central que a universidade possui no cotidiano desses estudantes.

Em conclusão, ressalta-se a necessidade de se refletir sobre formas de amenizar os impactos que a imigração tem sobre o psicológico desses sujeitos. De acordo com o que foi trazido pelas entrevistas com os participantes, um importante espaço de construção de estratégias de integração e adaptação desses estudantes é a universidade, uma vez que ela não atua somente no ambiente acadêmico mas cumpre uma função de representante da sociedade e de mediação entre o âmbito acadêmico e a comunidade.

Em relação ao contexto estudado nessa pesquisa, isto é, estudantes universitários estrangeiros que estão matriculados na UFSC,

observou-se uma fragmentação em relação as instâncias responsáveis pelos diferentes aspectos da inserção desses sujeitos na universidade. Por um lado tem-se a SINTER, que responsabiliza-se por estudantes estrangeiros de forma geral, e por outro a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) que cuida das condições de permanência desses estudantes, sendo que ambos os departamentos não comunicam-se entre si. Essa divisão contribui para a visão e a marginalização dos estudantes estrangeiros, separando-os dos demais estudantes em relação as políticas e ações voltadas aos universitários. Destaca-se ainda que essas instâncias são incumbidas somente dos estudantes de graduação, de forma que os estudantes de pós-graduação estrangeiros ficam totalmente a parte desse sistema e não são alvos de atenção da universidade em geral. Nesse sentido, pode-se pensar que a UFSC pode estar estimulando a condição de desamparo desses sujeitos.

Assim, seria importante pensar em programas específicos para essa população bem como proporcionar espaços para que as dificuldades inerentes ao processo migratório possam ser nomeadas e trabalhadas. Nesse sentido, encontra-se na literatura dados que corroboram os achados acerca do papel fundamental que a universidade possui na integração desses estudantes e, inclusive, já existem várias sugestões de intervenções possíveis como: formação de redes de suporte e troca de informações tanto com outros estudantes estrangeiros como com a população local; promover formas de conhecer a cultura local e com ela integrar-se; criar espaços institucionalizados de interação entre estudantes estrangeiros; e serviços de aconselhamento (Calderwood *et al.*, 2009; Maundeni *et al.*, 2010; McClure, 2007). Ainda é preciso destacar a importância não apenas da existência desses serviços, mas

também da sua adequação para lidar com dimensões relativas à diferença cultural e ao contato intercultural. Além disso, a relevância deste trabalho não deve ficar restrita somente aos universitários imigrantes, mas também aos servidores e professores, de modo que eles possam ser capacitados para estar atentos às necessidades e especificidades dos estudantes universitários estrangeiros.

REFERÊNCIAS

- ACNUR Brasil (2004). *Manual de procedimentos e de critérios para determinar a condição de refugiado: de acordo com a Convenção de Genebra de 1951 e o Protocolo de 1967 relativos ao Estatuto dos Refugiados*. ACNUR Brasil.
- Ainslie, R. C., Tummala-Narra, P., Harlem, A., Barbanel, L. & Ruth, R. (2013). Contemporary Psychoanalytic Views on the Experience of Immigration. *Psychoanalytic Psychology*, 30(4): 663-679.
- Akhtar, S. (1999). The immigrant, the exile, and the experience of nostalgia. *Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, 1(2): 123-130.
- Andrade, A. M. J. & Teixeira, M. A. P. (2009). Adaptação à universidade de estudantes internacionais: um estudo com alunos de um programa de convênio. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(1), 33-44.
- Arar, K., Masry-Harzalla, A. & Haj-Yehia, K. (2013). Higher education for Palestinian Muslim female students in Israel and Jordan: migration and identity formation. *Cambridge Journal of Education*, 43(1), 51-67.
- Arieli, D. & Hirschfeld, M. J. (2013). Supporting minority nursing students: 'Opportunity for Success' for Ethiopian immigrants in Israel. *International Nursing Review*, 60(2), 213-220.
- Assunção, V. K. (2011). Assunção, V. K. (2011). *Onde a comida não tem gosto: Estudos antropológicos das práticas alimentares de imigrantes brasileiros em Boston*. Tese de Doutorado. Doutorado em Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
- Bardin, L. (2002). *Análise de Conteúdo*. Portugal: Edições 70.
- Barrette, G. *et al.* (2004). Acculturation orientations of French and North African undergraduates in Paris. *International Journal of Intercultural Relations*, 28, 415-438.

- Barros, M. L. & Bairrão, J. F. M. H. (2010). Etnopsicanálise: embasamento crítico sobre teoria e prática terapêutica. *Revista da SPAGESP – Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 11(1), 45-54.
- Betts, J. (2013). Diferença cultural, sofrimentos da identidade e a clínica psicanalítica hoje. *SIG Revista de Psicanálise*, 2(1), 85-97.
- Bonazzo, C. (2007). Japanese International Female Students' Experience of Discrimination, Prejudice, and Stereotypes. *College Student Journal*, 41(3), 1-7.
- Brisset, C. *et al.* (2010). Psychological and sociocultural adaptation of university students in France: The case of Vietnamese international students. *International Journal of Intercultural Relations*, 34, 413–426.
- Brown, C. M., Gibbons, J. L. & Hughes, H. M. (2013). Acculturations Clusters and Life Satisfaction. *Acta de Investigación Psicológica*, 3(2): 1108-1121.
- Caetano, R., Clark, C. L. & Tam, T. (1998). Alcohol Consumption Among Racial/Ethnic Minorities. *Alcohol Health and Reserch World*, 22(4), 233-242.
- Calderwood, K. *et al.* (2009). When Values and Behaviors Conflict: Immigrant BSW Students' Experiences Revealed. *Journal of Ethnic And Cultural Diversity in Social Work*, 18:1-2, 110-128.
- Caluya, G., Probyn, E. & Vyas, S. (2011). 'Affective eduscapes': the case of Indian students within Australian international higher education. *Cambridge Journal of Education*, 41(1), 85-99.
- CAPES (2010). Portaria nº092, de 28 de abril de 2010.
- Chalungsooth, P. & Schneller, G. R. (2011). Development of Translation Materials to Assess International Students' Mental Health Concerns. *Journal of Multicultural Counseling And Development*, 39, 180-191.
- Constantine, M. G. *et al.* (2005a). Examining the Cultural Adjustment

- Experiences of African International College Students: A Qualitative Analysis. *Journal of Counseling Psychology*, 52(1), 57-66.
- Constantine, M. G. *et al.* (2005b). A Qualitative Investigation of the Cultural Adjustment Experiences of Asian International College Women. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 11(2), 162-175.
- Constantine, M. G., Okazaki, S. & Utsey, S. O. (2004). Self-Concealment, Social Self-Efficacy, Acculturative Stress, and Depression in African, Asian, and Latin American International College Students. *American Journal of Orthopsychiatry*, 74(3), 230-241.
- Costa-Fernandez, E. (2011). L'évaluation psychologique en situation interculturelle. In: Guerraoui, Z. & Pirlot, G. (org.). *Comprendre et traiter les situations interculturelles: approches psychodynamiques et psychanalytiques*. Bruxelles: De Boeck.
- Coutinho, M. P. L., Rodrigues, I. F. & Ramos, R. (2012). Transtornos Mentais Comuns no Contexto Migratório Internacional. *PSICO*, 34(3): 400-407.
- Coutinho, M. P. L. & Oliveira, M. X. (2010). Tendências comportamentais frente à saúde de imigrantes brasileiros em Portugal. *Psicologia & Sociedade*, 22(3), 548-557.
- Dantas, S. D. (2012). Saúde Mental e Interculturalidade: implicações e novas proposições diante dos desafios em tempos de globalização. In: _____. *Diálogos Interculturais: reflexões interdisciplinares e intervenções psicossociais* (pp. 109-132). São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo.
- Diário Oficial da União (2013). Resolução nº 466, de 12 de Dezembro de 2012. Diário Oficial da União.
- Dias, S. & Gonçalves, A. (2007). Migração e Saúde. *Revista Migrações*, n.1, 15-26.

- Divisão de Temas Educacionais (n.d.). *Programas Estudante-Convênio*. Recuperado em 15 de outubro de 2014 de <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/apresentacao.php>.
- Dócolas, J. R. L. (2011). Freud e o mal-estar na cultura. (pp. 119-128). In: _____. (org.). *Estudos Introdutórios à Psicanálise*. Porto Alegre: Evangraf.
- Doku, F. & Meekums, B. (2014) Emotional connectedness to home for Ghanaian students in the UK. *British Journal of Guidance & Counselling*, 42(4), 383-402.
- Elis, L. M. & Chen, E. C. (2013). Negotiating Identity Development Among Undocumented Immigrant College Students: A Grounded Theory Study. *Journal of Counseling Psychology*, 60(2), 251–264.
- Faria, M. L. (2009). Cooperação no âmbito do ensino superior: ser estudante angolano em universidades portuguesas. *Pró-Posições*, 20(1): 45-63.
- Fonseca, D. J. (2009). A tripla perspectiva: a vinda, a permanência e a volta de estudantes angolanos no Brasil. *Pro-Posições*, 20(1), 23-44.
- Fotovatian, S. & Miller, J. (2014). Constructing an institutional identity in university tea rooms: the international PhD student experience. *Higher Education Research & Development*, 33(2), 286–297.
- Freitas, M. H. (2013). Relações entre religiosidade e saúde mental em imigrantes: implicações para a prática psi. *Psico-USF*, 18(3), 437-444.
- Freud, S. (2014/1927). Futuro de uma Ilusão. In: Freud, S. *Obras Completas*. São Paulo, Companhia das Letras, volume 17.
- Freud, S. (2014/1926). Inibição, Sintoma e Angústia. In: Freud, S. *Obras Completas*. São Paulo, Companhia das Letras, volume 17.
- Freud, S. (2014/1917). Conferências introdutórias: terceira parte: teoria geral das neuroses. In: Freud, S. *Obras Completas*. São Paulo, Companhia das Letras, volume 13.

- Freud, S. (2012/1912-1913). Totem e Tabu. In: Freud, S. *Obras Completas*. São Paulo, Companhia das Letras, volume 11.
- Freud, S. (2010/1930). O Mal-Estar na Civilização. In: Freud, S. *Obras Completas*. São Paulo, Companhia das Letras, volume 18.
- Freud, S. (2010/1915). Luto e Melancolia. In: Freud, S. *Obras Completas*. São Paulo, Companhia das Letras, volume 12.
- Fritz, M. V., Chin, D. & DeMarinis, V. (2008). Stressors, anxiety, acculturation and adjustment among international and North American students. *International Journal of Intercultural Relations*, 32, 244–259.
- Galek, K., Flannelly, K.J., Ellison, C.G., Silto, N.R. & Jankowski, K.R.B. (2015). Religion, Meaning and Purpose, and Mental Health. *Psychology of Religion and Spirituality*, 7(1): 1-12.
- Garcia, A. (2012). Amizades de universitários estrangeiros no Brasil: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, 29(4), 471-479.
- Garcia, A. & Goes, D. C. (2010). Amizades de estudantes africanos residindo no Brasil. *Psicologia: teoria e prática*, 12(1), 138-153.
- Garcia, L. D. & Tierney, W. G. (2011). Undocumented Immigrants in Higher Education: A Preliminary Analysis. *Teachers College Record*, 113(12), 2739–2776.
- Gil, A.C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa?* (5^a ed.) São Paulo, SP: Atlas.
- Gonzalez, R. G. (2013). Same and Different: Latino College Students' Perceptions of Themselves and Others on Campus. *Journal of Hispanic Higher Education*, 12(1), 3–22.
- Grayson, J. P. (2008). The experiences and outcomes of domestic and international students at four Canadian universities. *Higher Education Research & Development*, 27(3), 215-230.
- Guerraoui, Z. (2011). Psychologie des contacts de cultures: psychologie de l'interculturalisation. In: Guerraoui, Z. & Pirlot, G. (org.).

Comprendre et traiter les situations interculturelles: approches psychodynamiques et psychanalytiques. Bruxelles: De Boeck.

- Gusmão, N. M. (2008). Diáspora Africana: a vida de imigrantes e estudantes em Portugal e no Brasil. *Reunião Brasileira de Antropologia*, 26, Porto Seguro.
- Gusmão, N. M. (2011). “Na Terra do Outro”: a presença de invisibilidade de estudantes africanos no Brasil, hoje. *Dimensões*, 26(1): 191-204.
- Hirsch, O. N. (2009). “A gente parece um camaleão”: (re)construções identitárias em grupo de estudantes cabo-verdianos no Rio de Janeiro. *Pro-Posições*, 20(1), 65-81.
- IBGE (2010). *Migração*. Recuperado em 10 de maio de 2014 de ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_Gerais_da_Amostra/errata_migracao.pdf.
- Iwamoto, D. K. & Liu, W. M. (2010). The Impact of Racial Identity, Ethnic Identity, Asian Values, and Race-Related Stress on Asian Americans and Asian International College Students’ Psychological Well-Being. *Journal of Counseling Psychology*, 57(1), 79-91.
- Jenkins, J. R. & Galloway, F. (2009). The adjustment problems faced by international and overseas Chinese students studying in Taiwan universities: a comparison of student and faculty/staff perceptions. *Asia Pacific Educ. Rev.*, 10, 159–168.
- Kagnici, D. Y. (2012). The Role of Multicultural Personality in Predicting University Adjustment of International Students in Turkey. *Int J Adv Counselling*, 34, 174-184.
- Kayitesi, M. L. & Mwaba, K. (2014). South African University Students’ Life Satisfaction And Perceptions Of African Immigrants. *Social Behavior And Personality*, 42(7), 1127-1132.
- Khawaja, N. G. & Dempsey, J. (2007). Psychological Distress in International University Students: An Australian Study. *Australian Journal of Guidance & Counselling*, 17(1), 13–27.

- Kim, E. (2012). An Alternative Theoretical Model: Examining Psychosocial Identity Development Of International Students In The United States. *College Student Journal*, 46(1), 99-113.
- Kim, E. (2014). When Social Class Meets Ethnicity: College-Going Experiences of Chinese and Korean Immigrant Students. *The Review of Higher Education*, 37(3), 321-348.
- Kirmayer, L. J., Narasiah, L., Munoz, M., Rashid, M., Ryder, A. G., Guzder, J., Hassan, G., Rousseau, C. & Pottie, K. (2011). Common mental health problems in immigrants and refugees: general approach in primary care. *Canadian Medical Association Journal*, 183(12), 959-967.
- Kurman, J., Eshel, Y. & Sbeit, K. (2005). Acculturation Attitudes, Perceived Attitudes of the Majority, and Adjustment of Israeli-Arab and Jewish-Ethiopian Students to an Israeli University. *The Journal of Social Psychology*, 145(5), 593-612.
- Langa, E. N. B. Diáspora Africana no Ceará: representações sobre as festas e as interações afetivo-sexuais de estudantes africano(a)s em Fortaleza. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 2(1): 102-122.
- Laplanche, J. (1993/1980). *Problemáticas I: a angústia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplantine, F. (1998). *Aprender a Etnopsiquiatria*. Editora Brasiliense: São Paulo.
- Lee, J. & Opio, T. (2011). Coming to America: challenges and difficulties faced by African student athletes. *Sport, Education and Society*, 16(5), 629-644.
- Liberato, E. (2012). A formação de quadros angolanos no exterior: estudantes angolanos em Portugal e no Brasil. *Cadernos de Estudos Africanos*, 23:109-130.
- Liu, D. W. Y. & Winder, B. (2014) Exploring foreign undergraduate

- students' experiences of university, *International Journal of Qualitative Studies in Education*, 27(1), 42-64.
- Malcom, Z. T. & Mendoza, P. (2014). Afro-Caribbean International Students' Ethnic Identity Development: Fluidity, Intersectionality, Agency, and Performativity. *Journal of College Student Development*, 55(6), 595-614.
- Martins-Borges, L. (2013). Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, (40), 151-162.
- Martins-Borges, L. & Pocreau, J.-B. (2009). Reconhecer a diferença: o desafio da Etnopsiquiatria. *Psicologia em Revista*, 15(1), 232-245.
- Martins-Borges, L. & Pocreau, J.-B. (2012) Serviço de Atendimento Psicológico Especializado aos Imigrantes e Refugiados: interface entre o social, a saúde e a clínica. *Estudos de Psicologia*, 29(4), 577-585.
- Maundeni, T. *et al.* (2010). Cultural Adjustment of International Students at an African University. *Journal of Psychology in Africa*, 20(1), 79-84.
- McClure, J. W. (2007). International graduates' cross-cultural adjustment: experiences, coping strategies, and suggested programmatic responses. *Teaching in Higher Education*, 12(2), 199-217.
- Minayo, M. C. S. (2010). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Misra, R. & Castillo, L. G. (2004). Academic Stress Among College Students: Comparison of American and International Students. *International Journal of Stress Management*, 11(2), 132-148.
- Morales, A., Herrera, S. & Murry, K. (2011). Navigating the Waves of Social and Political Capriciousness: Inspiring Perspectives From DREAM-Eligible Immigrant Students. *Journal of Hispanic Higher*

Education, 10(3) 266 –283.

- Moro, M. R. & Laschal, C. (2008) A Abordagem Transcultural em Psicoterapia. In: Moro, M. R. & Laschal, C. *As Psicoterapias: modelos, métodos e indicações* (pp. 131-149). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Mourão, D. E. (2009). Guiné-Bissau e Cabo Verde: identidades e nacionalidades em construção. *Pró-Posições*, 20(1): 83-101.
- Mungoi, D. M. D. C. J. (2012). Resignificando Identidades: um estudo antropológico sobre experiências migratórias dos estudantes africanos no Brasil. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, n.38, 125-139.
- Nathan, T. (1994). *L'influence qui guérit*. Paris: Editions Odile Jacob.
- Nilsson, J. E. *et al.* (2008). The Relationships Among Perfectionism, Acculturation, and Stress in Asian International Students. *Journal of College Counseling*, 11, 147-158.
- OECD (2012). *Education at a Glance: OECD Indicators*. OECD Publishing.
- OIM – Organização Internacional para as Migrações. (2009). Glossário sobre Migração. *Direito Internacional da Migração*, (22).
- Oliffe, J. L. *et al.* (2010). Connecting Masculinity and Depression Among International Male University Students. *Qualitative Health Research*, 20(7) 987 –998.
- Padilla, B. (2013). Saúde dos imigrantes: multidimensionalidade, desigualdades e acessibilidade em Portugal. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, (40), 49-68.
- Patarra, N. L. & Fernandes, D. (2011). Brasil: país de imigração? *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, III Série (24), 65-89.
- Perez, W. *et al.* (2009). Academic Resilience Among Undocumented Latino Students. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 21(2), 149-181.

- Phinney, J. S., Dennis, J. & Osorio, S. (2006). Reasons to Attend College Among Ethnically Diverse College Students. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 12(2), 347–366.
- Pirlot, G. (2011). Psychopathologie et psychosomatique psychanalytiques et interculturelles. In: Guerraoui, Z. & Pirlot, G. (org.). *Comprendre et traiter les situations interculturelles: approches psychodynamiques et psychanalytiques*. Bruxelles: De Boeck.
- Pocreau, J.-B. & Martins-Borges, L. (2013). La cothérapie en psychologie clinique interculturelle. *Santé Mentale au Québec*, 38(1), 227-242.
- Poyrazli, S. *et al.* (2004). Social Support and Demographic Correlates of Acculturative Stress in International Students. *Journal of College Counseling*, 7, 73-82.
- Poyrazli, S. & Lopez, M. D. (2007). An Exploratory Study of Perceived Discrimination and Homesickness: A Comparison of International Students and American Students. *The Journal of Psychology: Interdisciplinary and Applied*, 141(3), 263-280.
- Pussetti, C. (2010). Identidades em Crise: imigrantes, emoções e saúde mental em Portugal. *Saúde & Sociedade*, 19(1), 94-113.
- Reis, R. R. (2011). A política do Brasil para as Migrações Internacionais. *Contexto Internacional*, 33(1).
- Rudge, A. M. (2009). *Trauma*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F. & Lucio, M. P. B. (2013). *Metodologia de pesquisa* (5 ed.). Porto Alegre: Penso.
- Schenker, M. & Minayo, M. C. S. (2005). Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10(3): 707-717.
- Schwartz, S. J. *et al.* (2013). Converging Identities: Dimensions of Acculturation and Personal Identity Status Among Immigrant College Students. *Cultural Diversity and Ethnic Minority*

Psychology, 19(2), 155–165.

- Senado (2015). CRE aprova nova Lei da Migração para substituir Estatuto do Estrangeiro. Recuperado em 19 ago 2015, de: <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/05/21/cre-aprova-nova-lei-da-migracao-para-substituir-estatuto-do-estrangeiro>
- Silva, K. & Morais, S. S. (2-12). Tendência e tensões de sociabilidade de estudantes do Palop em duas universidade brasileiras. *Pro-Posições*, 1(67), 163-182.
- Sinacore, A. L. *et al.* (2011). Falling Through the Cracks: Academic and Career Challenges Faced by Immigrant Graduate Students. *Canadian Journal of Counselling and Psychotherapy*, 45(2), 168–187.
- Solano, A. C. & Perugini, M. L. L. (2013). Predictores De La Adaptación Sociocultural De Estudiantes Universitarios Extranjeros En Argentina. *Interdisciplinaria*, 30(2), 265-281.
- Stebbleton, M. J., Soria, K. M. & Huesman Jr., R. L. (2014). Recent Immigrant Students at Research Universities: The Relationship Between Campus Climate and Sense of Belonging. *Journal of College Student Development*, 55(2), 196-202.
- Stern, J. (1994). L’immigration, la nostalgie, le deuil. *International Journal of the Sociology of Language*, 109: 57-65.
- Sturm, G. (2011). Culture, société, subjectivité: les innovations de l’ethnopsychanalyse française. In: Guerraoui, Z. & Pirlot, G. (org.). *Comprendre et traiter les situations interculturelles: approches psychodynamiques et psychanalytiques*. Bruxelles: De Boeck.
- Sturm, G., Baubet, T. & Moro, M.R. (2007). Mobilising special and symbolic resources in transcultural therapies with refugees and asylum seekers: the story of Mister Diallo. In Drozdek, B. & Wilson, J.P. (Eds.). *Voices of Trauma: treating psychological trauma across cultures* (pp 210-231). New York: Springer.
- Subuhana, C. (2007). Estudantes Moçambicanos no Rio de Janeiro, Brasil: sociabilidade e redes sociais. *Imaginário – USP*, 13(14), 321-355.

- Subuhana, C. (2009). A experiência sociocultural de universitários da África Lusófona no Brasil: entremeando histórias. *Pro-Posições*, 20(1), 103-126.
- Sumer, S., Poyrazli, S. & Grahame, K. (2008). Predictors of Depression and Anxiety Among International Students. *Journal of Counseling & Development*, 86, 429-437.
- Tatossian, A. (2001). Cultura e psicopatologia: um ponto de vista fenomenológico. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 4(3), 137-144.
- Trad, L. A. (2003). Processo Migratório e Saúde Mental: rupturas e continuidade da vida cotidiana. *PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva*, 13(1), 139-156.
- Trice, A. G. (2004). Mixing It Up: International Graduate Students' Social Interactions With American Students. *Journal of College Student Development*, 45(6), 671-687.
- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, 39(3), 507-14.
- UNESCO (2014). *Global Flow in Tertiary Level Students*. Recuperado em 19 ago. 2015, de <http://www.uis.unesco.org/Education/Pages/international-student-flow-viz.aspx>
- Vilaça, H. (2008). *Imigração, Etnicidade e Religião*: o papel das comunidades religiosas na integração dos imigrantes da Europa do Leste. Estudos OI, 30.
- Volich, R. M. (2013). *Psicossomática de Hipócrates à psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Wong, Y. J. *et al.* (2014). Male Asian International Students' Perceived Racial Discrimination, Masculine Identity, and Subjective Masculinity Stress: A Moderated Mediation Model. *Journal of*

Counseling Psychology, 61(4), 560–569.

- Wong, Y. J., Wang, K. T. & Maffini, C. S. (2014). Asian International Students' Mental Health-Related Outcomes: A Person x Context Cultural Framework. *The Counseling Psychologist*, 42(2), 278–305.
- Yakunina, E. S. & Weigold, I. K. (2011). Asian International Students' Intentions To Seek Counseling: Integrating Cognitive and Cultural Predictors. *Asian American Journal of Psychology*, 2(3), 219–224.
- Yakushko, O., Davidson, M. M. & Sanford-Martens, T. C. (2008). Seeking Help in a Foreign Land: International Students' Use Patterns for a U.S. University Counseling Center. *Journal of College Counseling*, 11, 6-18.
- Yan, K. & Berliner, D. C. (2011). Chinese international students in the United States: demographic trends, motivations, acculturation features and adjustment challenges. *Asia Pacific Educ. Rev.*, 12, 173–184.
- Ying, Y.-W., Lee, P. A. & Tsai, J. L. (2007). Attachment, sense of coherence, and mental health among Chinese American college students: Variation by migration status. *International Journal of Intercultural Relations*, 31, 531–544.
- Zhang, J., Mandl, H. & Wang, E. (2010). Personality, Acculturation, And Psychosocial Adjustment Of Chinese International Students In Germany. *Psychological Reports*, 107(2), 511-525.

APÊNDICE 1 – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Você já teve experiências em outros países (morar, viajar)?
2. O que o motivou a estudar em outro país? E especificamente no Brasil?
 - Investigar o papel da família nessa decisão
 - Se outras pessoas na família já imigraram
3. Como foi sua preparação para a viagem, em relação aos procedimentos burocráticos e a escolha do curso?
4. Como foi para você sair de seu país de origem?
 - Despedida de familiares e amigos
 - Se imigrou sozinho
5. Como foi a sua chegada ao Brasil? Quais suas impressões?
 - Contato com a língua
 - Em que cidade chegou, onde e com quem morava, primeiros contatos (que pessoas, qual contexto)
 - Experiência de preconceito ou discriminação
6. Como foram os primeiros contatos com a Universidade?
 - Procedimentos de inscrição nos cursos
 - Primeiras aulas
 - Contato com os colegas de turma
7. Além de estudar, o que mais você faz?
 - Atividades de lazer, esporte, com quem faz.
 - Se trabalha ou tem um estágio
 - Se frequenta a Igreja
8. Com que você se relaciona?

- Investigar se são conterrâneos, brasileiros ou estrangeiros de outras nacionalidades. Também o contexto de convivência (universidade, Igreja, moradia)
- Com quem mora

09. Como você faz para manter contato com sua cultura de origem?

- Contato com família, com que frequência
- Se mantém contato com pessoas que ainda estão no país de origem, com que frequência.
- Contato no Brasil com pessoas do país de origem.
- Costumes típicos: comida, música, vestimenta

10. Que dificuldades você teve desde que chegou aqui?

- Dificuldades de aprendizagem
- Dificuldades burocráticas
- Se eram questões que já aconteciam no país de origem

11. Como está sua saúde?

- Investigar alimentação, sono, concentração, desconfortos físicos (dor de cabeça, cansaço), sentimentos de tristeza
- Se teve algum outro problema de saúde desde que chegou ao Brasil
- Se eram questões presentes no país de origem
- Se buscou serviços de saúde ou assistência social

12. Quando ainda morava em seu país de origem, visitou profissionais de saúde alguma vez?

13. Como está sendo viver no Brasil?

14. Quais as semelhanças entre sua vida aqui e como era lá?

15. Do que você sente falta?

16. Quais são seus projetos futuros?

- Se pretende permanecer no Brasil

APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro participante,

Eu, **Júlia de Freitas Girardi**, aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), convido-o (a), a participar do processo de coleta de dados de minha Dissertação de Mestrado, sob orientação do Prof. Dra. Lucienne Martins Borges, cujo título é **Impactos psicológicos da imigração voluntária: a experiência de universitários imigrantes**. E tem por objetivo compreender os impactos psicológicos decorrentes da imigração em universitários imigrantes.

O seu papel enquanto participante consiste em responder às questões de um roteiro de entrevista semiestruturado e a um questionário sociodemográfico. Para tanto, a entrevista será gravada em áudio. Cabe salientar, que apenas as pesquisadoras responsáveis terão acesso direto às informações relatadas por meio dos dados coletados e seguindo os preceitos éticos asseguramos que a participação será absolutamente sigilosa, não constando nome ou qualquer outro dado que possa

identificá-lo. Informamos, também, que a qualquer momento você poderá desistir da participação na pesquisa, bem como solicitar a exclusão de seus dados, retirando seu consentimento sem qualquer penalização ou prejuízo.

Este estudo não se isenta de apresentar riscos psicológicos, podendo lhe causar desconforto ao responder as entrevistas. Caso você se sentir desconfortável, além de ter o direito de interromper a participação em qualquer fase da pesquisa, a pesquisadora lhe encaminhará para os atendimentos na Clínica Intercultural vinculada ao Serviço de Atenção Psicológica – SAPSI da Universidade Federal de Santa Catarina.

As informações obtidas serão utilizadas na elaboração do trabalho científico que poderá vir a ser publicado em meios acadêmicos e científicos. Os resultados dessa pesquisa poderão auxiliar nas intervenções e avaliações psicológicas para o melhor acolhimento de diversas temáticas que interpõem. Os resultados da presente pesquisa poderão ser apresentados aos participantes após a defesa da Dissertação, em data a ser agendada.

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar do estudo, solicito sua assinatura em duas vias no referido Termo, sendo que uma delas permanecerá em seu poder. Para quaisquer outras informações, coloco-me a sua disposição pelo telefone: **(48) 99675707** e/ou no e-mail: **julia.girardii@hotmail.com**. Agradecemos a sua participação, enfatizando que esta contribuirá de modo significativo para o avanço do conhecimento psicológico.

Júlia de Freitas Girardi
Pesquisadora Principal – Mestranda

Dr^a Lucienne Martins Borges
Professora Orientadora

Eu _____,

RG: _____, declaro através deste documento o meu consentimento em participar da pesquisa intitulada **Impactos psicológicos da imigração voluntária: a experiência de universitários imigrantes**. Declaro ainda, que estou informado (a) dos objetivos da pesquisa, do método, dos meus direitos de desistir participar a qualquer momento e também do meu anonimato.

Assinatura do participante da pesquisa

Florianópolis, ____ de _____ de 2015.

APÊNDICE 3 – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO INTERCULTURAL

**(Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas –
NEMPSiC)**

Data de aplicação: ____/____/____

Dados Pessoais:

1. Nome
Completo: _____
2. Sexo: () Feminino () Masculino
3. Idade: _____ anos
4. Data de nascimento: ____/____/____
5. Estado Civil:
 () Solteiro(a)
 () Casado(a)
 () União Estável
 () Separado(a)
 () Divorciado(a)
 () Viúvo(a)
6. País de nascimento: _____

7. Cidade de
nascimento: _____

8. Cidade onde reside: _____

Escolaridade e Ocupação:

9. Escolaridade:

- ☐ Não alfabetizado
- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Ensino fundamental completo
- ☐ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ Ensino superior incompleto
- ☐ Ensino superior completo. Qual(is)

curso(s) _____

- ☐ Pós Graduação. Qual:

10. Ocupação antes da
imigração: _____

11. Ocupação atual: _____

Residência:

12. Número de cômodos da residência: _____

13. A residência é:

- ☐ Própria
- ☐ Alugada
- ☐ Familiar
- ☐ Cedida
- ☐ Outro: _____

14. Número de pessoas em sua residência, contando com você: _____
pessoas

15. Informações sobre as pessoas que residem com você:

Tipo de Relacionamento	Sexo	Idade	Ocupação	Naturalidade

Religião/Crença:

16. Pertence a alguma religião/crença?

Qual? _____

17. É praticante? () Sim () Não.

Língua

18. Qual a língua materna? _____

19. Fala alguma outra língua? Qual(is)?

20. Nível da língua portuguesa antes da imigração:

() Nenhum () Pouco () Médio () Muito

21. Apropriação da língua portuguesa atualmente:

() Ruim () Regular () Boa () Ótima

Dados sobre a imigração:

22. Data da imigração: __/__/____

23. É a primeira imigração? () Sim () Não.

24. Você imigrou sozinho? () Sim () Não.

25. Se não, com quem imigrou? _____

26. Quem ficou no país? _____

27. Motivação para a imigração: _____

26. Tipo de visto de entrada:

- () Turismo
- () Trabalho
- () Estudo
- () Residência
- () Refúgio
- () Humanitário

27. Tipo de visto que possui no momento:

- () Turismo
- () Trabalho
- () Estudo
- () Residência
- () Refúgio
- () Humanitário